

CRISTIANA MONTIBELLER

A FILOSOFIA DA LINGUAGEM DE WITTGENSTEIN:
UM PENSAR CULTURAL SOBRE OS “JOGOS DE LINGUAGEM”

JOINVILLE - SC

2010

CRISTIANA MONTIBELLER

A FILOSOFIA DA LINGUAGEM DE WITTGENSTEIN:
UM PENSAR CULTURAL SOBRE OS “JOGOS DE LINGUAGEM”

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade da Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE, como requisito para obtenção do Título de Mestre em Patrimônio Cultural e Sociedade.

Orientador: Prof. Dr. Euler Renato Westphal
Co-orientadora: Profa. Dra. Taíza Mara Rauen Moraes

JOINVILLE - SC

2010

Catálogo na publicação pela Biblioteca Universitária da Univille

M791f Montibeller, Cristiana
A filosofia da linguagem de Wittgenstein: um pensar cultural sobre os "jogos de linguagem" / Cristiana Montibeller ; orientador Dr. Euler Renato Westphal ; Dra. Taíza Mara Rauen Moraes – Joinville: UNIVILLE, 2011.

99 f. : il. ; 30 cm

Orientador: Dr. Euler Renato Westphal
Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade –
Universidade da Região de Joinville)

1. Filosofia da linguagem. 2. Jogos de linguagem. 3. Wittgenstein -
Cultura. I. Westphal, Euler Renato. II. Moraes, Taíza Mara Rauen. III. Título.

CDD 401

Dedico este trabalho às pessoas que se preocupam com a existência humana: pensam sobre o sentido da vida e possuem a coragem de mudar o seu *jogo de linguagem*.

Não sou um homem religioso, mas não posso deixar de ver qualquer problema de um ponto de vista religioso.

O cristianismo é a única via segura para atingir a felicidade.

O que não se pode falar deve-se calar.

É verdade que um jardineiro, no seu jardim, tem, ao lado das rosas, o estrume, o lixo e a palha, mas o que os distingue não é apenas o seu valor, é, sobretudo a sua função no jardim.

Wittgenstein

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela vida e pela oportunidade de mais esta conquista em minha carreira acadêmica, bem como a minha família que me serve de alicerce e está sempre presente nos momentos em que mais preciso em minha vida.

Em especial, quero agradecer ao Prof. Dr. Bortolo Valle, da Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR, que me “apresentou” Wittgenstein em suas aulas de epistemologia no Mestrado em Filosofia e que, conseguiu suportar minha falta de entendimento e falas sem sentido sobre a teoria wittgensteiniana.

Agradeço a todos os professores do corpo docente do Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade da Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE, em especial ao meu orientador Prof. Dr. Euler Renato Westphal e a minha co-orientadora Profa. Dra. Taíza Mara Rauen Moraes, que acreditaram na minha ousadia de pensamento, com muita paciência me acompanharam no decurso do mestrado e compreenderam minhas limitações e dificuldades.

Em especial também quero agradecer a Profa. Dra. Mariluci Neis Carelli, colega de classe profissional, pelo apoio, amizade, carinho e incentivo. Obrigada pela compreensão, apoio, valorização e incentivo.

Agradeço a todos os colegas de estudo da primeira turma do mestrado de 2008, bem como, da segunda turma de 2009, na qual tive a oportunidade de compartilhar conhecimentos e discussões.

Existem coisas que realmente não possuem preço, amigos apoiadores são fundamentais. Agradeço de coração a Cida e ao Werner Leber. Obrigada pelo incentivo, força e apoio.

Quero agradecer a todos aqueles que de alguma forma me incentivaram e contribuíram para a concretização desta dissertação! Obrigada!

RESUMO

Esta dissertação tem seu foco delimitado por uma análise sobre determinados aspectos presentes do pensamento de Ludwig Josef Johann Wittgenstein (1889-1951), a que se denomina “Jogos de Linguagem” (Sprachspiel), e pelas frinchas filosóficas que as reflexões desse autor permitem a respeito da noção *Patrimônio Cultural e Sociedade*. O termo “Jogos de Linguagem” surge na segunda obra do autor, especificamente nas *Investigações Filosóficas*. Nesta dissertação enfatiza-se que a cultura e seu patrimônio são questões derivadas de linguagem e seus possíveis jogos. A filosofia de Wittgenstein surge no estudo à medida que permite apontar a relação entre “o pensar” e o estabelecimento de conexões com o que se diz “saber” ou sobre o que se considera “pensar”. Uma coisa é pensar; outra é criar conceitos sobre o que se julga saber. Wittgenstein é um filósofo que enfatiza a linguagem como proposições, como possibilidades de um jogo, tal como ocorre nas ciências matemáticas. A linguagem é um manancial de códigos, indicações e referenciais que permite a noção *Patrimônio Cultural* tornar-se uma questão relevante para o conhecimento e entendimento da trajetória humana. Posto que a expressão “jogos de linguagem” está inserida no que se considera patrimônio cultural, pois com Wittgenstein a conceituação de nomes como “cultura”, “patrimônio”, “sociedade” passam a ser estruturas conceituais de como o ser humano se compreende e se define. Cultura e patrimônio cultural estão radicados na linguagem e nas condições que o próprio jogo suscita, e o quanto permite que dele se fale. No pensamento tardio do autor a linguagem assume não mais uma estrutura lógica de espelhamento do mundo, uma figuração do real, seu valor agora diz respeito ao uso em determinado contexto social. Aprender uma linguagem importa aprender as regras de determinado jogo intrínseco a ela. O que significa que conhecer e dominar estas regras resulta em assimilar uma determinada cultura ou perceber-se partícipe dela.

Palavras-chave: filosofia da linguagem; jogos de linguagem; Wittgenstein; cultura.

ABSTRACT

This dissertation focuses on a limited analysis on certain aspects present on Ludwig Josef Johann of Wittgenstein (1889-1951) thoughts, which are called "Language Games" (Sprachspiel), and through the cracks and philosophical reflections that the author allows about the concept of Heritage and Society. The term "Language Games" arises in the second publication of the author, specifically in the Philosophical Investigations. This dissertation emphasizes that the culture and heritage are issues derived from language and it's possible matches. Wittgenstein's philosophy emerges in the study as it allows to point out the relation between "thinking" and to establish connections with what is said as "know" or what is considered "thinking". One thing is to think, the other is to create concepts of what it understands. Wittgenstein is a philosopher who emphasizes language as propositions, as possibilities of a game, such as it occurs in the mathematical sciences. Language is a source code, information and references that allow the notion of Heritage become an relevant issue to knowledge and understanding of human history. Since the expression language games is embedded in what is considered the cultural heritage, because Wittgenstein the concept of names like "culture," "heritage," "society" are conceptual structures of how humans understand and define themselves. Culture and heritage are rooted into language and the conditions that the game raises, and how it allows to talk about itself. Author's afterthought, takes the language to a no more logical structure of mirroring the world, a picture of reality. Its value now relates to use in a particular social context. In learning a language it's important to learn the rules of the game determined intrinsic to it. That means knowing and mastering these rules results in assimilate a particular culture or perceive themselves participant of it.

Keywords: philosophy of language; language games; Wittgenstein; culture.

SUMÁRIO

RESUMO	6
ABSTRACT	7
CONSIDERAÇÕES INICIAIS	9
1 O JOGO: O PROBLEMA DE ANÁLISE E O RECORTE DA FILOSOFIA DE WITTGENSTEIN QUE EMBASA O FOCO DISSERTATIVO	17
1.1 O Objetivo e as imbricações filosóficas.....	17
1.2 A filosofia de Wittgenstein: vida e obra entrelaçadas.....	22
1.3 A filosofia da linguagem como “terapia do mundo”.....	33
1.4 O “primeiro” Wittgenstein: a lógica e a existência	42
1.5 O “segundo” Wittgenstein: a ação e a existência.....	44
2 MEMÓRIAS DO <i>TRACTATUS LÓGICO-PHILOSOPHICUS</i>	49
2.1 O silêncio no <i>Tractatus</i> : dizer e mostrar	49
2.2 O místico (indizível): ética, estética e religião	51
3 UM PENSAR CULTURAL SOBRE OS “JOGOS DE LINGUAGEM”	59
3.1 O sentido do mundo e da cultura	59
3.2 Reflexões a respeito da ética e da experiência estética	73
3.3 A “virada” linguística e o novo conceito de linguagem pragmática	81
3.4 A linguagem e o uso: <i>os jogos de linguagem</i> e as formas de vida	85
CONSIDERAÇÕES FINAIS	90
REFERÊNCIAS	95

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O pensamento filosófico de Wittgenstein está entre os mais complexos, desafiadores e intrigantes de todo o século XX ¹. Certamente, mais intrigante que complexo, mas sem sombra de dúvidas, as duas coisas. E mais do que isso: Wittgenstein permanece atual. Suas posturas críticas não se restringem somente ao que ele diz ou escreveu a respeito da filosofia tradicional de modo stricto, mas sobre as formas como o ser humano acessa e se refere ao conhece ou diz conhecer². O recorte que se toma como referência da filosofia de Wittgenstein, a saber, “Jogos de Linguagem” (Sprachspiel), e que funciona ao longo deste trabalho em correlação aos problemas culturais, não pode ser visto como que representando a totalidade de seu pensamento. Muito embora, o que é evidente, tem relações com as intenções mais centrais de seus escritos. Mas daí querer que o recorte feito, o chamado “Jogos de linguagem”, já constitua o que há de mais elementar em sua filosofia é agir com imprudência a respeito do pensamento wittgensteiniano. Pois este, como se verá, permanece, em grande medida, problemático e misterioso, conforme atesta um bom número de comentadores (MARCONDES, 2005) ³.

A filosofia de Wittgenstein não deve ser vista como um modelo filosófico sistemático que quer se justificar como tributário de determinada tendência. Ainda que não possa estar fora e nem negar sua familiaridade com contextos e escolas de pensamento, isto é, com situações e problemas filosóficos específicos, o autor sempre pautou, a duras penas, como se sabe, por um programa filosófico próprio e autêntico. Ou então, dizendo de outro modo, não seria justo tomar as ideias de Wittgenstein como, por exemplo, uma receita filosófica para questões determinadas, por exemplo, problemas morais. E há filosofias que se apresentam como receitas? E

¹ Muitos comentadores estão de acordo com essa afirmação. Como exemplo, MARCONDES, Danilo. **Iniciação à História da filosofia**: dos pré-socráticos a Wittgenstein. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000. Por essa razão também, sentiu-se a necessidade de registrar em notas de rodapé várias informações pertinentes, mas que não são foco direto de análise desta dissertação. Muitas e importantes informações estão nessa forma porque seu teor, embora importante, desvia e exige descrições que não são o alvo e a crítica deste trabalho dissertativo.

² Op. cit. página 271.

³ Especificamente as páginas 165 a 175 trazem um bom panorama do pensamento de Wittgenstein e suas imbricações com problemas filosóficos contemporâneos, que permanece relevante pela profundidade e envergadura com que Wittgenstein o cunhou. Os problemas que esse panorama do enfoca surgirão alhures ao longo deste texto dissertativo.

as que assim se apresentarem podem ser levadas a sério? Também não se pode dizer que problemas morais estejam completamente excluídos do horizonte de suas reflexões filosóficas. Mas esse é um detalhe. Wittgenstein, de modo direto, não é um pensador de problemas éticos e sociais. Bem ao contrário, seu pensamento procurou uma estrutura que visa à fundamentação de nossos critérios para a consecução de conceitos e de nossas formas de reconhecer proposições que designam coisas e entendimentos. A maneira que usamos a linguagem para designar coisas e nós mesmos, ou tratar problemas da ordem da cultura, para ficar no problema que é peculiar às intenções desta pesquisa, implica um jogo com regras que constituem a linguagem, e cujo limite o uso e as aplicações práticas delimitam ⁴.

Sua própria vida, sua aversão à prática acadêmica tradicional, tanto da filosofia como de outras áreas também e a pouca importância que dava ao pensamento clássico, fez dele não só um pensador excêntrico, mas, sob muitos aspectos, único. A filosofia proposicional de Wittgenstein opera reflexões sobre as formas com que nos referimos sobre as coisas. Um espectro amplo que permite várias aplicações e usos. Wittgenstein não investigou problemas de escolas filosóficas tradicionais como o platonismo, cartesianismo, idealismo, e nem se pôs a comentar outros autores de modo técnico e exegético. Pelo menos não o fez de modo explícito e deliberado. E, se o fez aqui e acolá em alguns de seus escritos, tal questão é tão somente um pormenor no todo de sua reflexão. E se os problemas tradicionais da filosofia encontram lugar nos seus textos é porque as suas críticas podem servir para ver com “olhos novos” problemas antigos. Ele não foi um historiador ou um comentador da filosofia no sentido técnico que esse termo é empregado a ponto de expressar aversão a esse tipo de prática filosófica.

A filosofia de Wittgenstein, pelo menos aquela parcela que dela retivemos para a fundamentação das prerrogativas desta dissertação, se dá em torno de

⁴ Aqui cabe um pequeno exercício socrático. Na divulgada frase de Wittgenstein segundo a qual “os limites da linguagem denotam também os limites de mundo”, não se está dizendo que a linguagem tem um limite conhecido. Uma interpretação assim é falsa. Mas também não é correto partir ao oposto e afirmar que a linguagem é ilimitada. Esse dualismo, ou isso ou aquilo é perigoso. O que Wittgenstein sugere é que as formas criativas que a linguagem permite, são indeterminadas. O limite é o que se determinou pela cultura, pela ciência, pela filosofia pela concepção de arte e música de um determinado tempo histórico. Mas não se conhece, a priori, uma regra que decifre toda determinação, isto é, todo limite. O que se conhece é aquilo que se conseguiu determinar. Porém, há muito na linguagem que permanece como uma abertura ainda inexplorada.

estruturas “do possível” com nossas significações⁵. Pensar e construir conceitos válidos são coisas diferenciadas. Pensar é ato natural, um gesto da estrutura biológica e neural da maioria dos seres vivos. Os demais animais, ressalvadas as devidas proporções, também pensam. Mas não constroem conceitos, sinais, símbolos e linguagem que representa tempos históricos, particulares e delimitados por gerações e povos específicos. Não elaboram um substrato cultural, vestígios que diferenciam gerações e permite estudar concepções e ideologias de diferentes épocas. É, pois sob esse aspecto que a questão cultural relaciona-se com o seu pensamento. Não pode haver cultura, laços culturais, Patrimônio Cultural – eixo central e arcabouço teórico e investigativo desta dissertação -, sem uma relação com as formas culturais, simbólicas e figurativas de que a humanidade se serve e se serviu para expressar-se. E expressar-se seja por meio material (vestígios históricos) ou, grosso modo, por costumes e ideias religiosas ou políticas, implica o que se reconhece como Patrimônio Cultural ou simplesmente Cultura (material e imaterial).

Os problemas de pesquisa desta dissertação não se enclausuram em problemas linguísticos particulares, mas, antes, em ater-se a descrever o que é um problema linguístico para uma abordagem cultural? Não se trata de entrar no mérito da discussão linguística em si, mas de reconhecer a correlação: toda cultura pressupõe o entendimento; e todo entendimento se dá por meio do jogo que as peças da linguagem permitem reconhecer e entender. Como se relaciona Cultura, Sociedade e “Jogos de Linguagem” então? Eis o que aqui se procura analisar e descrever. Como o ser humano identifica e notifica problemas culturais? Só pode identificá-los, se também souber nominá-los. Nominar, aqui, quer significar seguir uma norma, pois nominar vem do grego “nomos” que significa regra, lei, critério. O que é Patrimônio Cultural, afinal? Se a linguagem e seus limites, na mais divulgada afirmação de Wittgenstein, denota e circunscreve as nossas concepções de mundo, então a cultura e todo seu *Patrimônio* são expressos pela linguagem e seus limites

⁵ O teor desta dissertação não é abordagem dos problemas internos da filosofia da linguagem, proposicional e lógica de Wittgenstein e as discussões dessa perspectiva diante de outras filosofias da linguagem, como a de Frege, Russell, Austin, Pierce, e Carnap, por exemplo. Isso seria assunto para uma dissertação apresentada a um centro de formação especificamente filosófico. Portanto, reitera-se, absolutamente não se trata de um trabalho de cunho filosófico stricto sensu. E sim de um trabalho multidisciplinar em que alguns aspectos da filosofia de Wittgenstein, aquelas julgadas adequadas, como o núcleo em torno do que se intitula “jogos de linguagem” são retidos para assegurar plausibilidade à configuração de uma análise de conceitos antropológicos e sociais como cultura, sociedade e patrimônio cultural. Julgar isso viável é o pressuposto que moldou e motivou a escrita desta dissertação.

também. Desse modo, pois, diz-se aqui nestas *Considerações Iniciais* e ao longo deste trabalho, que o Patrimônio Cultural é uma forma simbólica, denotativa e figurativa sobre as nossas concepções de mundo e de sociedade.

Afora os problemas estritamente epistemológicos, fundacionais e correlacionais que a dissertação aborda desde as sugestões escrutinadas de recortes do pensamento de Wittgenstein, há também a motivação pessoal. Construir, lapidar, escrutinar lentamente o trabalho com as assertivas filosóficas do austríaco, produzir excertos textuais com as questões ligadas à cultura e ao patrimônio cultural e seu recptáculo e juiz, a sociedade, constitui um desafio e também uma alegria. Quem pesquisa, aprende. É a aprendizagem que lentamente esculpe a forma como se deve combinar contextos aparentemente tão disformes, como o são a Cultura enquanto valor histórico e político, e a filosofia proposicional, a que chamamos “jogos de linguagem”, de Wittgenstein.

O texto produzido pela investigação empreendida ancora-se em pesquisa do tipo bibliográfica basicamente. Isso traz limites teóricos para quem só lê português, em decorrência da falta de interesse editorial por textos filosóficos e também pela precariedade de determinadas traduções efetuadas sem qualidade técnica. Só para se ter uma ideia, nem todas as obras de Aristóteles e Platão estão traduzidas para o português falado no Brasil ⁶. Pode haver figuras mais centrais para a filosofia ocidental que esses dois representantes da Atenas antiga? A língua materna de Wittgenstein era o alemão, embora dominasse também o inglês, seus melhores comentários segundo a avaliação de seus estudiosos se encontram em língua alemã

⁶ Aqui cabem algumas informações, embora importantes, não têm relação direta com a filosofia de Wittgenstein e, por isso mesmo as colocaremos nesta nota. Sobre os critérios de escolha do que deve ser traduzido da produção filosófica ocidental para o português praticado no Brasil, há uma crítica bem elaborada, escrita com erudição rara em comentadores nacionais, também ácida e até sarcástica em vários momentos, endereçada aos professores catedráticos de nossas principais academias. Trata-se de CARVALHO, Olavo de. **O jardim das aflições**. De Epicuro à ressurreição de César: ensaio sobre o materialismo e a religião civil. 3.ed. São Paulo: É Realizações Editora, 2010. Para o caso, v. páginas 36 a 39. Notadamente, o comentador se dirige aos professores de “padrão USP” e todo conjunto de fatores que desembocaram na famosa série **Os Pensadores**, editada e reeditada várias vezes desde 1974. Escolha de textos muito criticada por Carvalho por ter deixado de fora autores de primeira linha e ter incluído textos que não figuram nem no terceiro escalão da filosofia ocidental. São essas escolhas infelizes, conforme o comentador, guiadas muito mais por ideologias canhestras do que pelo bom senso, que impõe ao leitor e estudante de filosofia brasileiro uma visão que está na contra-mão do que ocorre em outros centros. Não há, porém, como adentrar aos problemas, por ele comentado, por serem de ordem diferente daqueles que dizem respeito diretamente aos desta dissertação.

e inglesa, porém esses tratados não estão disponíveis nas nossas bibliotecas universitárias.

A relevância deste estudo encontra-se na observação segundo a qual se verifica que o ponto de partida da filosofia, a partir do século XIX, passa a ser a linguagem e a correspondente análise filosófica. A filosofia da linguagem se torna o foco, diga-se, a preponderância dos debates filosóficos por causa do Círculo de Viena, do qual Wittgenstein foi agente central.⁷ Os estudos da linguagem, chamada Filosofia da Linguagem por aquele círculo, tomam a cena dos debates filosóficos por conta da ideologia positivista, inspirada nos moldes das ciências naturais da qual o Positivismo de Comte se nutriu e infestou também o ambiente das ciências em geral. A influência positivista foi imensa em nossa prática científica, e no Brasil ele se tornou uma ideologia tão arraigada na prática de conhecimento e classificação dos saberes que sua consequência prática assemelha-se ao papel de uma religião⁸. Tudo isso é subliminar, mas delineou a cultura, enfim, os rumos científicos e políticos da sociedade brasileira⁹. A filosofia não ficou imune a esse processo, contudo é

⁷ Associação fundada na década de 20 por um grupo de lógicos e filósofos da ciência, tendo por objetivo fundamental chegar a uma *unificação* do saber científico pela eliminação dos conceitos vazios de sentido. Ao recusar a introdução dos elementos sintéticos *a priori* no conhecimento, o Círculo liderado por Rudolf Carnap, visando eliminar definitivamente a metafísica, prega que todos os enunciados científicos devem ser sempre *a posteriori*, pois não são outra coisa senão simples *constatações*, ou seja, enunciados protocolares, só tendo significado pelo conjunto lógico, isto é, pelo sistema das transformações analíticas no qual se integram. Para uma análise detalhada do que o Círculo de Viena representou, ver DUTRA, Luiz Henrique de Araújo. **Oposições filosóficas**: a epistemologia e suas polêmicas. Florianópolis: Editora da UFSC, 2005. Sobre o Capítulo 2, páginas 47 a 71, em que há uma abordagem elucidativa sobre o que significou o Positivismo e a filosofia da linguagem para os integrantes dessa tendência filosófica.

⁸ Ver o que se diz na nota seguinte sobre a suposta religião em que o Positivismo científico se converteu.

⁹ Esse é o lado cômico e trágico das influências positivistas em nossas universidades e nos currículos de cursos. Aqui está outra questão altamente influente para o entendimento de problemas culturais e de toda estruturação da política pública do Brasil nos últimos 130 anos. A sociedade brasileira sedimentou-se, desde a fundação de nossa República (1889), sob os crivos dessa visão de mundo: o Positivismo científico. Mas o alcance dessa problemática é vasta e imbrica-se com nossos conflitos políticos. Uma análise adequada desses imensos problemas epistêmicos exigiria outro trabalho, o que desviaria este aqui de sua rota. Mesmo que se reconheça a relevância do problema, inclusive para determinados pressupostos da filosofia de Wittgenstein, precisa, infelizmente, ficar circunscrita a uma nota de rodapé. O positivismo, como filho já lapidado do iluminismo, expurgado de conceitos teológicos medievais e “atrasados” levantou sua bandeira contra a religião também. Conhecer significa reconhecer “fatos”, diz Comte em seu Curso de Filosofia Positiva, amplamente respaldado, mais tarde, por seu ilustre discípulo, Émile Durkheim. E podia ser diferente? Ser moderno, a princípio, é ser iluminista, o que implica ser contra qualquer possibilidade de doutrina religiosa. Deus, teologia e religião atrapalham o reinado da nova deusa: a ciência positiva. Aqui a filosofia sucumbiu também. À medida que problemas metafísicos foram considerados de segunda ordem, também a filosofia perdeu sua importância. O positivismo foi uma praga que infestou todos os cantos do saber. A aproximação dos filósofos da linguagem de concepções positivistas encontra-se nessas razões. Ciência implica Progresso, que por sua vez elabora a pauta do dia: a ordem econômica capitalista. Daí a frase bem

injusto rotular a filosofia de Wittgenstein, de “positivismo lógico”, como se lê generalizadamente em alguns manuais de filosofia para o Ensino Médio ou outros do gênero para iniciantes ¹⁰. Os manuais em si nada trazem de mal se quem com eles labuta tiver um discernimento crítico mínimo. Wittgenstein e seus pares de época se esforçaram para utilizar elementos do próprio positivismo linguístico, que era uma visão corrente na filosofia, e, assim, tentar romper os laços estreitos em que a visão científica e positivista ameaçava encapsular as ciências humanas, e a filosofia em particular. Ao perceber a armadilha em que a filosofia se embrenhou com a adoção de princípios vindos do Positivismo e suas pretensas exatidões, Wittgenstein instaura uma ruptura que levou o comentador a dizer que “A Segunda Filosofia de Wittgenstein destrói a Primeira” (JOHNSTON, 2008, p. 142).

A expressão “*jogos de linguagem*” propicia pensar a linguagem como uma atividade ou uma forma de vida, uma forma de comunicação e interação, na qual os falantes devem seguir regras para realizar objetivos comuns dentro de determinado contexto social. Investigar as possibilidades de reflexão sobre a cultura e sobre o conceito de *jogos de linguagem* da teoria wittgensteiniana leva ver que a linguagem pertence à cultura, que cria e recria culturas. Esse processo “criativo” é tudo aquilo que o ser humano acrescenta ao seu conhecimento além do recebe da natureza,

conhecida entre nós, **Ordem e Progresso**, lema positivista, que ganhou lugar na Bandeira Nacional. O Brasil é o único país do mundo a ter expressamente esse lema ideológico inscrito em um de seus símbolos pátrios. Incrível! O que diria August Comte, se vivo estivesse, de nossa pouca imaginação? Mas, se ser moderno é ser também contra a religião e suas pendengas essencialistas, as questões teológicas, verifica-se que a coisa andou bem diferente. O Positivismo, pelo menos no Brasil, ultrapassou as cercas de uma corrente filosófica, atribuindo à ciência em sentido técnico o status de religião. Segundo consta, o Brasil foi o único país do mundo a ter um Templo Positivista, no Estado do Rio de Janeiro. Como se vê, o Positivismo nos deu autenticidade em algumas coisas. Mas de que nos serviu isso? Os problemas metafísicos e teológicos não são facilmente evitáveis como supunha o positivismo ligeiramente. Aquilo que pôs porta afora, precisou recolher pela janela. Wittgenstein nunca caiu nessa armadilha pobre e vulgar. Toda filosofia de Nietzsche, Maurice Merleau-Ponty, Husserl e Heidegger, para ficar apenas com exemplos europeus, formam o mais genuíno protesto cujo objetivo consistiu em salvar as ideias dessa tragédia. Sobre as críticas ao Positivismo, ver, por exemplo, MARIAS, Julian. **História da filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007. Para problemas gerais do Positivismo no Brasil, uma boa síntese pode ser encontrada na análise de COSTA, Cristina. **Introdução à ciência da sociedade**. São Paulo: Moderna: 2000, especialmente para os problemas citados, páginas 46 a 69 e 171 a 191.

¹⁰ Por exemplo, CHAUI, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2005. Ou esse outro também amplamente usado como manual nas aulas introdutórias de filosofia, ARANHA; MARTINS. **Filosofando**: introdução ao estudo da filosofia. São Paulo: Editora Moderna, 2004. Esses manuais têm muita utilidade, por exemplo, para fornecer panoramas e informações gerais sobre alguns autores para um público pouco crítico ou não-especializado, e foram para esse fim mesmo destinados. Por serem generalistas nas caracterizações, acabam estereotipando determinadas tendências filosóficas. É o risco das generalizações. A culpa não é das autoras, mas da forma pouco prudente que algumas noções são empregadas, no mais das vezes, por aqueles que têm o dever de esclarecê-las.

seja por meio das gerações, do sistema de educação, das regras morais, crenças, hábitos, modos de vida.

Compete dizer ainda como se estrutura esta dissertação. Sua espinha dorsal é formada por três capítulos, cujos temas e variações são os que seguem. O primeiro dos capítulos enfoca dois problemas ou duas variantes. O primeiro desses problemas consiste em apresentar uma arquitetura mais pormenorizada sobre as relações que se considera o objetivo dissertativo deste trabalho, a saber, estabelecer nexos entre Cultura, Sociedade com os “Jogos de Linguagem” de Wittgenstein. Nas Considerações Iniciais procurou-se aclarar essa problemática, mas na Primeira Parte do Primeiro Capítulo ela é retomada. Isso de faz necessário, assim entende-se porque todo o restante da Dissertação dependerá das conceituações e delimitações ali estabelecidas. A segunda variante do Primeiro Capítulo traz uma análise da vida e a obra de Wittgenstein, delineando a forma com que chegou a estabelecer os conceitos de linguagem no *Tractatus Logico-Philosophicus* e nas *Investigações Filosóficas*. Como se sabe, na linguagem dos comentadores de história da filosofia, fala-se sempre em “Primeiro Wittgenstein” – sua fase ainda lógica e ligada ao círculo de Viena, no entanto com certa relevância nos aspectos místicos: ética, estética e religião e do “Segundo Wittgenstein” – em que dá menos ênfase à lógica proposicional - que escreve sobre a linguagem pragmática, ordinária, as formas de vida, os jogos de linguagem.

Os “jogos de linguagem” tornam-se agora mais proeminentes nessa Segunda Fase. Wittgenstein, quase como um David Hume, mergulha em sua própria ignorância para ver o que sobra. Conclui que à filosofia resta à tarefa de estabelecer códigos, conceitos, princípios, estruturas com as quais os conhecimentos se põem a jogar. À filosofia, cabe a difícil e ingrata tarefa de manter o cérebro vigilante contra os feiticeiros e engabeladores, que nos enebriam com visões torpes do mundo. Via de regra o Primeiro Wittgenstein está ligado ao *Tractatus*, enquanto o Segundo está conectado com os temas das *Investigações Filosóficas*. Na segunda fase, a problemática religiosa atormenta Wittgenstein também. Provavelmente sempre atormentou, mas na Segunda Fase o furor do Positivismo lógico da filosofia da linguagem já começava perder sua força. O Segundo Capítulo analisa os aspectos sobre o significado do silêncio em Wittgenstein, como também da mística (indizível). Esta passagem recebe o título *Memórias do Tractatus*. Trata-se, certamente de um

Wittgenstein que já não preocupa apenas com as críticas do Círculo de Viena e nem com os desafetos que amealhou com as disputas com Bertrand Russell. Também porque, nessa fase, Russell já havia percebido que Wittgenstein abandonou a vida de engenheiro e tornou-se filósofo; foi o que sempre quis. Bertrand Russell estava perto de reconhecer o mérito de seu ex-aluno, embora nunca o tenha feito explicitamente, Russell ensinava as diferenças entre a lógica de Frege, a dele própria e a de Wittgenstein.

O Terceiro Capítulo aborda os problemas culturais e as conexões que eles têm com o recorte filosófico do pensamento de Wittgenstein escolhido para o intercâmbio entre filosofia e cultura a que este trabalho dissertativo se propôs. Nesse espaço do texto, o conceito *jogos de linguagem* da teoria wittgensteiniana recebe as considerações que se julgaram possíveis e necessárias. O papel de Jogos de Linguagem é analisado em face de sua preponderância epistêmica, sua importância para a elaboração das reflexões do que seja “cultura”, do que seja “patrimônio cultural”. Pois, como se disse nas Considerações Iniciais, Patrimônio Cultural e Cultura não conceitos definidos a priori. O entendimento do que sejam passa pela capacidade de criar conceitos. E, conforme nos ensina Wittgenstein, a principal tarefa da filosofia é construir conceitos, definir proposições e jogos de linguagens que funcionem para clarificar o sentido daquilo que se quer expressar.

A linguagem pertence à cultura, cria e recria culturas, é tudo aquilo que o ser humano acrescenta à sua natureza, não recebe de ordem ou herança biológica, mas por meio das gerações, do sistema de educação, das regras morais, crenças, hábitos, modos de vida. Nesse sentido, acredita-se que é possível caminhar cientificamente na direção deste estudo sobre a filosofia da linguagem tendo como área de concentração Patrimônio Cultural, Identidade e Cidadania. A realização do conteúdo, reflexões e análises de estudo e pesquisa poderão contribuir à produção de subsídios para novas abordagens e discussões filosóficas, o propósito deste estudo é dar uma contribuição neste sentido.

1 O JOGO: O PROBLEMA DE ANÁLISE E O RECORTE DA FILOSOFIA DE WITTGENSTEIN QUE EMBASA O FOCO DISSERTATIVO

Lutamos com a linguagem.

Estamos envolvidos numa luta com a linguagem.

Wittgenstein

Este primeiro capítulo tem por objetivo descrever sobre o problema de pesquisa da dissertação, um pouco sobre a vida e a obra de Wittgenstein em âmbitos gerais, bem como apresentar os conceitos de linguagem tanto na primeira obra, no *Tractatus Logico-Philosophicus*, como na segunda, nas *Investigações Filosóficas*. Ler a obra de Wittgenstein¹¹ é um exercício de entrelaçamento entre seu pensamento e aspectos de sua vida, pois sua obra é o resultado indissociável de sua história de vida. Sua atividade filosófica não era uma atividade isolada, mas dependente de seu viver, pensar e agir, uma práxis irremovível que iniciou em Viena na Áustria e finalizou em Cambridge na Inglaterra. Além da engenharia e filosofia, suas preocupações adentravam na sua vida emocional e espiritual.

1.1 O Objetivo e as imbricações filosóficas

¹¹ Ludwig Josef Johann Wittgenstein nasceu em 26 de abril de 1889, em Viena na Áustria (na época, capital do império austro-húngaro) e faleceu em Cambridge (Inglaterra) vitimado de um câncer, no dia 29 de abril de 1951. Nasceu em Viena na Áustria, porém viveu grande parte de sua vida na Inglaterra e, para alguns historiadores Wittgenstein foi considerado o “pai do positivismo lógico” do Círculo de Viena (Áustria), para outros, o “pai da filosofia analítica” do Grupo de Oxford (Inglaterra), no entanto, o pensamento filosófico de Wittgenstein constitui uma resposta ao desafio colocado pela visão científica do mundo, que segundo sua perspectiva não considera o problema do sentido da vida, que é sem dúvida, a questão central da existência humana. Para conhecer mais sobre a vida de Wittgenstein, sua infância e família, ver CHAUVIRÉ, Christiane. **Wittgenstein**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

Esta dissertação é uma investigação sobre cultura e o respectivo patrimônio cultural a ela inerente, e determinados aspectos presentes na filosofia de Ludwig Wittgenstein, chamadas genericamente “Jogos de Linguagem”. Trata-se de correlacionar conceitos como Cultura, Sociedade, Patrimônio Cultural com os jogos, o manejo que a linguagem permite. Em Wittgenstein, nomes como Cultura, Patrimônio e Sociedade, que é o caso da investigação ora apresentada, são já concepções de mundo; termos indicativos de situações já adormecidas no cérebro. É necessário e salutar então, acordá-las, vivificá-las. Concepções essas que são chamadas também ora “fatos” ora “proposições”, como observa o comentador (BUCHHOLZ, 2009, p. 57). Como tal empreendimento é possível em um Programa de Pós-Graduação sobre Patrimônio Cultural e não de filosofia? Quem ousa, precisa explicar-se.

Pode parecer descabido, extravagante e até arrogante que se queira combinar e analisar determinados aspectos do pensamento de Wittgenstein, notadamente circunscritos ao âmbito filosófico da lógica, da filosofia da linguagem e da epistemologia, como são seus “Jogos de Linguagem”, com temas ligados à cultura e todo seu patrimônio adjacente. Ainda mais quando se verifica que o pensamento de Wittgenstein está entre os mais complexos da filosofia contemporânea. Nada disso caracteriza as intenções desta dissertação.

É, pois, necessário que se desfaça essa possível errônea interpretação. Aqui, antes de tudo se está como Kierkegaard¹² diante do imponderável que o divino representa: com “Temor e Tremor”. E mesmo que Kierkegaard seja um pensador típico do protestantismo asceta, o título da sua importante obra dá o tom da dificuldade de elaborar esta investigação. Ao olhar comum, certamente, a filosofia de Wittgenstein e o eixo de concentração de nossa investigação encontram-se em situações muito divergentes entre si, se não conflitantes, e, por isso, aparentemente

¹² Filósofo e teólogo dinamarquês considerado o “pai do existencialismo”, procurou destacar as condições específicas da existência humana e incorporá-las às reflexões filosóficas, publicou uma série de importantes livros dentre eles *Temor e tremor*. Kierkegaard (1813-1855) procurou refletir e analisar a relação existencial do homem como o mundo, consigo mesmo e com Deus. COTRIM, Gilberto. **Fundamentos da filosofia**: ser, saber e fazer. 8.ed. São Paulo: Saraiva, 1993.

incompatíveis. Achamos que não. O que exige uma explicação sobre como será feita essa conexão que, a rigor, não é nem natural, e menos ainda, lógica.

Se a cultura se expressa das mais variadas formas, e o substrato dessas formas pode ser retido conceitualmente, visto empiricamente e objetivado racionalmente e também artificialmente arquitetado então também a linguagem e seus “jogos” podem ser analisados como instrumental, princípio e possibilidade da cultura e do Patrimônio que a ela corresponde¹³. Constituem os interesses dissertativos deste trabalho agora apresentado já uma metafísica e uma concepção a priori? É possível que sim, mas há como proceder de outro modo? Precisa-se começar de algum ponto. No dizer de Aristóteles, de preferência sempre dos princípios. Como, porém, relacionar aspectos de “Jogos de Linguagem” da filosofia de Wittgenstein com os objetivos, diga-se com os princípios desta dissertação? Também porque “Jogos de Linguagem” não constitui um escrito técnico, lógico e positivo. É, antes, uma crítica de Wittgenstein à visão ingenuamente institucionalizada pelo senso comum (BUCHHOLZ, 2009).

Um aparente paradoxo surge e precisa ser posto à prova. Ora, conforme as caracterizações modernas sobre as várias esferas de alcance do entendimento humano – incumbência de uma das áreas da filosofia: a epistemologia - questões culturais são problemas sociológicos, históricos, antropológicos e até teológicos ou religiosos muito antes de serem questões filosóficas. Como realizar tal tarefa, aparentemente sem nexos? Como inserir problemas discutidos em restritos círculos filosóficos com problemas que dizem respeito ao Patrimônio Cultural? E como dissertar a partir de uma frincha filosófica de Wittgenstein para um Programa de Pós-Graduação cujo foco de concentração de pesquisa não é a abordagem de problemas estritamente filosóficos?

A questão de Wittgenstein é a fundamentação do saber e as categorias correspondentes. Sob esse ângulo, é um pensador estritamente filosófico, à medida que instaurou uma filosofia própria, e não um hermenêutico da cultura ou de

¹³ No caso desta dissertação, noções como Patrimônio Cultural, Cultura, Sociedade, são conceitos já construídos por noções, por concepções de mundo. São, em linguagem fenomenológica, “pré-conceitos”. O que torna essas concepções possíveis? Os conceitos não são naturais, mas construídos pela engenharia de nossa mente, sendo os “jogos de linguagem” parte constitutiva que possibilita a orquestração do jogo.

questões interdisciplinares, como são os pressupostos embutidos no entendimento de *Patrimônio Cultural*. Paradoxo, presunção, insensatez? De modo algum. Pois, o entendimento humano, seja de que matiz for, precisa apoiar-se em categorias que são, por princípio, assunto da filosofia (TILLICH, 2006).

Nos tempos antigos de Platão e até o século XVIII chamava-se isso Metafísica. Atualmente, por conta da fenomenologia existencial de Heidegger, tende-se usar o termo Ontologia em substituição àquele. Desse modo, as ciências e os vários matizes do conhecimento em geral nem são possíveis sem a filosofia¹⁴. Disso se segue que questões culturais podem também ser analisadas por um viés filosófico, como se procurará fazer aqui com algumas das concepções de Wittgenstein. Mas essa tarefa é árdua e precisará se pautar por um princípio válido. Supomos, e essa é a hipótese desta dissertação, que as formas com que Wittgenstein trata o que denomina “Jogos de Linguagem” nos oferecem também um suporte para a análise de problemas do *Patrimônio Cultural*. Estamos, assim, diante de dois problemas que permeiam ora explícita e ora implicitamente o espectro mais amplo desta dissertação, a saber: a) O que é “Jogos de Linguagem” para Wittgenstein? b) O que deve se entender por Patrimônio Cultural? E de modo mais técnico, por derivação outra temática se põe: que aspectos do assim denominado *Patrimônio Cultural* deve e pode ser visto sob a jurisdição dos “Jogos de Linguagem” que Wittgenstein propõe?

Não bastasse isso, verifica-se ainda que o termo *Patrimônio Cultural* não esteja a princípio, definido; pelo menos não de modo positivo. Muitas possibilidades podem abrigar-se sob as prerrogativas que enceta. O que implica um leque tão amplo que pode desviar o propósito de pesquisa que se tem em vista. Via de regra, o termo Patrimônio Cultural pressupõe um contexto tão amplo de significados e representações humanas que praticamente não haveria qualquer questão científica, artística, religiosa, teológica, mística e filosófica que não coubesse em sua amplitude. Mas isso é mais ou menos o mesmo que intentar dizer tudo e terminar

¹⁴ Esse é um importante problema que, infelizmente, não pode ser aprofundado. Ele vem da filosofia de Heidegger, principalmente de sua Ontologia Fundamental em que sustenta que as ciências modernas se baseiam em visões do senso comum quando pressupõem que podem prescindir da filosofia. O pensar, a rigor, pressupõe sempre categorias metafísicas que são, também, sempre filosóficas. Isso, não por via reta, porém por caminhos tortuosos, aproxima Wittgenstein de Heidegger. Mas como frisamos, nosso trabalho é de cunho histórico, sociológico e antropológico, portanto interdisciplinar. Dessa forma, não temos como aprofundar essa importante relação.

por dizer nada. Uma teoria do “tudo” não é possível e nem necessária. E se fosse, seria inútil. Daí se segue que os vários aspectos e uma infinidade de abordagens políticas, históricas, teológicas, artísticas e filosóficas, grosso modo, inserem-se no conceito “cultura” se considerado de modo lato. E, por consequência, encaixam-se no assim denominado Patrimônio Cultural. O que, por si só, já é também um problema de larga envergadura. Patrimônio Cultural não sendo um termo que denota entendimentos técnicos como já frisado, mas representativos cujas nuances perpassam várias ciências humanas permite, como queremos e enfatizamos também a abordagem filosófica. Aqui está nosso foco. No caso desta dissertação, sobretudo e acima de tudo, as considerações a respeito da expressão “jogos de linguagem” e a forma como nos referimos ao que dizemos conhecer ou saber, conforme as reflexões propostas por Wittgenstein.

Precisa-se, destacar quais dessas considerações são viáveis para a dissertação que ora apresentamos. Em linguagem aristotélica isso soa assim: se Patrimônio Cultural é um entendimento humano a respeito de algo que se conhece ou ao qual se atribui importância e relevância, tal feito só é possível porque a linguagem e seu jogo permitem esse entendimento. A forma como esse entendimento se torna um conhecimento objetivado pelas concepções de mundo, as várias maneiras de analisá-lo, conforme Wittgenstein forma um jogo entre o pensamento e os graus em que o cérebro pode articular uma linguagem representativa a respeito do que diz saber ou conhecer.

Wittgenstein como filósofo da linguagem, procurou demonstrar o conceito e função da filosofia como os da linguagem numa perspectiva inicialmente como lógico-proposicional de representação do mundo e posteriormente, como pragmático-comportamental de representação da vida cotidiana. Escrevendo filosofia com a sua própria vida por meio de proposições e anotações desenvolveu seu pensamento filosófico em duas fases sendo que no primeiro momento caracterizou a linguagem como figuração (representação lógica) e no segundo como instrumento (ferramenta de uso).

Ele não foi considerado um expoente entre os filósofos catedráticos, porém mesmo sem um histórico filosófico mudou a história da filosofia, suas obras filosóficas referem-se à linguagem e aos seus limites, para alguns teóricos sua

filosofia pode ser vista como uma filosofia da cultura, pela sua própria construção teórica evidenciada em sua própria existência de seu tempo. Veremos a seguir algumas reflexões sobre o entrelaçamento de sua vida e obra.

1.2 A Filosofia de Wittgenstein: vida e obra entrelaçadas

Ler a obra de Wittgenstein é um exercício de entrelaçamento entre seu pensamento e aspectos de sua vida, pois sua obra é o resultado indissociável de sua história de vida. Sua atividade filosófica não era uma atividade isolada sem nenhuma relação com sua forma de vida, mas dependente de seu viver, pensar e agir, uma práxis irremovível que iniciou em Viena na Áustria e finalizou em Cambridge na Inglaterra. Além da matemática, engenharia e filosofia, suas preocupações adentravam na sua vida emocional e espiritual.

Wittgenstein tinha uma imaginação surpreendente até mesmo para o mundo dos filósofos catedráticos e profissionais. Costumava dizer que a prática da filosofia não se resume a conteúdos como ocorre nas ciências em geral, mas que a prática filosófica é uma maneira de disciplinar o cérebro para pensar. Pensar, então, significa remover o véu que as concepções de mundo pressionaram em nossas mentes. As coisas não estão onde aparentemente as vemos, mas o que vemos, frequentemente constitui engano quando se é demasiadamente ingênuo diante da linguagem e das ciências.

Wittgenstein escreveu pouco se comparado a pensadores, compatriotas ou não, de seu tempo. Todavia, se escreveu pouco, isso em nada torna a sua filosofia menor que outras. *O Tractatus* e as *Investigações* permanecem entre as mais significativas obras de filosofia de todos os tempos e inexauríveis em problemas e enigmas. Sua forma excêntrica e peculiar de abordar problemas do conhecimento, desde a ética e a cultura até a lógica matemática e as ciências empíricas de modo geral, continua a fazer dele uma referência em várias áreas de estudo. Sua visão aguçada é uma característica marcante. O filósofo não era um exímio conhecedor

da história da filosofia e das ideias alheias. E nem queria sê-lo. Dava pouca importância ao laudatorismo filosófico profissional, mas era um disciplinado pensador. Um lutador solitário. Filosofia, para ele, não é um conteúdo, mas um exercício para o cérebro. Uma espécie de disciplina para que as concepções de mundo não intoxiquem e nem enfeitem o cérebro. Esse esforço, essa luta incompreendida, encontrou muitos simpatizantes em várias partes do mundo¹⁵. Escreveu praticamente sobre diversos ramos que compõem tecnicamente a filosofia, a saber, a lógica, a linguagem, a estética, a metafísica também chamada ontologia, dentro outros. Ainda que sua obra esteja mais ligada ao Círculo de Viena, que era constituído também por filósofos da matemática e da lógica, dentre eles o destacado Rudolf Von Carnap. Por ter integrado esse círculo, Wittgenstein propôs um tratado de filosofia que permitia múltiplos enfoques. Como cremos, permite também a reflexão e análise de temas da cultura e suas respectivas questões patrimonialistas.

A vida de Wittgenstein foi marcada não somente por mudanças de opiniões, ideias e conceitos, mas também de caráter, uma série de transformações e momentos de crises marcaram sua história. “É como se a sua vida fosse uma batalha contínua com a sua própria natureza”, descreve Monk (1995, p.19). Ele pertencia a uma das famílias mais ricas da Áustria, era o filho mais novo, tinha três irmãs e quatro irmãos, seu pai era diretor de uma grande siderúrgica vindo a organizar o primeiro cartel do aço na indústria austríaca, sua mãe transformou a casa da família em um centro artístico e cultural, e tinha uma especial devoção à música. Muitos compositores, músicos, pintores e poetas importantes da época frequentavam a casa da família Wittgenstein que investia na cultura vienense doando recursos e patrocinando concertos¹⁶. Conforme nos informa o comentador, “Os Wittgenstein eram por excelência uma família de alto nível cultural, ao que

¹⁵ Apenas a título de exemplo, no campo filosófico nos Estados Unidos sua obra tem mais destaque que Martin Heidegger. Isso não é pouco. Heidegger, como se sabe, é o mais proeminente pensador da filosofia européia de todo século XX. Uma boa análise sobre Wittgenstein pode ser encontrada em BUCHHOLZ, Kai. **Compreender Wittgenstein**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2009. Da obra desse autor, para a situação a que nos referimos nestas **Considerações Iniciais**, a título de exemplo e informação, páginas 55 a 85. Todavia, ao longo da dissertação os comentários de Buchholz (2009) funcionarão como importante suporte teórico.

¹⁶ O próprio Wittgenstein, em certo momento de sua vida, contribuiu com uma importante soma de dinheiro para a atribuição de prêmios literários.

parece bastante esnobe, mas cheia de charme, voltada para a arte de vanguarda e dedicada ao mecenato, graças a sua imensa fortuna” (CHAUVIRÉ, 1991, p.21).

A educação de Wittgenstein processou-se em casa até aos quatorze anos de idade, demonstrou, segundo seus biógrafos, grande interesse por engenhos mecânicos, estudou matemática e física na Áustria, depois foi para Berlim estudar engenharia mecânica. Em 1908 mudou-se para a Inglaterra registrando-se como estudante de engenharia dedicando-se a pesquisas aeronáuticas. De 1908 a 1912 estudou engenharia e filosofia, no entanto seus interesses começaram a se orientar para a matemática pura e, em seguida para os fundamentos da matemática. Assim sendo, aconselhado por Frege¹⁷ estudou filosofia com Russell¹⁸ na qual recebeu influência decisiva, vindo a abandonar a engenharia e, dedicando-se intensamente à lógica. Sobre sua relação com Frege, é válido o seguinte comentário que dá uma maior visibilidade ao que aqui se anuncia. Nas palavras do comentador, as coisas tiveram as seguintes consequências na vida dos envolvidos:

O conselho foi mais propício do que Frege poderia ter suposto e não só provocou uma virada decisiva na vida de Wittgenstein como também teve forte influência sobre Russell. Pois no exato momento em que Wittgenstein precisava de um mentor, Russell precisava de um protegido (MONK, 1995, p. 48).

Por influência e reconhecimento de Russell, Wittgenstein abandonou a engenharia, sendo que a lógica matemática e a filosofia analítica passaram a ser de forma exaustiva, o centro de sua atenção e interesse. Segundo Monk (1995), após um período de estudos e discussões com Russell a respeito de lógica, Wittgenstein em 1913 se isola na Noruega. Russell considerou insensato esse isolamento, porém de qualquer forma, ele ansiava se afastar da sociedade, do contato humano, das obrigações e expectativas, como salienta o comentador sobre esse episódio,

¹⁷ Gottlob Frege (1848-1925), filósofo e matemático alemão considerado o criador da lógica matemática, a partir de suas investigações sobre a linguagem matemática desenvolveu profundas reflexões sobre a natureza da linguagem e do significado.

¹⁸ Bertrand Russell (1872-1970) filósofo e matemático inglês que teve destaque não só no campo da lógica e da filosofia da matemática, como também da filosofia da linguagem na qual é necessário proceder-se a uma análise da linguagem que revelando sua verdadeira estrutura lógica mostre a relação desta estrutura como o real.

[...] estava longe da *sociedade*, livre da espécie de obrigações e expectativas impostas pela vida burguesa, fosse em Cambridge ou em Viena. Seu horror à vida burguesa decorria em parte da natureza superficial das relações que ela impunha às pessoas, mas em parte também ao fato de que *sua* própria natureza impunha-lhe um conflito quase insuportável quando precisava conviver com ela – o conflito entre a necessidade de opor-se e de conformar-se a ela (MONK, 1995, p. 96).

Wittgenstein procurava projetar um novo caminhar filosófico, autêntico, sem superficialidade, assim seus dias transcorriam entre trabalhar lógica, assobiar, caminhar, ficar deprimido, pensar em suicídio e ao mesmo tempo pensar no sentido da vida. Por vezes, o filósofo julgava que estava enlouquecendo, porém o que estava por trás desse problema é outro. Wittgenstein cedo percebeu que a lógica não daria conta dos problemas de linguagem, como ele os entendia. Ele decidiu cedo a trilha que precisava seguir. O Positivismo lógico, o Círculo de Viena e a lógica matemática de Russell não o convenciam, embora o desafiasse. Provavelmente, nunca o convenceu. Suas intrigas com Russell foram imensas, mas sempre veladas. Houve certo zelo no meio acadêmico em tornar menores essas intrigas entre ele e seu mestre. Por que, exatamente, permanece controverso e obscuro. Conforme pode se depreender do que nos informa o comentador, já nessa época Wittgenstein teria atacado severamente um escrito de Russell denominado *Theory of Knowledge* (BUCHHOLZ, 2009, p. 64). Esse seria um primeiro grande problema entre os dois e que praticamente nunca ficou menor. Wittgenstein tinha dupla inclinação: transitava intelectualmente bem pelos campos da matemática e da lógica como também pelos meandros da ética e da linguagem enquanto figuração e possibilidade de articular conceitos. Russell, aparentemente, era um lógico tradicional. Um professor catedrático que cuidava de suas ideias como se cuida de um animal de estimação. Wittgenstein, ao contrário, tratava as suas a pau e pedras. Pelo menos, nessa época. Mas também essa dupla inclinação levava-o a conflitos e perturbações.

Em meio a tudo isso, e não tendo quem pudesse dirimir suas dúvidas a respeito de seus propósitos acadêmicos, empenhou-se a procurar caminhos próprios. Todavia, não conseguia se separar de sua formação moral, judaica e rígida. Mantinha laços familiares fortes com seus pares. Não queria decepcioná-los,

haja vista, ser engenheiro de aviação era um ideal burguês que daria status à sua família na Áustria. Wittgenstein estava decidido a querer ser um radical em lógica e sua respectiva filosofia da linguagem. Para ele, nesse momento de angústia, parecia não existir meio-termo. Ou resolveria de vez velhos problemas matemáticos, linguísticos e proposicionais que atormentam a humanidade desde longas datas, ou afundaria no ostracismo para sempre. Chegou a pensar em liquidar com a própria vida, vivenciava momentos de confusão, tormento, apatia e depressão, achando por vezes que iria morrer (MONK, 1995).

Nesse período Wittgenstein já havia realizado uma série de notas sobre lógica, os limites do mundo, tendo como tema central a distinção entre o *dizer* e o *mostrar*. Veja-se, por exemplo, as seguintes afirmações, e que são também tanto intrigantes quando carregadas de certo mistério. Assim as enumera Wittgenstein no *Tractatus* (§ 5.61):

A lógica preenche o mundo, os limites do mundo são também seus limites.
Não podemos dizer na lógica: isto e isto existem no mundo, aquilo não.
Por quanto se pressuporia aparentemente que excluimos certas possibilidades, o que não pode ocorrer pois, do contrário, a lógica deveria colocar-se além dos limites do mundo, como se pudesse considerar esses limites também do outro lado.
Não podemos pensar o que não podemos pensar, por isso também não podemos *dizer* o que não podemos pensar.

O que se deve concluir de afirmações como as acima e em que elas nos auxiliam no objetivo de nossa dissertação? A primeira conclusão, a mais óbvia e cabal para os aspectos culturais, é que a lógica não dá conta de problemas que não estão em sua alçada. Nessa fase, os limites do alcance lógico da linguagem correspondiam também ao que se conhece. Conhecer e poder dizer são sinônimos. Mas Wittgenstein já havia se dado conta de alguma frincha pensante poderia escapar a essa ditadura lógica. A lógica só enceta em seu círculo napoleônico o que se deixa agarrar por seus tentáculos. De modo mais claro, a cultura pressupõe enigmas que o pensamento lentamente descortina, mas que não se dá a um só tempo, como objeto pronto e como coisa. Disso se segue então uma segunda observação, e aqui cabe o problema cultural, é que a lógica se limita aos conceitos anunciados. Se “não podemos pensar o que não podemos pensar”, conforme acima

e, “se não podemos dizer o que não podemos pensar”, então nos resta concluir que pensar corresponde ao que se pode enunciar, dizer e esclarecer. Poder-se-ia perguntar então “o quê” podemos dizer? O segredo, assim parece, está no que se pode dizer. Se disser – entenda-se também, conhecer - e pensar são sinônimos, não há saída. Só se pode dizer o que a linguagem açambarca com sua gramática, com seu léxico. Mas isso não resolve “o quê” se pode conhecer. Aqui permanece uma abertura na lógica à qual se retornará mais adiante.

Pensando passar apenas uma temporada na Áustria em Viena em 1914, para retornar depois seus estudos sobre a lógica, eclodiu nesta época a Primeira Guerra Mundial, assim não foi mais possível voltar para a Noruega ou ir para a Inglaterra como pensara, Wittgenstein alistou-se então como voluntário no exército austro-húngaro. Descreve Monk (1995, p.112), que [...] “Wittgenstein sentia que a experiência de enfrentar a morte poderia, de uma ou outra maneira, torná-lo uma pessoa *melhor*. Poder-se-ia dizer que ele partiu para a guerra não em prol de seu país, mas de sim mesmo”.

Wittgenstein demonstrava coragem no enfrentamento dos campos de batalha que também se traduziam como o enfrentamento de si mesmo. Durante a guerra manteve anotações de cunho filosófico e religioso, além de anotações pessoais, suas anotações evidenciaram uma mudança em sua vida. Escreveu, além de manuscritos pessoais e filosóficos, diversas anotações religiosas, seus cadernos de anotações mostram uma mudança profunda em sua vida religiosa ao conhecer o pensamento de Tolstoi, quando adquiriu um de seus livros, *A explicação dos Evangelhos*, durante a Primeira Guerra Mundial. Acredita-se que o que salvou-o do suicídio tenha sido sua transformação pessoal, sua conversão religiosa, sendo assim a lógica e as reflexões sobre si mesmo se tornaram o eixo de sua primeira obra, combinando teoria lógica e misticismo religioso. O pensamento filosófico de Wittgenstein constitui uma resposta ao desafio colocado pela visão científica do mundo que não considera o problema do sentido da vida, que é sem dúvida, a questão central da existência humana.

Sua primeira obra, o *Tractatus Lógico-Philosophicus*, foi escrita durante a sua participação na Primeira Guerra Mundial, trabalhou intensamente redigindo-a nos campos de concentração de guerra e finalizando-a sendo prisioneiro das tropas

italianas. Se Wittgenstein houvesse passado a guerra sem risco, medo e afrontamento, o *Tractatus* teria permanecido como um tratado somente sobre a natureza da lógica, suas observações sobre ética, estética, a alma e o significado da vida têm origem precisamente no impulso para uma reflexão filosófica mais aprofundada de sua própria vida, um impulso que tem como estímulo a consciência da morte, do sofrimento, da miséria humana (MONK, 1995).

Wittgenstein se inseriu na tradição da análise lógica da linguagem e procurou demonstrar o conceito e função da filosofia como os da linguagem, assim escrevendo filosofia com a sua própria vida por meio de proposições e anotações desenvolveu seu pensamento filosófico em duas fases. Assim no primeiro momento, escreveu o *Tractatus lógico-philosophicus*, no qual caracterizou a linguagem como espelhamento da realidade e, posteriormente, escreveu as *Investigações filosóficas*, obra publicada postumamente em 1953, na qual caracterizou a linguagem como ferramenta de uso. Esta segunda fase centraliza aspectos anteriormente não considerados no *Tractatus*, como por exemplo, a linguagem ordinária, a noção de “*jogos de linguagem*”, a multiplicidade de usos que se faz de palavras e expressões sem que haja uma forma ou essência definidora da linguagem enquanto tal.

O *Tractatus* foi a única obra que publicou em vida, em 1926, um pequeno livro composto de curtos parágrafos enumerados, ou seja, de aforismos numerados de modo a indicar os vínculos de subordinação entre as proposições escritas. Um livro sobre a lógica da linguagem, mas com perspectivismo de análise transcendental do mundo. Obteve o doutoramento com esta obra em 1929 em Cambridge. Quando foi publicado, influenciou profundamente o Círculo de Viena e seu positivismo lógico. O positivismo lógico sustentava o conceito da prova e verificabilidade dos fatos, aquilo que se pode provar pode-se falar, no entanto Wittgenstein enfatizava que o importante na vida humana é precisamente aquilo que, segundo a sua perspectiva não se pode falar, não tem como se provar, é o que ele caracterizou como inefável, indizível, místico. Assim descreve na última proposição do *Tractatus*: “7. O que não se pode falar, deve-se calar” (WITTGENSTEIN, 1968, p.129). Essa famosa e última frase da obra, expressa ao mesmo tempo uma verdade lógico-filosófica e um preceito ético, pois não podemos falar sobre o que não podemos provar, podemos apenas nada dizer, enfim respeitar por meio do silêncio.

No *Tractatus Lógico-Philosophicus*, Wittgenstein caracterizou a linguagem como espelhamento da realidade, seguindo a tradição da análise lógica da linguagem iniciada pelos filósofos matemáticos Frege e Russell, importantes pensadores da filosofia lógica e matemática com quem o filósofo teve laços de amizade. Os primeiros passos de sua filosofia são devidos aos ensinamentos que adquiriu das filosofias desses dois pensadores. Porém, mais tarde, teve divergências e conflitos com Russell que nunca foram formalmente resolvidos. O alcance das teses desenvolvidas pelo Círculo de Viena, cuja principal preocupação era a análise da linguagem, seu significado, alcances e limites, deu a Wittgenstein o primeiro núcleo de suas assertivas filosóficas expressas no *Tractatus*.

O objetivo principal do *Tractatus* é explicar a natureza da nossa linguagem representativa ou factual, explicar através da linguagem lógica, como se pode representar, afigurar e compreender melhor o mundo, como a linguagem poderia se tornar significativa. Wittgenstein nesta obra afirma na proposição 2.19 “A figuração lógica pode afigurar o mundo”. Os filósofos da linguagem centraram a atenção precisamente para a palavra “significado”, enquanto outros filósofos se preocuparam com a palavra “ser”, os da linguagem focaram o pensar e o problematizar sobre o significado das palavras e das frases. No entanto prestando uma atenção preferencial a problemas que constituíram em sua própria vida, até pela questão de sua participação na Primeira Guerra Mundial, deixou de impor uma imagem de alguém quase exclusivamente interessado pelos problemas da análise lógica da linguagem, mas sim pelos problemas existenciais.

Pensar sobre o sentido da vida constituiu-se uma tarefa primordial na existência de Wittgenstein, por vezes sentia-se atormentado pela própria ideia da existência, por várias vezes chegou a pensar na possibilidade de cometer suicídio, assim quando se refugiou, promoveu um auto-exílio do meio social, que essencialmente era uma busca de si mesmo, um exílio de si. Assim após escrever o *Tractatus*, tendo acreditado acabar com os problemas filosóficos, Wittgenstein se afasta do mundo acadêmico e vai lecionar em escolas primárias em vilas rurais na Áustria. Em 1926, pensava em ser monge e trabalhou como jardineiro num mosteiro. Viveu uma vida simples, distribuiu anonimamente grande parte da fortuna herdada dos pais para escritores e artistas austríacos, e doou o restante da sua herança aos

irmãos. Porém com seu afastamento, revendo sua própria vida percebeu equívocos no *Tractatus* e começou a redefinir seus conceitos e a rever toda a sua obra, assim se efetiva a sua segunda fase, chamada de “virada lingüística wittgensteiniana”, vindo a escrever a obra intitulada como *Investigações Filosóficas*, publicada postumamente em 1953.

Ocorre então uma mudança vertiginosa nas concepções de Wittgenstein. A virada linguística é um giro radical em sua produção e acepção filosófica. Ele abandona a correspondência entre dizer e representar como sinônimo do que se pode afirmar. Ou, como se expressa o comentador, sobre a situação que estamos a examinar: “E em sua segunda fase, a filosofia de Wittgenstein passou a tomar como modelo a linguagem ordinária, aquela que todos falamos em circunstâncias comuns, e não mais a sua estrutura oculta, a ser revelada pela análise lógica” (COSTA, 2003, p.25).

O que isso acrescenta? Vejamos. Antes, linguagem e lógica representavam o limite do conhecimento. Só se podia dizer que se conhece aquilo que logicamente, por proposições abstratas como as da matemática, pudessem também ser aclarado ou demonstrado. Não se pode dizer que isso mudou, mas se sofisticou. Ele incorpora agora a linguagem comum, as formas populares, à gramática ordinária comum no rol de suas investigações. E a linguagem comum não segue regras lógicas, mas critérios de entendimentos são o que a semântica investiga. Uma mesma palavra pode ter diferentes significados dentro de um contexto. O que dá essa multiplicidade de aplicações a um termo são os jogos que definem o uso de termos. Há, na fase mais madura de Wittgenstein, uma interpretação psicológica das formas de uso¹⁹. E essas escapam ao rigor da “positivação” entre conhecer e poder demonstrar empiricamente.

Daí se segue, grosso modo, que a lógica já não representava positivamente todas as possibilidades do que se dizem saber ou conhecer. Se há uma estrutura

¹⁹ Luiz Hebeche, professor de filosofia da UFSC desenvolveu em seu trabalho de doutoramento na PUC do Rio Grande do Sul, uma pesquisa que recebeu o nome “A filosofia da psicologia de Wittgenstein”. HEBECHE, Luiz. O mundo da consciência: sobre a filosofia da psicologia de Ludwig Wittgenstein. **Revista Portuguesa de Filosofia**, T.58, Fasc.3, jul-sep, 2002. pp. 633-641.

oculta, não será a lógica da linguagem que poderá elucidá-la, mas tal esfera pertence então a uma questão simbólica que se entende como elemento cultural, sem que seja enquadrado nas lógicas explicativas e matematizáveis. Wittgenstein dirá que o entendimento se dá sobre o que se entende e não somente por aquilo que pode ser demonstrado logicamente do ponto de vista positivo. Não importa mais dizer o que é a linguagem, mas essencialmente como ela funciona ou é usada nos diversos contextos.

Nesse ponto está a relevância dos *Jogos de Linguagem*, com o que se procura amarrar aspectos da filosofia do austríaco à constituição da cultura ou Patrimônio Cultural. Os *Jogos de Linguagem*, portanto, situa-se nesse caso, na multiplicidade de usos que se faz de palavras e expressões sem que exista uma forma ou essência definidora da linguagem enquanto tal. A linguagem, a partir das *Investigações* passa a ser considerada como ferramenta de uso. O uso define o jogo com o qual se entende determinados problemas. As diversas formas de vida, as regras de cada jogo, os contextos de comunicação na qual estão inseridos os comunicantes em determinado contexto social são definidos por critérios de uso e aplicações que não se inserem, a priori, em nenhuma lógica. Antes, pode se dizer assim, a linguagem torna-se ilógica, sob os aspectos tradicionais da filosofia positiva. Nesse sentido, ilustra-se a importância que há entre aspectos culturais e a visão de Wittgenstein. Assim Johnson, caracterizou o filósofo na segunda fase de seu pensamento: “Filósofo austríaco cujo trabalho sociológico mais relevante focalizou-se na importância da linguagem, contexto social e na maneira como interpretações individuais da realidade social modelam os padrões da vida social” (JONHSON, 1997, p.283).

A virada linguística fez de Wittgenstein alguém quase incompreensível perante a lógica tradicional, assim se faz tentar interpretar, por exemplo, a seguinte passagem que tomamos da proposição 6.54, do *Tractatus*:

Minhas proposições se elucidam do seguinte modo: quem me entende, por fim as reconhecerá como absurdas, quando graças a ela – por elas – tiver escalado para além delas. (É preciso por assim dizer jogar fora a escada depois de ter subido por ela). Deve-se vencer essas proposições para ver o mundo corretamente.

Então aqui cabe a pergunta: o que se tornou absurdo: a lógica ou sua filosofia? O que deve se entender por “ver o mundo corretamente”? Eis um ponto intrigante! Wittgenstein era inegavelmente genial, mas não conseguia, aparentemente, se expressar sobre suas assertivas mais centrais. Presume-se que quisesse dizer algo próximo da metáfora levantada por Nietzsche (2003), quando ponderou: *somente poderei voltar a vós depois que tiverdes de todo me renegado, assim não se serve bem ao mestre quando se é sempre tão somente o aluno. Então ide, usurpai-me, arrancai minha coroa de louros e parta. E, se a afirmação de Nietzsche, que mencionamos pelo conhecimento que dela temos de *Assim falava Zaratustra*, for julgada inadequada, compete que se procure explicar o absurdo de outro modo. É bem verdade que há pouca ou nenhuma relação, pelo menos direta, entre Nietzsche e Wittgenstein. Antes, muitas oposições. Wittgenstein, assim, hipoteticamente, estaria a dizer que a lógica se diluiu e que não dá conta da linguagem e seus vários modos de uso? Isso é inaceitável, pois nada é mais claro em sua filosofia que a capacidade da linguagem de representar nossas concepções filosóficas, científicas e culturais.*

Lancemos então outra hipótese. E se Wittgenstein tivesse se revestido de tamanha presunção – surto de grandeza, arrogância e delírio - e pensado que levou a lógica às últimas consequências, como quem diz: “escrevi a última palavra sobre esse tema; quem entendeu o que escrevi pode jogar todos os livros de lógica e de gramática fora porque deles não mais precisará”. Seria esse gesto o abandono das “escadas”, das quais finalmente se livrou todo aquele que o compreendeu? Mas essa é uma hipótese, certamente, também descabida. Pelo menos, de princípio. A arrogância não caracterizava o seu afazer filosófico. Mas seria Wittgenstein então um profeta? Pouco provável.

Mais aceitável é argüir que Wittgenstein está informando que a tarefa da lógica, agora em nova versão, não é mais constituir-se em um amontoado técnico de proposições lógicas como o são os elementos da matemática. Mas sim uma disciplina que mantém o cérebro ativo e vigilante contra impostores que querem nos produzir feitiços com concepções equivocadas. Filosofia não é um ofício dos profissionais apenas, mas um recurso de que todos os pensantes, se quiserem,

podem se valer. Sócrates também dizia isso, mas fundamentado em pressupostos distintos dos de Wittgenstein. Voltando à questão anterior, assim supomos, o “ver corretamente”, indica que a filosofia é um exercício autêntico da mente, uma forma de mantê-la ativa e ver as coisas do modo como elas são antes delas de tornarem concepções institucionalizadas de mundo. Os “jogos de linguagem”, como entendemos, é uma metáfora cuja atribuição principal consiste em elucidar, conceituar e verificar modos de tratamento de questões as mais diversas, entre elas, também as culturais.

Jogos de Linguagem, então, são potencialidades criadoras de conceitos e esclarecimentos sobre o que se vê, estuda e crê. “Ver corretamente”, sob esse ponto de vista, implica estabelecer o mais justo conceito que a linguagem permite. Daí que o preceito wittgensteiniano “limite da linguagem como sinônimo de limite da visão sobre mundo” se mantém. Mas ampliar o limite importa também ampliar o alcance das concepções possíveis. Ampliar o limite implica também nos livrar de concepções estreitas e equivocadas, em que “ver corretamente” indica também “curar”, fazer “terapia”, livrar a mente de fantasmas e alucinações? Seria essa a terapia que a filosofia da linguagem promove? Trataremos disso na etapa seguinte.

1.3 A filosofia da linguagem como “terapia do mundo”

No *Tractatus*, Wittgenstein redefine a filosofia até então elaborada pelos demais teóricos e a coloca no âmbito de atividade filosófica, ou seja, como uma “terapia do mundo”, como a vontade de desembaraçar o pensamento das armadilhas que lhe arma a linguagem. Segundo sua visão no *Tractatus*, o mundo não comporta o que não pertence a ele, o que não tem referência lógica, sendo assim a função da filosofia é o de mostrar os discursos com sentido ou os destituídos de sentido, assim afirma Wittgenstein na proposição 4.112:

A finalidade da filosofia é o esclarecimento lógico dos pensamentos.
 A filosofia não é teoria, mas atividade.
 Uma obra filosófica consiste essencialmente em comentários.
 A filosofia não resulta em “proposições filosóficas” mas em tornar claras as proposições.
 A filosofia deve tomar os pensamentos que, por assim dizer, são vagos e obscuros e torná-los claros e bem delimitados.

A filosofia não pode ser mais uma teoria, mas sim uma atividade prática, uma “terapia” que “limpa” enunciados que “adoecem” o mundo, pois o mesmo já está dado e não tem o que alterá-lo. Segundo Valle (2007, p.18) “A doença é fruto do modo como usamos a linguagem. No contexto de sua visão pragmática da linguagem, Wittgenstein reafirma a identidade da Filosofia como uma atividade terapêutica possuidora de caráter descritivo”. *O Tractatus* possui alguns trechos bem técnicos, do ponto de vista da lógica, no entanto é uma obra de fácil entendimento quando enfatiza o conceito de linguagem, sustenta que a linguagem nos fornece um retrato do mundo. Para Wittgenstein, no *Tractatus* a linguagem se torna significativa, ela nos fornece o “espelhamento” do mundo, assim, a filosofia passa a ser uma atividade “terapêutica”, uma “terapia”. Em sua perspectiva o mundo “adoece” quando são enunciados, por meio da linguagem, aspectos que não pertencem ao mundo, que não retratam a realidade como ela realmente é. Todos os enunciados da metafísica, da ética, da estética, da religião, enfim todos os enunciados relacionados ao campo místico são introduzidos no mundo por meio dos discursos desprovidos de sentido, pois não fazem referência lógica da realidade.

Na perspectiva de Wittgenstein, não é o mundo que é necessário mudar e sim a própria vida, pois o mundo não se muda, ele está bem como está, na proposição 6.373 do *Tractatus*, descreve: “O mundo independe de minha vontade”. É possível dizer *como o mundo é*, a ciência descreve o mundo por meio da linguagem lógica das proposições. A linguagem é considerada na primeira obra de Wittgenstein, como tendo uma estrutura lógica que reflete a realidade, ou seja, a função da linguagem era o de fornecer um retrato do mundo, uma representação real, um espelhamento da realidade.

O conceito de linguagem torna-se filosoficamente importante, sobretudo na medida em que a partir do pensamento moderno, passa-se a considerá-la como

elemento estruturador da relação do homem com o real. A linguagem como um sistema de signos convencionais pode representar a realidade, algumas teorias valorizam mais como um sistema de signos cujo propósito é a referência ao real, a representação da realidade, outras teorias definem a linguagem quanto ao seu aspecto comunicacional, no que diz respeito à interação humana, considerando que isso define a sua natureza.

No *Tractatus* Wittgenstein, redefine a filosofia e a coloca no âmbito de atividade filosófica como a vontade de desembaraçar o pensamento das armadilhas que lhe arma a linguagem. A função da filosofia é a de elaborar a lógica de nossa linguagem a fim de que sejam eliminadas as proposições desprovidas de sentido.

Nos trechos em que não é por demais técnico (no sentido lógico), o *Tractatus* é a mais estimulante obra filosófica já escrita. Sua clareza e os ousados saltos de sua argumentação a tornam às vezes quase poética, tanto quanto muitas de suas conclusões. E sua idéia básica é fácil de ser captada. O *Tractatus* é uma tentativa de delinear aquilo de que podemos falar de forma significativa, o que conduz à questão: O que é a linguagem? Wittgenstein sustentou que a linguagem nos fornece um retrato do mundo (STRATHERN, 1997, p.33).

A linguagem lógica que descreve e diz como o mundo é que faz um retrato do mundo, não diz respeito ao indizível, ao místico segundo esta proposição. Nesse sentido, segundo a proposição 6.44 citada acima, Wittgenstein fez uma tentativa de lidar com a questão existencial sem qualquer possibilidade de reconhecimento pelos positivistas lógicos da época. O Positivismo lógico, liderados por Carnap e Frege era uma escola de filosofia da linguagem que não admitia nada que não coubesse em conceitos lógicos, matemáticos ou linguísticos de modo técnico ou proposicional – expresso por códigos ou proposições. Como o “indizível” pode ser expresso por proposições lógicas e gramaticais? Eis aí o dilema filosófico. Afirmar a existência do “indizível” não significava, para os positivistas, poder demonstrá-lo ou justificar a sua existência. E como linguagem e o que se pode dizer e demonstrar está circunscrito pela denotação técnica e empírica do que se pode afirmar e dizer, o indizível não cabe na lógica. Como ficou indicado em nota de rodapé na Parte Introdutória desta dissertação, o positivismo se volta contra toda forma mística, religiosa e

essencialista. Wittgenstein, desse modo, havia se posto contra o seu círculo acadêmico. Mas mesmo assim não deixou de se preocupar e caracterizar em sua filosofia, enunciados do indizível, que não podem ser expressos nem representados por signos, palavras e vivências, que ultrapassam os limites da linguagem e do mundo. Demonstrava com o *Tractatus* seu pensamento lógico e racional, como também, ao mesmo tempo, evidenciava suas preocupações e críticas com a ciência moderna que não valorizava a existência humana, assim descreve Buchholz (2008, p.17):

Em termos de conteúdo, o pensamento de Wittgenstein se distingue, sobretudo, por tratar seriamente os problemas das ciências exatas, sem perder a distância crítica diante deles. Desse modo, Wittgenstein avança nos fundamentos epistemológicos da ciência moderna; levanta, porém, simultaneamente também, a questão das condições culturais de vida da civilização técnico-científica. [...] O traço prático-existencial do trabalho filosófico de Wittgenstein é, contudo, frequentemente negligenciado.

Os enunciados de ordem ética, estética e religiosa não podem ser contingentes e permanecem rigorosamente indizíveis, no entanto se tentar dizer o indizível não passa apenas de declarações ou proposições sem sentido acerca dos nossos juízos, conhecimentos e crenças, por isso o *Tractatus* teve certa rejeição. Assim, de acordo com o discurso do positivismo lógico, nenhuma proposição pode exprimir o sentido do mundo ou da vida, somente as proposições que podem ser ditas e, que constituem a imagem do que é referido nelas. Wittgenstein percebeu que não basta o ser humano viver puramente de modo lógico e racional. Há uma necessidade de vivência complexa cotidiana, o que exige não apenas um pensar racional, mas também um sentir que leve em consideração o inefável, o místico, o indizível. Chauviré (1991, p.31), descreve sobre as preocupações éticas e lógicas de Wittgenstein, enfatizando:

Mas, apesar das aparências que o fazem passar por um livro de lógica, são as preocupações éticas que, longe de estarem em segundo plano, predominam no *Tractatus*, pelo menos em sua “parte não escrita”, como Wittgenstein escreveu a Ficker. [...]; e é nisto que, ao que parece, que reside a *unidade* do pensamento de Wittgenstein: do início ao fim de sua obra encontramos, entrelaçados, o fio ético e o fio lógico-matemático[...].

Aspectos valorativos fazem parte da existência humana, da cultura de determinado grupo de indivíduos que reconhecem sinais de sua identidade na ética, na estética e na religião. Wittgenstein prestando uma atenção preferencial a problemas que constituíram em sua própria vida deixou de impor uma imagem de alguém quase exclusivamente interessado pelos problemas da análise lógica da linguagem, mas sim pelos problemas existenciais do ser humano, pelos sistemas de crenças e padrões de comportamento, inclusive dos seus próprios.

Nas *Investigações filosóficas* (1953), sua segunda fase, Wittgenstein repensa a linguagem, passou a considerar a linguagem ordinária que antes fora banida de suas reflexões. A função não está mais no espelhamento lógico da realidade, mas no seu valor de uso cotidiano, por isso foi considerado como tendo uma visão lingüística antropológica, não mais com preocupação com a sintaxe e a semântica das proposições, mas consideravelmente com a pragmática. Nesse sentido Araújo (2004, p. 100) descreve:

O caminho para esta nova concepção de linguagem foi uma impiedosa autocrítica: mostrar que a função da linguagem NÃO É FALAR ACERCA DO MUNDO, MAS AGIR COM A FALA NO MUNDO, pois ela é um tipo de AÇÃO, uma atividade, um comportamento, uma forma de vida.

A sintaxe é uma das funções da linguagem que define as expressões ou sentenças internas do próprio discurso, assim somente serão consideradas verdadeiras se a linguagem tiver coerência interna no próprio discurso. É caracterizada pelo estudo da relação dos signos entre si, que tem coerência lógica seguindo uma ordem, organização, estrutura, forma. A preocupação maior é se existe lógica no enunciado das proposições. Nessa perspectiva descreve Valle (2003, p.60) sobre a proposição caracterizada como *Bild*²⁰: “A proposição é uma figura (Bild) da realidade. É possível considerar que, no *Tractatus*, o autor se refere

²⁰ VALLE, Bortolo. **Wittgenstein**: a forma do silêncio e a forma da palavra. Curitiba: Champagnat, 2003.p.60. Descreve que existe um debate sobre este termo, o mesmo adotou a tradução figura para o termo alemão Bild. O termo inglês picture também é adotado como figura.

a uma situação semelhante ao que acontece ao se tomar uma fotografia – uma vez que esta representa a realidade, como aquilo que mostra uma situação por figura”.

A semântica se refere como a teoria dos significados (designatas, referências, objetos, sentidos que a linguagem designa no discurso), assim as proposições serão verdadeiras se tiverem referência ao objeto. Estabelece a relação de significação entre o objeto e o real, entre os signos e o real, sendo assim é o estudo da relação entre os signos e a realidade. A preocupação se direciona na existência do objeto. Assim que enunciados dizem o que o mundo é? Existem coisas que são faladas que não cumprem a função sintática ou semântica, somente as proposições da ciência exercem esse valor, pois comprovam a existência do fato, do objeto. Nesse sentido Wittgenstein no *Tractatus* afirma na proposição 6.1261: “Na lógica, processo e resultado são equivalentes. (Por isso não há nenhuma surpresa)”.

Para Wittgenstein, no que diz respeito a sintaxe e a semântica, a função da filosofia era a de elaborar a lógica – figuração representativa de nossa linguagem – a fim de que fossem eliminadas as proposições desprovidas de sentido, assim é considerada como atividade, ação. Especifica nas seguintes proposições do *Tractatus*:

2.2 A figuração tem em comum com o afigurado a forma lógica da afiguração.

2.201 A figuração afigura a realidade, pois representa uma possibilidade da subsistência e da não-subsistência de estados de coisas.

2.202 A figuração representa uma situação possível no espaço lógico.

2.203 A figuração representa uma situação possível no espaço lógico.

O significado de uma frase consiste no princípio da possibilidade de verificar se ela é verdadeira ou não, se tem coerência ou não, frases que não podem ser verificadas não possuem sentido. Como por exemplo, as frases que carecem de meios de verificação são aquelas consideradas falsas ou carentes de valor de verdade.

Em sua primeira fase, segundo as pretensões do *Tractatus* a linguagem ordinária, do cotidiano, deve ser banida e substituída pela linguagem lógica. Assim,

quais as proposições com sentido? Segundo ele àquelas que podem ser verificadas e que espelham a realidade, ou seja, as proposições lógicas, científicas. Wittgenstein na proposição 3.032 do *Tractatus* diz, "Representar na linguagem algo que "contrarie as leis lógicas" é tão pouco possível como representar, na geometria, por meio de suas coordenadas, uma figura que contrarie as leis do espaço; ou, então, dar coordenadas de um ponto inexistente". A função da linguagem é espelhar logicamente o mundo na busca da verdade por meio de uma figuração (imagem, modelo, figura – *Bild*), que deve ser uma imagem do real e ter uma afinidade lógica das proposições com o mundo, assim especifica:

2.202 A figuração representa uma situação possível no espaço lógico.

2.203 A figuração contém a possibilidade da situação, a qual ela representa.

2.21 A figuração concorda ou não com a realidade, é correta ou incorreta, verdadeira ou falsa.

Figuração, representação, modelos, imagens da realidade (*Bild* – figura) são aspectos fundamentais para Wittgenstein, pois como vamos identificar aquilo que existe? Como representar, figurar os fatos existentes? A ciência pode construir figuras, imagens, modelos da realidade concreta a partir de teorias que podem provar e comprovar a realidade. Nesse sentido Marques (1995, web), descreve que,

A familiaridade de Wittgenstein com a ciência de sua época não se manifestou simplesmente como uma apreciação externa de suas realizações, mas colocou em suas mãos um extraordinário instrumento conceitual sob a forma da teoria dos modelos proposta por Heinrich Hertz em seus *Prinzipien der Mechanik in neuem Zusammenhange dargestellt*. Hertz pertence à constelação dos grandes cientistas-filósofos alemães do final do século 19, e sua concepção das teorias científicas como *Bilder* dos objetos dados à experiência foi a origem da concepção wittgensteiniana da proposição como *Bild* dos fatos, que constitui a idéia central da teoria da representação desenvolvida no *Tractatus*.

Assim, a filosofia é considerada na primeira obra de Wittgenstein como uma "terapia", pois procura esclarecer e elucidar o mundo do excesso e do uso inadequado da linguagem sem sentido, sem figuração, sem imagem da realidade, de

discursos sem referência concreta da realidade, assim utiliza-se da lógica, de teorias científicas para elucidar a representação da realidade.

A linguagem pragmática se caracteriza pelo estudo dos signos em relação ao seu uso concreto entre os falantes e ouvintes, a verdade da proposição está no uso que se faz no processo comunicacional. É uma das divisões tradicionais das ciências da linguagem, diz respeito aos signos (elemento, objeto, sinal, palavra, figura, símbolo que designa ou indica outro, que representa outro) em relação ao uso, ao seu uso concreto aplicado e praticado pelos falantes de uma língua. A preocupação está no seu valor de uso.

A filosofia continua tendo o mesmo sentido nas duas obras, de não descrever o mundo, mas se debruçar sobre os modos linguísticos do mundo clarificando o pensamento, no entanto na primeira fase (*Tractatus*) Wittgenstein, valoriza a linguagem lógica e na segunda (*Investigações*) a linguagem ordinária. Assim especifica Valle (2007, p.108): “Se no *Tractatus* o objetivo do esclarecimento estava centrado sobre a lógica do pensamento que deveria refletir fielmente os fatos, nas *Investigações Filosóficas*, se volta para o jogo de linguagem adequado, para seu lugar gramatical”. Wittgenstein no *Tractatus*, no que diz respeito às funções da linguagem enfatiza a relevância da sintaxe e da semântica, no entanto, nas *Investigações Filosóficas* essas funções perdem seu valor, o que importa agora é a função pragmática da linguagem, pela questão do uso concreto pelos falantes, ou seja, no uso cotidiano da fala entre as pessoas. Assim, nas *Investigações Filosóficas*, Wittgenstein (§ 116), descreve que quando se usam palavras é necessário o questionamento sobre o seu uso cotidiano, em determinado contexto:

Quando os filósofos usam uma palavra - 'saber', 'ser', 'objeto', 'eu', 'proposição', 'nome' - e quando tratam de apreender a essência da coisa, então é preciso sempre perguntar: essa palavra é realmente usada assim, na língua em que ela se sente em casa?

A importância da linguagem está no seu modo de uso concreto, no contexto ordinário, cotidiano, onde se processa. A compreensão do significado da linguagem diz respeito especificamente ao uso que uma expressão pode ter, nos diversos

contextos, o importante na concepção pragmática é que a linguagem tenha um significado no que diz respeito ao seu uso. Araújo (2004, p.106), enfatiza a respeito dizendo que os mal-entendidos da linguagem podem ser compreendidos levando em consideração o contexto da fala:

A linguagem cria certas confusões que são próprias ao estilo humano de viver. É possível, entretanto, evitar essas confusões descrevendo o uso, comparando esse uso com jogos de linguagem. Os mal-entendidos e as armadilhas lingüísticas são contornados por uma boa sinalização, isto é, uma boa compreensão daquilo que se quis dizer naquele determinado contexto.

A teoria da figuração que sustenta a realidade, que segue uma forma lógica para se obter uma função de verdade e enunciados verdadeiros, caracterizada no *Tractatus* é desconsiderada no “segundo” Wittgenstein. Nas *Investigações Filosóficas* é enfatizado a teoria do significado em função do uso da linguagem, de como se utilizam e se expressam as palavras e frases nos diversos contextos. O significado da linguagem está no seu uso cotidiano.

A história do conhecimento se desenvolve por meio da luz da linguagem, a partir da linguagem que o ser humano se desenvolve na sociedade enquanto ser cultural, assim constrói seu modo de vida e sua existência. Salienta que por meio da linguagem que se produzem os conceitos, os significados acerca da realidade e do mundo que, em seu conjunto, formam o terreno de qualquer investigação. A linguagem tornou-se objeto importante de investigação filosófica sendo considerada como elemento estruturador da relação do homem com a realidade. Alguns teóricos a consideram mais como um sistema de signos no que diz respeito ao aspecto referência ao real, representação da realidade e outros enfatizam o aspecto comunicacional da linguagem especificando que isso é que define a sua natureza.

A produção teórica de Wittgenstein sobre a linguagem se caracterizou nesses dois sentidos, primeiramente do ponto de vista da lógica, representação da realidade e posteriormente, revisando sua obra, caracterizou a linguagem sob o ponto de vista comunicacional, no uso concreto entre os falantes. A obra de Wittgenstein, para muitos comentadores, é dividida em dois momentos, como veremos a seguir,

comenta-se de um “primeiro” Wittgenstein, cujo pensamento é expresso no *Tractatus Logico-Philosophicus*, e de um “segundo” ou último Wittgenstein, relativo à sua obra publicada postumamente, em especial as *Investigações Filosóficas*.

1.4 O “primeiro” Wittgenstein: a lógica e a existência

O *Tractatus*, escrito nas trincheiras austríacas durante a Primeira Guerra Mundial tornou-se a tese de doutorado de Wittgenstein, apresentada na Universidade de Cambridge na Inglaterra, um dos pólos da valorização da matemática e da lógica na época. Com o *Tractatus*, Wittgenstein pretendia dar explicações da origem das proposições e sua natureza com os estados de coisas, segundo ele uma proposição é compreendida como uma figuração que procura retratar, espelhar a realidade, por isso tentou estruturar a lógica da linguagem como representação do mundo. Somente por meio da lógica – categoria de possibilidade de representação – que se poderia representar o mundo via linguagem, vindo assim descrever o seguinte autor:

Com efeito, essa essência em comum garante a “representação” do mundo pela linguagem, isto é, a lógica é a condição transcendental de possibilidade dessa representação. Mais que um instrumento epistemológico, no *Tractatus*, a lógica constitui-se em uma categoria ontológica que possibilita a relação entre a linguagem e o mundo (CONDÉ, 1998, p.136).

Segundo o pensamento de Wittgenstein o objetivo da filosofia seria o de clarificar o pensamento por meio da lógica, não se deveria esperar da filosofia proposições sem significado lógico e evidente, mas a clarificação das proposições, por isso enfatizava a filosofia não como uma teoria, mas como uma atividade, uma atividade lógica de possibilidade de representação. A filosofia tem por finalidade esclarecer logicamente os pensamentos, não é uma teoria, mas essencialmente

uma atividade, uma ação que procura tornar claras as proposições e, os pensamentos que são vagos e obscuros torná-los claros e bem delimitados (WITTGENSTEIN, 1968).

Com o *Tractatus*, a filosofia sendo então uma atividade consiste na linguagem não ordinária, não cotidiana, mas propriamente na linguagem lógica, trata-se de uma linguagem ideal e estruturada para espelhamento da realidade, que enuncia uma imagem da realidade. Para Wittgenstein a linguagem lógica pretendia mostrar como uma proposição é capaz de esclarecer um estado de coisas real ou possível, se as proposições têm sentido, se podem ser verdadeiras ou falsas. No *Tractatus*, Wittgenstein formula sua teoria se baseando na figuração lógica dos enunciados evidenciando as proposições como imagem real da realidade, como também no sentido de veracidade dos enunciados. Nesse sentido Penco (2006, p.75) descreve que:

Encontramos no *Tractatus* duas teorias dos enunciados que se apóiam reciprocamente, embora sejam em parte independentes uma da outra:

1. a teoria do enunciado como imagem;
2. a teoria do enunciado como função de verdade.

Segundo Wittgenstein o *Tractatus* é uma obra que trata da linguagem lógica na busca de elucidações verdadeiras, porém ao mesmo tempo é uma obra ética, com perspectivas no inefável, no místico, fios condutores de seu pensamento e de sua existência que não se alteraram até o fim de sua vida, pois foi um exemplo de vida dedicada e disciplinada, voltada com muito apreço para o seu trabalho.

Em sua perspectiva sua teoria não deve ser considerada como uma obra de epistemologia e lógica, mas especificamente uma espécie de tratado ético, algo transcendental, que ao se entender, serve como subsídio para ir além. O transcendental, o inefável – o místico – para Wittgenstein é aquilo que não tem como figurar, demonstrar, expressar com palavras, existe na realidade vivenciada pelos comunicantes, mas não tem como provar sua existência, veracidade ou falsidade. A ética, a estética, a religião, segundo descreve Wittgenstein no *Tractatus*, comportam essa mística, esse transcendental que pode apenas ser mostrado, visto em

determinado contexto, em determinada cultura, por isso não podemos impor proposições sobre o que é certo ou falso, correto, verdadeiro:

6.42 Por isso não pode haver proposições da ética.
Proposições não podem exprimir nada além.
6.421 É claro que a ética não se deixa exprimir.
A ética é transcendental.

O desenvolvimento intelectual de Wittgenstein tem um aspecto bem peculiar de análise antropológica, pois faz considerações a respeito da mística, ou seja, da ética, estética e da religião, questões estas que fazem parte da existência humana, das diferentes formas de vida do ser humano ou de determinado grupo de indivíduos. Wittgenstein percebeu que existem coisas que não podem ser ditas, pois estão no campo do inefável – místico – assim não podem ser provadas como verdadeiras ou falsas do ponto de vista lógico e científico, mas que podem ser mostradas por meio do silêncio e da vivência, por isso enfatizava que na realidade o que importa na vida humana é precisamente aquilo que se deve calar.

Embora o *Tractatus* não desenvolva explicitamente as inquietações existenciais, religiosas e éticas de Wittgenstein, sua obra mostra essas questões de forma subliminar, continuará entendendo o sentido da vida como algo que foge à compreensão humana, assim por mais que possamos procurar respostas para o sentido da vida jamais iremos encontrá-las. Não podemos esperar que o desenvolvimento da nossa razão possa um dia alcançar a solução do nosso problema sobre o sentido da vida, uma vez que esse problema transcende a nossa própria capacidade de compreensão racional (CONDÉ, 1998).

1.5 O “segundo” Wittgenstein: a ação e a existência

Na primeira parte das *Investigações Filosóficas*, Wittgenstein descreve que as palavras da linguagem denominam objetos, formam a essência da linguagem humana e que cada palavra tem uma significação que denomina, substitui um objeto, porém, o conceito filosófico da significação cabe bem numa representação primitiva pela qual a linguagem funciona.

No *Tractatus*, Wittgenstein escreve sobre o fundamento e importância que a idéia de significado e falta de significado possuem, da relação formal na qual a proposição figura o mundo. Já nas *Investigações*, o significado é observado em função de como as palavras são utilizadas nas diferentes formas de vida nas quais os seres humanos estão envolvidos. Acredita-se que o repensar de Wittgenstein sobre sua teoria é que a linguagem não é apenas um sistema de comunicação onde as palavras possuem uma significação e nomeiam objetos, mas essencialmente também são instrumentos de uso, por isso percebe-se que sua segunda obra é uma continuidade do *Tractatus*, e não uma ruptura total, assim afirma nas *Investigações* (§ 55):

“O que os nomes da linguagem designam deve ser indestrutível [...]. E haverá palavras nessa descrição; e o que a elas corresponde não deve então estar destruído, senão as palavras não teriam significação.” Não devo cortar o galho no qual estou sentado.

O “segundo” Wittgenstein considera o modo efetivo da linguagem, não mais a estrutura lógica ideal, mas sua manifestação nos diversos modos de vida, nas diversas modalidades da fala cotidiana, na ação e na existência, por isso a linguagem é considerada como instrumento de uso. A compreensão do significado da linguagem diz respeito agora aos tipos de uso que uma expressão pode ter em contextos diferentes, a concepção é que a linguagem tenha o significado de uso. Nas *Investigações Filosóficas*, Wittgenstein (§ 116) enfatiza:

Quando os filósofos usam uma palavra - 'saber', 'ser', 'objeto', 'eu', 'proposição', 'nome' - e quando tratam de apreender a essência da coisa, então é preciso sempre perguntar: essa palavra é realmente usada assim, na língua em que ela se sente em casa? - Nós é que acabamos por reconduzir as palavras de seu uso metafísico a seu uso cotidiano.

A importância da linguagem está no seu modo de uso, cabe a filosofia clarificar como a linguagem ordinária se processa, pois agora ela é considerada em uma infinidade de usos, existem agora vários empregos da linguagem. Essencialmente, o que é a linguagem? Segundo o novo pensar de Wittgenstein, não se pode dar uma resposta com um fundamento universal à linguagem, seguindo uma estrutura lógica, mas sim uma resposta pragmática, assim deve-se indagar no sentido de uso e questionar “como” a linguagem funciona e compreender os diversos “usos” que dela são realizados. A preocupação de Wittgenstein se evidencia nas *Investigações* de como a linguagem funciona, seu seguimento de regras em uma forma de vida, que se torna em hábitos, costumes e ações cotidianas. Descreve então Wittgenstein nas *Investigações* (§ 85),

Uma regra se apresenta como um indicador de direção. [...] – Posso, pois dizer que o indicador de direção não deixa subsistir nenhuma dúvida. Ou muito mais: algumas vezes deixa dúvidas, outras não. E isto não é mais nenhuma proposição filosófica, mas uma proposição empírica.

Uma regra determina a direção a seguir, sendo que no campo da experiência não deixa dúvidas, pois se percebe por meio das ações dos comunicantes como se deve agir seguindo as regras que são estabelecidas por hábitos, por costumes. “O que chamamos de “seguir uma regra” é algo que apenas *uma* pessoa pudesse fazer apenas *uma vez* na vida? [...] – Seguir uma regra, fazer uma comunicação, dar uma ordem, jogar uma partida de xadrez são *hábitos* (costumes, instituições)”, assim codifica Wittgenstein na mesma obra (§ 199).

Seguir uma regra, agir de determinado modo, fazer ou dizer algo, fazem parte de um contexto cultural que pré-determina a tradição dos modos de agir, os atos morais, os valores, a maneira de ser. Nas *Investigações* o intuito é mostrar a multiplicidade dos usos das palavras, das frases, dos enunciados, a partir da tese que uma palavra só tem significado no contexto na qual ela provém (PENCO, 2006). As regras desempenham uma característica importante na filosofia de Wittgenstein, pois segundo ele a linguagem é uma atividade guiada por regras sendo seu papel

enquanto filósofo o de esclarecer o modo como as regras determinam o significado das palavras e guiam o comportamento. Segundo Penco (2006), a linguagem representa um jogo, no sentido de ser constituída por regras, objetivos, aplicação, usos, “lances” ou “jogadas”, falas ou ações. Wittgenstein exemplifica como no jogo do xadrez, por exemplo, limitar-se a dizer “isto é uma torre ou um peão” não equivale a fazer um lance do jogo com tal peça, e para fazer um lance é imprescindível movimentar a peça segundo as regras do jogo, assim também no jogo de linguagem não se faz nenhum movimento a menos que se fale, pronuncie um enunciado, assim o menor lance de um jogo de linguagem é a emissão de um enunciado. Para Wittgenstein, aprendemos o significado das palavras quando aprendemos a utilizá-las, assim ele faz uma analogia com algum tipo de jogo, como por exemplo, no de xadrez. Aprende-se a jogar xadrez não pelo conhecimento das peças objetos, mas sim pelo aprendizado dos movimentos das peças, aprende-se a jogar jogando.

Wittgenstein continuou a considerar a tarefa da filosofia como a de análise da linguagem por meio da qual se pode entender melhor nossa forma de ver a realidade de nossa experiência, levando em consideração os usos da linguagem, as diversas formas de vida, as regras de cada jogo, os contextos de comunicação na qual estão inseridos os comunicantes.

A produção de uma linguagem no perspectivismo de Wittgenstein se concretiza por meio dos jogos de linguagem, novos jogos que podem ser construídos a partir de novas vivências. Acredita-se que o perspectivismo de Wittgenstein se sustenta nas condições diversas de possibilidades da linguagem no que diz respeito ao uso, enquanto instrumento para a interação social. Seguindo esta lógica, nada pode ser admitido como existente sem a utilização de uma linguagem pragmática para identificar, expressar, vivenciar alguma coisa. Portanto, o centro do pensamento está na linguagem e a centralidade de tudo permeia a vida prática, o que tem sentido funda-se no que dá sentido à vida entre os comunicantes. Por isso Sua obra possui um ponto de vista fundamentalmente cultural com preocupações com a existência humana, e principalmente com o uso da linguagem. Os contextos de relevância tais como os *jogos de linguagem*, como também, o místico: a ética, a estética e a religião, apresentam uma condição de possibilidade antropológica que

tem haver com o as formas de vida e o seguimento de regras em determinado contexto social. Nesse sentido Valle (2007, p. 105) descreve:

No vínculo permanente entre jogo e ação, o conhecimento da linguagem se transforma em conhecimento prático: conhecer uma linguagem implica em dominar uma técnica. O filósofo alerta que, de certo modo, o jogo de linguagem se fundamenta a si mesmo e que, portanto, o próprio jogo – como uma atividade entre as outras – fundamenta naquilo que nele joga. Assim, seu fundamento extralingüístico, se existe, consiste na atividade, na práxis.

Considerar alguns aspectos sobre o significado do silêncio em Wittgenstein, como também da mística (indizível) faz parte da análise e reflexão descrita no capítulo a seguir. Para alguns teóricos, Wittgenstein apresenta uma total ruptura teórica, duas fases distintas que se contradizem, sendo assim será que este filósofo austríaco se perdera no meio do caminho de seu pensar teórico e viver prático? Realmente apresenta contradições sem nexos? Suas duas obras estão totalmente em desacordo frente ao seu pensar e agir? *Memórias do Tractatus* trata-se, certamente de um Wittgenstein que necessariamente foi construindo aos poucos sua segunda fase, porém com base crítica ao extremo no próprio pensar, fazer, agir, escrever, vivenciar, existir. Foi enfatizado “memórias”, pois o silêncio e o termo místico não são priorizados nem descritos em sua segunda obra, termos não escritos e não ditos, no entanto não esquecidos, sim mostrados na sua forma de vida de fazer filosofia.

2 MEMÓRIAS DO *TRACTATUS LOGICO-PHILOSOPHICUS*

Não devo serrar o ramo sobre o qual estou sentado.

Wittgenstein

O objetivo deste segundo capítulo é apresentar algumas reflexões sobre o silêncio e a mística, conteúdos importantes que marcaram a primeira obra de Wittgenstein, temas questionáveis que mostram um filósofo autêntico, um teórico diferencial da filosofia da linguagem. A memória é um fenômeno construído mentalmente em função das preocupações sobre questões que não podem ou que não deveriam ser esquecidas, são importantes por fundamentarem o presente.

Na segunda obra de Wittgenstein existe um sentimento de continuidade do passado, vestígios de seu “primeiro” pensar lógico-filosófico que o diferenciou dos demais filósofos, pensamento teórico que perpetuou e o qualificou. Sua obra como uma experiência ética e estética, conduz ao inacabado, a uma continuidade que é dada por cada um enquanto viver.

2.1 O silêncio no *Tractatus: dizer e mostrar*

A obra de Wittgenstein tem duas dimensões, para alguns se trata de duas filosofias totalmente opostas, para outros intérpretes são apenas duas faces de uma mesma moeda que se complementam, uma não existiria sem a outra. Levando em consideração, há uma continuidade e não mudança na filosofia de Wittgenstein sendo que as duas principais obras aparentemente diversas estão nucleadas pela dimensão ética, sendo sua obra um processo evolutivo, assim afirma Valle (2003).

Na filosofia wittgensteiniana o silêncio tem uma importância fundamental, pois sobre o que realmente importa deve ser silenciado, pode-se apenas mostrar. O mostrar é o que realmente tem sentido e valor, diz muita coisa por meio da vivência de uma forma de vida, nesse sentido o que dá sentido à linguagem são as ações cotidianas. Assim descreve Wittgenstein no *Tractatus* na proposição 6.53:

O método correto em filosofia seria propriamente: nada dizer a não ser o que pode ser dito, isto é, proposições das ciências naturais – algo, portanto, que nada tem haver com a filosofia; e sempre alguém quisesse dizer algo a respeito da metafísica, demonstrar-lhe que não conferiu denotação a certos signos de suas proposições. Para outrem esse método não seria satisfatório – ele não teria o sentimento de que lhe estaríamos ensinando filosofia – mas seria o único método estritamente correto.

Wittgenstein percebeu que existem coisas que não podem ser ditas, pois estão no campo do inefável, do místico, do transcendente, não fazem parte do mundo, assim não podem ser provadas como verdadeiras ou falsas do ponto de vista lógico e científico, não tem como traduzi-las linguisticamente, apenas podem ser mostradas. Reconhece através da proposição 6.52 “Sentimos que, mesmo que todas as possíveis questões científicas fossem respondidas, nossos problemas vitais não teriam sido tocados. [...]”.

O dizer da ciência (lógica) e o mostrar da vivência (místico) tornam-se questões evidentes e imprescindíveis na obra de Wittgenstein e é em meio à guerra que a primeira filosofia de Wittgenstein amadureceu e as preocupações lógico-filosóficas e o problema ético do sentido da existência se evidenciaram, vindo a culminar posteriormente em diversos outros discursos. O dizer e o mostrar caracterizam-se assim desta forma: senso e contra-senso, ou seja, o que pode ser dito deve ser dito claramente por meio das proposições lógicas e o que não pode ser dito deve ser silenciado. A linguagem lógica tem esse objetivo, dizer o que o mundo é, os fatos do mundo, o que existem de fato, as coisas que podem ser identificadas, provadas, e nada mais útil e agradável para a ciência do que os contra-sensos, por meio deles se procura provar o que realmente existe e pode ser verificado, testado. “O indizível e impensável equivalem a contra-senso (*Unsinn*). O pano de fundo do contra-senso parece indispensável para que possamos dizer algo de sensato, dizer

o que pode ser dito, a saber, a prosa do mundo, os fatos, a positividade” (CHAUVIRÉ, 1991, p.59).

Wittgenstein enfatiza que o que se pode falar deve-se falar claramente, no entanto o que não se pode falar deve-se calar, apenas silenciar, contemplar, tentar compreender os aspectos valorativos, transcendentais. No interior da linguagem não tem como descrever ou falar, ou realizar qualquer tipo de formulação sobre aspectos transcendentais, valorativos, que pedem juízos de valor, pois não se tem como provar como verdadeiros ou falsos aspectos relacionados às dimensões da ética, estética ou da religião. Todos estes aspectos dizem respeito a uma forma de vida entre os comunicantes e a única atitude a tomar é silenciar, nada dizer, no sentido de se respeitar e reconhecer o que dá sentido a vida das pessoas. O silêncio permite o reconhecimento de que existe algo que está sendo mostrado, porém do ponto de vista lógico não se pode exprimir em palavras, segundo os critérios do *Tractatus*. Dessa forma descreve Valle (2003, p.68),

Mas aquelas coisas que pedem juízos de valor (envolvendo a dimensão ética, estética ou religiosa), estão situadas num domínio superior (transcendente), inefável, não admitindo, no interior da linguagem, qualquer tipo de formulação. A intuição desse transcendente, desse inefável, constitui no *Tractatus* a experiência mística que, por não apresentar algum tipo de relação com o mundo, não se permite traduzir linguisticamente. A única atitude legítima a ser adotada é, como conclusão, o silêncio.

No interior da linguagem não tem como formular linguisticamente uma tradução racional sobre coisas que pedem juízos de valor, o que dá sentido à vida supera qualquer possibilidade de expressão por meio da linguagem lógica, por isso o silêncio é a atitude mais coerente a ser adotada, assim o místico constitui um dos temas mais instigantes do *Tractatus*, como veremos a seguir.

2.2 O místico (indizível): a ética, estética e religião

Para Wittgenstein, o que ultrapassa os limites da linguagem é o que propriamente não pode ser dito, é o inefável (místico), que em sua primeira obra, no *Tractatus*, é caracterizado pela ética, estética e religião. Descreve no *Tractatus*, que com certeza existe o inefável, relata na proposição 6.522 “Existe com certeza o indizível. Isto se *mostra*, é o que é místico”.

O místico para Wittgenstein é uma esfera dos valores, de algo inefável, que não pode ser posto em palavras, mas se mostra nas ações, nas atitudes das pessoas, são manifestações valorativas acessível a outros meios de expressão além da fala e de enunciados. Ele caracteriza o místico como algo inexprimível que se manifesta na existência humana. Assim sendo, Wittgenstein descreve no *Tractatus* sobre o místico salientando que existe o inexprimível, o inefável, que se mostra e que diz respeito a um comportamento, uma atitude, uma experiência de vida, um sentimento e, que isto diz respeito a fatos, e não coisas, sendo assim é a existência prática no mundo.

Chauviré descreve sobre o *Tractatus*, enfatizando que embora aparente, seu conteúdo ser de um livro de lógica, o inefável está contemplado no discurso teórico de Wittgenstein, assim diz:

Mas, apesar das aparências que o fazem passar por um livro de lógica, são as preocupações éticas que, longe de estarem em segundo plano, prodominam no *Tractatus*, pelo menos em sua “parte não escrita”, como Wittgenstein escreveu a Ficker. [...]; e é nisto que, ao que parece, que reside a *unidade* do pensamento de Wittgenstein: do início ao fim de sua obra encontramos, entrelaçados, o fio ético e o fio lógico-matemático[...] (CHAUVIRÉ, 1991, p.31).

Então seria ilógico, sem sentido, dizer o que é certo ou errado, bom ou ruim, bonito ou feio, como também seria ilógico falar sobre questões religiosas ou de Deus, no entanto, afirmar que Deus não é logicamente pensável, nem dizível, não significa dizer que Deus não exista, segundo Wittgenstein. O transcendental, o indizível, o místico – a ética, a estética, a religião – faz parte do que não pode se dizer, apenas pode se mostrar. Segundo a autora Chauviré (1991), Wittgenstein considera o “místico” o grande objetivo do *Tractatus*, delimitar a partir do interior o

que pode ser dito e, ao mesmo tempo, o que não pode ser. O místico inacessível às palavras, mas sem dúvida acessível a outros meios de expressão humana. O *Tractatus* termina numa reivindicação do direito ao silêncio, direito de calar sobre as questões que são as mais importantes para a vida. Quando se fala de várias coisas que não se referem à realidade, a nenhum objeto verificável, em discursos ou sentenças que não espelham nada real do mundo, entra-se no campo místico, que não pode ser dito, então deve ser silenciado.

Wittgenstein enfatizava que as proposições do discurso ético, estético ou religioso são desprovidas de sentido segundo os critérios rigorosos do *Tractatus*, porém não perdem com isso a importância do indizível, que pode ser mostrado, pois também enfatizam e figuram os problemas da vida, os problemas existenciais. Reconhece a importância que se deve dar à vida, vindo a descrever na proposição 6.52 o seguinte: “Sentimos que, mesmo que *todas as possíveis* questões científicas fossem respondidas, nossos problemas vitais não teriam sido tocados. Sem dúvida, não cabe mais pergunta alguma, e esta é precisamente a resposta”, ou seja, os problemas da vida permanecerão completamente intactos, íntegros, intangíveis.

É no campo do inefável, do místico, do transcendente que o indizível aparece, enunciados que não podem ser provados como verdadeiros ou falsos do ponto de vista lógico e científico mas que podem ser mostradas por meio do silêncio e da vivência. Para muitos, parece que o indizível se torna na teoria Wittgensteiniana uma espécie de fuga da lógica racional, no entanto não tem um significado de fuga, mas de vivência da realidade da vida cotidiana, que não pode ser ignorada na perspectiva de Wittgenstein, demonstra uma forma de vida, uma crença, uma experiência mística. Wittgenstein descreve no *Tractatus* na proposição 6.44, “O que é místico não é *como* o mundo é, mas *que* ele seja”, assim fica evidente que o místico se mostra e que se evidencia no aspecto comunicacional, nas formas de interação humana. A mística que faz parte das diferentes formas de vida dos sujeitos se mostra por meio da cultura, dos valores, das crenças de determinado grupo, diz respeito à escolha de uma maneira de viver. Assim para o filósofo, por exemplo, mostrar que a afirmação de que Deus não é logicamente pensável nem dizível, não significa dizer que Deus não existe. Aspectos religiosos também compreendem essa experiência do indizível.

Wittgenstein no *Tractatus* descreve que o mundo não comporta o que não pertence a ele, o que não tem referência lógica, sendo assim a função da filosofia é o de mostrar os discursos com sentido ou, destituídos de sentido, assim Deus seria um enunciado desprovido de sentido, já nas *Investigações Filosóficas*, dependendo do contexto e jogo de linguagem faz sentido não apenas mostrar, mas, como também dizer, falar a respeito.

Ele fez uma tentativa de lidar com a questão existencial sem qualquer possibilidade de reconhecimento pelos positivistas lógicos da época, no entanto não deixou de se preocupar e caracterizar em sua filosofia, enunciados que não podem ser expressos nem representados em palavras, que ultrapassam os limites da linguagem e do mundo. De acordo com o discurso do positivismo lógico, nenhuma proposição pode exprimir o sentido do mundo ou da vida, somente as proposições que podem ser ditas e, que constituem a imagem do que é referido nelas. Assim os enunciados de ordem ética, estética ou religiosa não podem ser contingentes e permanecem rigorosamente indizíveis, no entanto se tentar dizer o indizível não passa apenas de declarações ou proposições sem sentido acerca dos nossos juízos, conhecimentos e crenças, por isso sua obra teve certos questionamentos.

Wittgenstein simplesmente separou o que podia e o que não podia ser dito com algum significado. Para ele, a linguagem refletia apenas o mundo real. Era "ilógico falar de Deus ou outras grandes questões filosóficas, porque estavam além da experiência humana" (WEATE, 1999, p. 37).

É possível dizer *como o mundo é*, a ciência descreve o mundo por meio da linguagem lógica das proposições. A linguagem é vista na primeira obra, como tendo uma estrutura lógica que reflete a realidade, ou seja, a linguagem nos fornece um retrato do mundo, para Wittgenstein, como descreve no *Tractatus* na proposição 6.44, o que é místico é o que o mundo exista, não como o mundo é, ou seja, o que importa na realidade é a forma de ação, interação e criação humana, os diferentes modos de vida, o que mostra significado e dá sentido ao mundo. Não é a estática, mas sim o movimento. Para Wittgenstein, o que ultrapassa os limites da linguagem é o que propriamente não pode ser dito, é o inefável (místico), que em sua primeira obra, no *Tractatus*, é caracterizado pela ética, a estética e a religião. O indizível, a

ética, a estética e a religião, faz parte do que não se pode dizer, apenas pode se mostrar.

Quando se fala de várias coisas que não se referem a realidade, a nenhum objeto verificável, discursos ou sentenças que não espelham nada real do mundo, entra-se no campo místico, que não pode ser dito, então deve ser silenciado, assim na proposição 6.53 do *Tractatus* Wittgenstein, nos faz um convite ao silêncio enfatizando assim esse método filosófico de nada dizer, a não ser o que pode ser dito, seria o único método estritamente correto. O silêncio para Wittgenstein representa algo, e este algo é senão Deus, o estético, o belo, o bom, o verdadeiro, o que dá sentido a uma forma de vida, que não pode ser dito, mas apenas mostrado, vivenciado. Para Wittgenstein, o objetivo do *Tractatus* era o de delimitar o que poderia ser dito e o que não poderia, pois para ele o místico é inacessível às palavras, não se tem o que e como dizer. Devemos manter silêncio sobre as questões que são as mais importantes na vida. Descreve Valle (2003, p.68), “Se a ética e a estética tratam o mundo como um todo, elas mesmas são transcendentais, isto é, pertencem ao domínio daquilo que só pode ser mostrado, e não dito”.

Wittgenstein enfatiza que as proposições do discurso ético, estético ou religioso são desprovidas de sentido segundo os critérios rigorosos do *Tractatus*, porém não perdem com isso a importância do indizível, que pode ser mostrado, pois também enfatizam e figuram os problemas da vida, os problemas existenciais. Segundo Wittgenstein, a religião é outro modo de se falar dos extremos da linguagem, além da ética e da estética, ela é também um comportamento lingüístico ao apresentar-se por meio do silêncio, da meditação, da oração, da fé, da pregação, de atividades expressivas, do canto, de ações que nada dizem, mas que mostram valor e significado para o sentido da vida. Dizia não ser um homem religioso, mas não podia deixar de ver qualquer problema de um ponto de vista religioso.

Assim, crer em uma religião ou em um Deus é aprender a aceitar e compartilhar as idéias e regras de crenças estabelecidas pelos falantes, que fazem com que Deus exista daquela forma e naquele instante, e se faz presente e verdade naquele jogo, não por pressão, mas pela questão da necessidade, uso, vivência, experiência e sentido. A ética, a estética, a religião, especificamente a crença em um Deus, segundo Wittgenstein é uma forma de vida que dá sentido a vida, enfatizava

que a solução do problema da vida seria exatamente uma maneira de viver que fizesse desaparecer o próprio problema.

A vida de Wittgenstein fez com que ele desenvolvesse uma filosofia autêntica no que diz respeito ao saber mais e compreender melhor, não somente a lógica e as proposições desprovidas de significado, mas sobre diversas questões importantes relacionadas à sua própria vida, sendo uma delas a fé religiosa. Descreve em sua obra *Cultura e Valor*, que uma fé religiosa talvez não passe de uma espécie de adesão apaixonada a um sistema de referência, um modo de vida, conseqüentemente, é, no entanto uma maneira de vida, ou uma maneira de julgar a vida, uma maneira de abraçar determinada concepção de vida (CHAUVIRÉ, 1991).

Na obra *Diário Filosófico* (1914-1916), texto datado em 08 de julho de 1916, traduzida por Muñoz e Reguerra (WITTGENSTEIN, 1982, p.128), ele enfatiza que, “Crer em um Deus quer dizer compreender o sentido da vida, quer dizer ver que os fatos do mundo não basta, quer dizer ver que a vida tem um sentido”. Na teoria de Wittgenstein o termo “místico” diz respeito ao inefável, ao indizível, ao incognoscível, não se refere em nenhum aspecto com o termo esoterismo, a nenhum conjunto de questões ocultas, divindades, cultos, rituais ou outros termos espirituais afins. Na sua teoria a mística – o indizível – está no sentido da experiência humana, da alteridade experimentada, no diálogo entre os comunicantes em um determinado contexto, em alguma forma de vida que dá sentido à vida dos comunicantes e que envolvem escolhas a respeito da ética, estética e ou religião.

Wittgenstein teve a percepção, que não basta viver de modo lógico e racional, mas que existe realmente uma concepção de vida, uma vivência complexa cotidiana, o que exige de cada um não apenas um pensar racional, mas principalmente um sentir, um viver inefável, místico, de aspectos valorativos que formam a cultura onde os sujeitos reconhecem sinais de sua identidade seja na dimensão ética, estética ou religiosa. Percebeu que, não é a lógica que clarifica o mundo, não é o pensamento que elucida o mundo, mas a ação, o comportamento que é uma atividade que está ou não de acordo com cada jogo. A questão agora é aprender como jogar cada jogo, ou seja, como aprender determinada regra de vida, fala, costumes, hábitos, crenças. É interessante como se forma o mundo da cultura, os indivíduos passam a agir de forma indêntica aos demais, dão valor às coisas que,

por si só, não possuem valor algum, sob a ótica de Wittgenstein por isso que o místico (a ética, estética e a religião) está no campo do inefável, é transcendental, subjetivo, é condição de possibilidade do mundo de padrões culturais, de criação, atividade, processo, interação na sociedade.

O sujeito místico em Wittgenstein é aquele que vivencia, expressa uma experiência peculiar de um contato de interação com outros indivíduos que compartilham o mesmo jogo de linguagem, a mesma forma e regra de vida, essa experiência que não pode ser provada por meio da lógica, ela de fato existe e é mostrada em determinados contextos. Essa ação transcendental, indizível, para Wittgenstein tem significado profundo na existência humana, pois é criação, manifestação, pluralidade de experiências, atos, vivências que dão sentido à vida das pessoas, como também à formação de culturas.

É possível exprimir a linguagem ética? Falar sobre a linguagem estética? Dizer enunciados religiosos? Na perspectiva de Wittgenstein em sua primeira obra, seguindo os critérios do *Tractatus*, nos cabe o silêncio, pois o místico pode apenas ser mostrado, já nas *Investigações Filosóficas* existem infinitos jogos de linguagem que podem ser expressos nas infinitas formas de vida, nos diversos contextos entre os comunicantes. Assim toda linguagem determina uma forma de vida, toda forma de vida determina um jogo de linguagem, todo jogo determina um seguimento de regras, que se segue de forma natural e não imposta. Aprender uma linguagem é aprender as regras de determinado jogo, de determinada cultura, é saber dominar estas regras, é saber participar de uma determinada sociedade.

Nesse sentido equivale refletir como podemos relacionar Cultura, Sociedade e “Jogos de Linguagem”? Eis o que se pretende analisar e mostrar no capítulo seguinte. Como o ser humano identifica e notifica os problemas culturais? Só pode identificá-los, se também souber nominá-los? O que é Patrimônio Cultural e que relação pode ser feita com os “jogos de linguagem”, afinal? Se a linguagem e seus limites, na mais divulgada afirmação de Wittgenstein, denota e circunscreve as nossas concepções de mundo, então a cultura e o *Patrimônio Cultural* são expressos por infinitos jogos de linguagem? O Patrimônio Cultural é uma forma simbólica, denotativa e figurativa sobre as nossas concepções de mundo e de

sociedade criadas e recriadas por novas e infinitas formas de vida entre os comunicantes? Algumas dessas reflexões serão apresentadas a seguir.

3 UM PENSAR CULTURAL SOBRE OS “JOGOS DE LINGUAGEM”

*Disse em tempos, talvez acertadamente: a cultura antiga
fragmentar-se-á finalmente um monte de cinzas,
mas sobre as cinzas pairarão espíritos.*

Wittgenstein

Neste terceiro capítulo são abordados os problemas culturais e as conexões que eles têm com o recorte filosófico – os “jogos de linguagem” – do pensamento de Wittgenstein, e que foi tomado como referência para estabelecer uma relação com sociedade e patrimônio cultural. Reiteramos uma vez mais que os termos “sociedade” e “patrimônio cultural” são tomados como os conhecemos basilarmente da sociologia e da história. Isso implica que à sociedade e ao patrimônio cultural correspondem, respectivamente a civilização e os vestígios deixados por essas civilizações. Desse modo, pois, aqui se trata de apontar como que a virada linguística ou o que se chamou Segundo Wittgenstein nas partes anteriores, podem servir de suporte para uma abordagem interdisciplinar, como o é a intenção e a concentração deste trabalho pesquisa.

A expressão *Jogos de Linguagem* é analisada em face de sua preponderância epistêmica, sua importância para a elaboração das reflexões do que seja “cultura”, do que seja “patrimônio cultural”, assim o entendimento do que sejam passa pela capacidade de criar conceitos. E, conforme nos ensina Wittgenstein, a principal tarefa da filosofia é construir conceitos, definir proposições e novos jogos de linguagens que funcionem para clarificar o sentido daquilo que se quer expressar (BUCHHOLZ, 2009).

3.1 O sentido do mundo e da cultura

O ponto de partida de uma significativa tendência da filosofia a partir do final século XIX passa a ser a linguagem, que se torna o centro dos principais debates filosóficos. Para os filósofos da linguagem então tanto ela representa o mundo como é o próprio mundo, a própria realidade. A linguagem está no centro da filosofia contemporânea, não sendo possível pensar filosofia sem linguagem, é por meio dela que se faz parte do mundo, que se entra no mundo da cultura, tanto ela descreve o mundo como é o próprio mundo.

O mundo é tudo o que acontece, o mundo é determinados por fatos, acontecimentos, linguagens e não coisas, assim como a cultura não representa coisas, mas fatos, é dinâmica, que segundo Wittgenstein fazem parte desta totalidade que ocorre ou não no mundo. Sendo assim a linguagem, assim como todos os fatos, é o mundo, forma o mundo, dá sentido ao mundo. Dessa forma especifica Wittgenstein no *Tractatus*:

- 1 O mundo é tudo o que ocorre.
- 1.1 O mundo é totalidade dos fatos, não das coisas.
- 1.11 O mundo é determinado pelos fatos e por isto consistir em *todos* os fatos.
- 1.12 A totalidade dos fatos determina, pois, o que ocorre e também tudo que não ocorre.
- 1.13 Os fatos, no espaço lógico, são o mundo.
- 1.2 O mundo se resolve em fatos.

Para Wittgenstein, ainda em sua primeira obra, no mundo não têm valores, os valores não estão incorporados no mundo, eles são criados pelas pessoas, por suas convicções, ou seja, os sujeitos formam, criam e recriam suas culturas, constroem novas formas de vida, novos valores a partir de suas vontades, memórias e identidades. Enfatiza assim na proposição 6.41 do *Tractatus*, “O sentido deve estar fora dele. No mundo, tudo é como é e tudo acontece como acontece; não há *nele* nenhum valor – e se houvesse, não teria nenhum valor”. Assim, é a vontade do sujeito que possui a responsabilidade do bem e do mal, pois tanto o bem como o mal, ou seja, aspectos valorativos que dizem respeito a ética e é por isso que não podemos falar sobre, nos cabe o silêncio na visão do *Tractatus*.

A vontade é entendida como o “detentor do bem e do mal”, aquele que busca a “vida feliz”, é quem está além do bem e do mal, quem conhece as suas limitações e impotências diante dos acontecimentos, é capaz de harmonizar o confronto entre o “nosso eu” e o “mundo”. Estando no mundo, mas transpondo a fronteira do mundo e dos fatos é que se encontra a felicidade e o sentido da vida, a felicidade não consiste no prazer, mas é um acontecimento ético (BORGES, 2006, p. 61).

As verdades dependem da forma de vida e do pensamento das pessoas, sendo então criadas no sentido da crença de que o mundo tem essência ou valor. Sendo assim, os valores não são do mundo, mas inventadas pelos seres humanos que dizem a respeito e dão valor às coisas, sendo uma criação e produto do espírito humano, por isso que Wittgenstein descreveu sobre o místico, o transcendental. A vontade como portadora da ética é transcendental, lida com valores não com os fatos. O sujeito transcendental, não modifica os fatos, mas pode modificar a atitude diante dos fatos, mudando a atitude, muda a maneira de ver o mundo como um todo.

A base do pensamento filosófico de Wittgenstein de início estava alicerçada em proposições de um paradigma lógico, assim a partir das *Investigações*, a noção de jogo de linguagem modificou inteiramente a teoria lógica estrutural da linguagem. Sua obra posterior, assim acredito, é uma continuidade do *Tractatus*, assim podemos fazer uma reflexão cultural com a sua filosofia, no que diz respeito ao mundo, a sociedade, a cultura (fatos, acontecimentos, atitudes, costumes, vontades, maneiras de ser e fazer coletivamente).

Toda sociedade desde a mais simples até a mais complexa possui cultura, é através dela que o ser humano adquire conhecimentos necessários para sua sobrevivência, assim possui, constrói, preserva e restaura fatos e idéias que considera importante e necessário para a preservação do seu passado, da sua história. A cultura é dotada de vontade criativa, aprendida e acumulada pelos membros de determinado grupo, povo e transmitida socialmente de uma geração a outra, perpetuada em sua forma original ou modificada. Os indivíduos aprendem a cultura ou os aspectos da cultura no transcurso de suas vidas, no processo de socialização, integração e interação social. Nas *Investigações* (§ 241), Wittgenstein descreve: “Assim, pois, você diz que o acordo entre os homens decide o que é

correto e o que é falso?” – Correto e falso é o que os homens *dizem*; e na *linguagem* os homens estão de acordo. Não é um acordo sobre as opiniões, mas sobre o modo de vida”.

A cultura tem significado amplo, engloba os modos comuns e aprendidos da vida, transmitidos pelos indivíduos e grupos, em sociedade, como também diz respeito ao modo de vida das pessoas no convívio social. Representa uma rede de práticas e representações, uma totalidade de padrões diversos, aprendidos e desenvolvidos, incluindo conhecimento, trabalho, criação, formas de transmissão, padrões éticos, mitos, crenças, criações artísticas, produção de bens, lei, regras morais, costumes, aptidões, hábitos, conversas, dentre outras ações. A diversidade cultural é atualmente muito evidente, existem hábitos e costumes muito distintos, percebe-se que o certo, o belo, o melhor, o importante, e outras características, realmente estão determinados dentro de um contexto sócio-cultural, situados em especificado tempo e espaço, por pessoas e grupos diversos.

A cultura pode ser entendida como processo complexo de significados e provedora das construções materiais e imateriais das identidades sociais, individuais e coletivas, sendo que a memória seria o principal nutriente das mesmas. Por isso a cultura tem significado amplo, inicia pela investigação de culturas, engloba os modos comuns e aprendidos da vida, transmitidos pelos indivíduos e grupos em sociedade, representa a totalidade de padrões diversos, aprendidos e desenvolvidos pelo ser humano, incluindo conhecimento e formas de transmissão, padrões éticos, mitos, crenças, criações artísticas, produção de seus bens, lei, regras morais, costumes, aptidões, hábitos, reações, gostos, sentidos. Evidenciam-se, assim uma perspectiva wittgensteiniana com o mundo da cultura, com a criação humana que dá sentido ao mundo por meio de suas interações de vida e de linguagem, espaços de alteridade e significado.

O que acontece quando as pessoas não têm o mesmo sentido de humor? Não reagem umas às outras convenientemente. É como se entre certos homens existisse o costume de um atirar a outro uma bola, que deve ser por este agarrada e atirada de volta; mas alguns, em vez de a atirarem de volta, põem-na nos seus bolsos. Ou como será para alguém não conseguir abarcar o gosto de outra pessoa? (WITTGENSTEIN, 1980, p.121).

Os costumes fazem parte da regra cultural e dependendo das regras espera-se que o sujeito tenha o mesmo comportamento que os demais, que o indivíduo tenha uma ação coletiva e social, um gosto padrão conforme o grupo. E é no âmbito das diversificadas culturas existentes, neste mundo de transformações, que estão incluídos os modos de vida e gostos dos indivíduos, bem como de suas memórias, lembranças e identidades.

A priori, a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. Mas Maurice Halbwachs, nos anos 20-30, já havia sublinhado que a memória deve ser entendida também, ou, sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes (POLLAK, 1992, p.2).

Os elementos constitutivos da memória individual ou coletiva são todos aqueles acontecimentos vividos pessoalmente, pelo grupo, pela coletividade na qual a pessoa se sente pertencer, ou que, por ser tão relevante no passado nem pertenceu realmente, mas devido ao processo de socialização histórica e política herdou na memória. Pollak (1992), também enfatiza que a memória é um fenômeno construído em função das preocupações pessoais e políticas, pois o que irá marcar e ficar na memória? Quais os acontecimentos serão gravados na memória de um povo? Que sentimento de continuidade do passado irá perpetuar tanto individual como coletivamente de uma nação?

Podemos portanto dizer que *a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade*, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (POLLAK, 1992, p.5).

Wittgenstein, a partir das *Investigações* propõe o novo modelo de concepção de linguagem, no lugar de regras lógicas e semânticas, mostra que a função da linguagem não é falar a cerca do mundo, mas agir com a fala no mundo, sendo

assim, a linguagem é um tipo de ação no mundo, uma atividade, uma forma de vida, um comportamento. [...] “a cultura se manifesta, nas diferentes regiões, a começar pela linguagem, hábitos e costumes”, assim descreve Horta (2010, web).

Verifica-se o foco de atenção de Wittgenstein para o universo cultural, pois passa a considerar a diversidade da ação humana, dos comportamentos na sociedade, enfim direciona um olhar para as formas de vida, costumes, hábitos, maneiras de ser. O gesto, o hábito, a maneira de ser de determinado grupo ou comunidade se constituem patrimônio cultural. Nesse sentido o autor Magalhães (1985, p.41), questiona:

Quais são os valores permanentes de uma nação? Quais são verdadeiramente esses pontos de referência nos quais podemos nos apoiar, podemos nos sustentar porque não há dívida de sua validade, porque não podem ser questionados, não podem ser postos em dúvida? Só os bens culturais. Só o acervo do nosso processo criativo, aquilo que construímos na área da cultura, na área da reflexão, que deve tomar aí o seu sentido mais amplo – costumes, hábitos, maneiras de ser.

A Constituição Federal Brasileira de 1988 (§ 216), especifica as formas de vida e de expressão, modos de vida, como bens de natureza imaterial assim, são considerados como patrimônio cultural:

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

- I - as formas de expressão;
- II - os modos de criar, fazer e viver;
- III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;
- IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;
- V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

As formas de expressão, os modos de criar, fazer e viver constituem patrimônio de determinado grupo, sociedade ou nação, assim especificando que a cultura significa o modo de vida de um grupo de pessoas ou de um povo e é

manifestada pelas ações das pessoas e pelas suas criações. O patrimônio cultural brasileiro não diz respeito somente aos objetos materiais, históricos e artísticos, monumentos valorizados, consagrados e protegidos pelas instituições não governamentais e órgãos públicos (federais, estaduais, municipais), mas existem outras formas de expressão cultural que constituem a cultura imaterial, intangível, viva e atuante que dizem respeito ao modo de vida, maneiras de ser e fazer. Assim especifica Horta (2010, web):

O **Patrimônio Cultural Brasileiro** não se resume aos objetos históricos e artísticos, aos monumentos representativos da memória nacional ou aos centros históricos já consagrados e protegidos pelas instituições e agentes governamentais responsáveis por essa proteção, como o IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, no âmbito federal, e os órgãos de patrimônio estaduais e municipais. Existem outras formas de expressão cultural que constituem o **patrimônio vivo** da sociedade brasileira: artesanatos, maneiras de pescar, caçar, plantar, cultivar e colher, de utilizar plantas como alimentos e remédios, de construir moradias e fabricar objetos de uso, a culinária, as danças e músicas, os modos de vestir e falar, os rituais e festas religiosas e populares, as relações sociais e familiares, as canções, as histórias e lendas contadas de geração a geração, tudo isto revela os múltiplos aspectos que pode assumir a cultura viva e presente em uma comunidade.

Wittgenstein, nas *Investigações* (§ 23) assim afirma: [...] “O termo “jogo de linguagem” deve aqui salientar que o falar da linguagem é uma parte de uma atividade ou de uma forma de vida”. Pela perspectiva do conceito de “jogos de linguagem” de Wittgenstein nas *Investigações* a linguagem é considerada como ações cotidianas, como falar e agir, o que se mostra nas diferentes culturas, nas diferentes formas de vida, atividades, comportamentos, reações. Tendo essa perspectiva em vista, o comentário a seguir contribui decisivamente ao problema que abordamos,

Não há teorias nem um propósito único em *Investigações Filosóficas*, a não ser talvez o propósito de mostrar que a linguagem deve ser vista como um comportamento, como uma FORMA DE VIDA, que falar é uma entre as formas possíveis de agir sobre o meio (ARAÚJO, 2004, p. 105).

Em sua Segunda Fase, portanto, Wittgenstein já não via mundo só como coisas mensuráveis técnica e matematicamente. Ou como se refere o comentador àquela fase inicial do austríaco, “[...] como uma totalidade de fatos, e não de coisas. Fatos são entidades lógicas; só podem ser asseridos ou negados” (JOHNSTON, 2008, p. 141). Em sua segunda fase, Wittgenstein, a partir do que tomou de Frege, passa a se preocupar com o “sentido” e não com a lógica (op. cit., p. 142).

A maneira como se compreende o que seja *Patrimônio* na atualidade comporta muito mais do que o aspecto material, arquitetônico, físico. O intangível, o imaterial passou a ser valorizado e registrado como categoria patrimonial, assim o processo criativo, hábitos, costumes, maneiras de ser e fazer, modos de vida constituem bens culturais. A UNESCO especifica que o patrimônio cultural não se esgota nos aspectos materiais, monumentos e coleções de objetos, mas inclui também as tradições, expressões de vida, como as tradições orais, as manifestações das artes, as práticas sociais, rituais, conhecimentos e habilidades para produção de bens, dentre outros. Nesse sentido, a passagem a seguir vai ao encontro do entendimento e da situação que acima se descreveu:

Apesar de frágil, patrimônio cultural imaterial é um fator importante na manutenção da diversidade cultural em face da crescente globalização. Uma compreensão do patrimônio cultural imaterial das comunidades diferentes contribui com o diálogo intercultural, e encoraja o respeito mútuo para outras formas de vida (UNESCO, 2010, web).

A linguagem, os meios de conviver, de ver e de sentir o mundo, os modos de comportamento ou formas de vida representam generalizações de comportamento por isso a cultura é social, representa o patrimônio de bens imateriais e intangíveis, herdados do passado ou criados no presente. “Quando pensamos no que recebemos de nossos antepassados, lembramo-nos não apenas dos bens materiais, mas também da infinidade de ensinamentos e lições de vida que eles nos deixaram” (FUNARI;PELEGRINI, 2006, p.8). Assim a cultura é padronizada à medida que todos os membros de uma sociedade agem da mesma maneira ,ou seja, quando ela é compartilhada por todos que reconhecem sinais de identificação comum, específica e singular formando uma identidade cultural, que não é universal, mas

específica daquele grupo. Ou como dizem os comentadores, que aqui são chamados à fala porque expressam o entendimento do que seja Patrimônio conforme categorias sociológicas mais recentes. O texto vai assim:

Nos últimos anos, o conceito “patrimônio cultural” adquiriu um peso significativo no mundo ocidental. De um discurso patrimonial referido aos grandes monumentos artísticos do passado, interpretados como fatos destacados de uma civilização, se avançou para uma concepção do patrimônio entendido como o conjunto de bens culturais, referente à identidades coletivas. Desta maneira, múltiplas paisagens, arquiteturas, tradições, gastronomias, expressões de arte, documentos e sítios arqueológicos passaram a ser reconhecidos e valorizados pelas comunidades e organismos governamentais na esfera local, estadual, nacional ou internacional. Os bens materiais e imateriais, tangíveis e intangíveis que compreendem o patrimônio cultural são considerados “manifestações ou testemunho significativo da cultura humana”, reputados como imprescindíveis para a conformação da identidade cultural de um povo (RIBEIRO; ZANIRATO, 2006, p. 251-52).

Acreditamos que a filosofia da linguagem de Wittgenstein apresenta uma preocupação com a condição cultural, possui um ponto de vista patrimonial, pois a linguagem é patrimônio e suas manifestações são produtos culturais que dão sentido a vida das pessoas que criam e recriam seus próprios bens. Sabemos que a linguagem humana é um fator fundamental e imprescindível para a conservação, desenvolvimento e transmissão da cultura, ao mesmo tempo, que propicia a união e a interação entre os membros de uma mesma comunidade, sociedade. A cultura não depende somente da transmissão biológica, mas essencialmente da transmissão e construção de valores por meio da linguagem, ela emerge com a linguagem, melhor dizendo, é a manifestação, imagem, figuração da linguagem. “Nas *Investigações*, significado é observado em função de como nós utilizamos as palavras: os propósitos humanos e as formas de vida nas quais os seres humanos estão envolvidos são aquilo que fornece significados à linguagem” (COLLINSON, 2006, p.256). Cabe então nos questionar, será que a cultura em seu conjunto deve ser pensada como um sistema de transmissão, construção e reconstrução de nossas vidas falantes? Bem, podemos, por assim dizer, que a cultura pode ser uma obra de nossa vida de linguagem, e a linguagem um bem cultural. A cultura é um modo de vida criado, dotada de vontade criativa, aprendida e acumulada pelos membros de

determinado grupo, povo, e transmitida conforme acordo socialmente de uma geração a outra e perpetuada em sua forma original ou modificada, sendo assim os indivíduos aprendem a cultura ou os aspectos da cultura no transcurso de suas vidas, no processo de socialização e integração social.

Quero, ainda, acrescentar que os padrões culturais incluem as mais variadas formas de conduta. Ao mesmo tempo, no entanto, todas elas apresentam pontos comuns que vão caracterizar o comportamento do homem em sociedade. Assim, apesar de haver um infinito número de opções, o indivíduo, para reagir diante de determinada situação, age de forma idêntica à da maior parte das pessoas (CALDAS, 2008, p.19).

Verifica-se que o ser humano ao querer criar e recriar novas formas de linguagem se vê na obrigação de efetivar novas formas de vida em razão do contexto social, se por um lado ele faz surgir novas culturas e modos de se fazer a sociedade, por outro e ele também passa a ser meio, instrumento de manipulação da razão, da tecnologia, da ciência e do capitalismo globalizado. Mundo este que fornece espaço limitado para o mundo simbólico da cultura, da arte, do sentimento, do transcendental, do místico (da ética, da estética, da religião), tão necessário à vida e à expressão da vida objetiva e subjetiva do ser humano. O pensamento de Wittgenstein, constituiu uma resposta ao desafio colocado pela visão científica do mundo, que não valoriza nem se preocupa como o problema do sentido da vida, que para ele é sem dúvida, a questão central da existência humana, por isso ele foi considerado por muitos teóricos original e crítico em relação à filosofia racionalista. Para fundamentar Westphal (2006, p.119-120) descreve que:

Historicamente – desde a Idade Média e a Renascença – considera-se que a linguagem emana das próprias coisas, ou seja, os modelos de ciência traduzidos pelas fórmulas da química e da física seriam a expressão exata da própria realidade, isto é, a linguagem da matemática colocada nos quadros-negros seria vista por professores e alunos como sendo a realidade.

Nesse sentido, o “cogito, ergo sum”, de Descartes entende que o núcleo do ser da pessoa está no pensamento, ou seja, a representação racional é tida como o centro do ser humano. Então, o sujeito existe na medida em que ele pensa a si mesmo e expressa o seu pensamento – que é apenas uma representação da realidade – por meio da linguagem.

Em virtude de a modernidade reduzir a realidade à mensurabilidade racional e ao material, Wittgenstein inseriu-se no movimento contra a idade “moderna”²¹ da filosofia, iniciada com Descartes²², que abrisse caminhos pretensiosos para se chegar as verdades fixas e absolutas na qual o mundo ocidental contemporâneo estava sendo moldado por meio de idéias e afirmações positivistas colocando a razão no centro do universo e adentrando assim em um estado niilista. Ele foi altamente original e crítico e se inseriu neste movimento contra a idade “moderna” da filosofia iniciada com Descartes, analisou aspectos relacionados à existência do ser humano e buscou apontar as possibilidades do discurso filosófico e limites de qualquer busca filosófica pelo conhecimento da verdade absoluta ou de uma verdade superior.

A partir do século XIX, depois das transformações rápidas e repentinas nas regras dos jogos das criações científicas, tecnológicas, artísticas, literárias, arquitetônicas, paisagísticas, ambientais e sociais, que o estado da cultura material e imaterial da sociedade vem sendo caracterizado como pós-moderno. A pós-modernidade pode ser entendida como uma condição sócio-cultural e estética do capitalismo contemporâneo, conjunto de idéias, valores e estilos, ela emerge no processo de crítica e contestação das certezas metafísicas do pensamento moderno na segunda metade do século XX. Diversas mudanças significativas se tornam evidentes no que diz respeito ao modo de pensar, criar, expressar, inovar e fazer a sociedade capitalista pós-industrial. Surgem então, correntes interpretativas de pensamento da sociedade pós-moderna, envolvendo a arte, a cultura, a ciência.

O filósofo Lyotard²³ discute a questão da modernidade e da emancipação do sujeito, enfatizando a “condição pós-moderna” como uma necessidade de superação humana, sobretudo superação de uma crença absoluta na ciência e na razão como formas de emancipação humana. Estas são na verdade responsáveis pela

²¹ O pensamento moderno (sécs. XV a XVII) marca uma nova visão de mundo que se contrapõe à visão medieval, ao clássico, ao tradicional. “Moderno” identifica-se à idéia de progresso e de ruptura com o passado.

²² René Descartes (1596-1650), pai da filosofia moderna e matemático famoso, perfeito representante do espírito científico, não acatou outra autoridade intelectual além da “luz natural” da razão, embora temesse e respeitasse a censura da Igreja. Sua maior proposição é conhecida como (*cogito ergo sum*): “Penso, logo existo” (SCRUTON, 1982).

²³ Jean-François Lyotard (1924-1998), filósofo francês. Considerado um dos expoentes do pensamento pós-moderno, também denominado pós-metafísico.

continuação da subjugação do indivíduo. De acordo com Lyotard, a emancipação do ser humano, enquanto sujeito deve ser alcançada através da valorização do intuitivo, do sentimento e da arte, daquilo que o homem possui de mais criativo e, portanto, de mais livre. Seguindo a linha de pensamento de Wittgenstein, o filósofo Lyotard é um dos pensadores na discussão sobre a pós-modernidade. Enfatizou a "condição pós-moderna" que caracteriza-se pelo fim das metanarrativas, ou seja, de grandes referenciais, nas quais os grandes esquemas de análise, interpretação e explicação da sociedade teriam caído em total descrédito e não haveria mais garantias e certezas, posto que mesmo a ciência já não poderia ser considerada como a fonte da verdade e de emancipação humana. Lyotard, em seu livro *A Condição Pós-Moderna* (1979), utiliza exatamente a expressão "jogos de linguagem" originalmente desenvolvido por Wittgenstein, enfatizando uma característica da experiência da pós-modernidade, de fragmentação e multiplicação de centros de referência e de certeza, de complexidade das relações sociais dos sujeitos, bem como do desamparo do ser humano tanto como ser de linguagem como da própria linguagem. Uma determinada cultura, por mais estranha que pareça, é legítima em si mesma, ainda que a razão instrumental da modernidade não veja nela nenhum significado. O conhecimento narrativo de uma cultura tem o seu jogo de linguagem próprio e não precisa de legitimação, ainda que o discurso científico interprete esse jogo de linguagem narrativo como sendo ignorância, barbárie ou superstição (LYOTARD, 2002). A obra *A Condição Pós-Moderna* é descrito para expressar uma condição de vivência, condição de forma de vida de determinada cultura, legítima em si mesma pela questão da identidade e do sentido que a une.

Nesse sentido, Lyotard fala das metanarrativas, ou grandes referenciais, que expressam os valores que caracterizam a modernidade, os quais são: a emancipação da razão e liberdade, o enriquecimento da humanidade, o progresso da sociedade capitalista e tecno-científica, os estado burocrático moderno ou os grandes nomes da revolução comunista [...]. Seguindo o autor, apesar da afirmação de legitimidade e de totalidade das metanarrativas da modernidade, a ciência e a tecnologia não concretizam as suas propostas (metanarrativas) de universalidade do bem-comum. Ao contrário, aceleram o processo de pulverização e de destruição (WESTPHAL, 2006, p.122-123).

Frente a esta dicotomia das metanarrativas da modernidade na qual a ciência e a tecnologia não concretizam suas propostas de inclusão e universalidade do bem comum, algumas reflexões e questionamentos são inevitáveis. Assim, seguindo a linha de pensamento de Dufour (2001), será que a quebra das tradições, costumes e valores não evidenciam conseqüentemente dessa forma uma falta de sentido da vida bem como, de significados simbólicos? O que está acontecendo com os quadros de referência, grandes sagas de legitimação, especialmente as da religião e da política, que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social? Que perspectiva idealista de libertação e de autonomia está se formando na consciência dos indivíduos? Que fenômenos estão vinculados à transformação da condição do sujeito nas “democracias de mercado” e nas novas formas de alienação e desigualdade sócio-cultural? Será que a humanidade não está amparada por um vazio existencial, vinculados às paixões momentâneas e diversas, a crenças cegas à ciência, às tecnologias, às religiões, ao exagero ao consumo, ao prazer sem reservas, à liberdade sem limites? Hall (1999, p.9), enfatiza algo importante,

Para aqueles/as teóricos/as que acreditam que as identidades modernas estão entrando em colapso, o argumento se desenvolve da seguinte forma. Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a idéia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo.

Será que o desenvolvimento científico está a serviço da humanidade? Será que os jogos de linguagem da ciência não proporcionam a quebra das tradições? Levam ao vazio existencial e a dificuldade ou impossibilidade de se construir um pensamento ideal e pessoal, ou até mesmo de construção coletivas de ideais e valores culturais? Sobre esses aspectos Westphal (2006, p.125) especifica que:

A quebra das tradições na modernidade leva ao desamparo existencial, pois são o suporte para que os valores sejam transmitidos e que moldem o imaginário e o mundo simbólico das pessoas. Os mitos, as narrativas, as poesias, os contos, as orações do dia, as orações fúnebres, são fundamentais para que o simbólico e os valores sejam transmitidos para as novas gerações.

Lyotard descreve algumas considerações importantes a respeito da teoria dos jogos de linguagem e da posição de Wittgenstein frente ao positivismo, bem como sobre o sujeito social e o vínculo social que a linguagem estabelece. Enfatiza que o que Wittgenstein faz à sua maneira, e o que fazem, cada um a seu modo, abre caminho a uma corrente importante na pós-modernidade na qual a ciência joga o seu próprio jogo, assim como o mercado no que diz respeito ao útil, lucro e desempenho, assim descreve:

Nessa disseminação dos jogos de linguagem, é o próprio sujeito social que parece dissolver-se. O vínculo social é de linguagem (*langagier*), mas ele não é constituído de uma única fibra. É uma tecitura onde se cruzam pelo menos dois tipos, na realidade um número indeterminado, de jogos de linguagem que obedecem a regras diferentes. [...]

Pode-se retirar desta explosão um impressão pessimista: ninguém fala todas essas línguas, elas não possuem uma metalíngua-universal, o projeto do sistema-sujeito é um fracasso, o da emancipação nada tem a ver com a ciência, está-se mergulhado no positivismo de tal ou qual conhecimento particular, os sábios tornaram-se cientistas, as reduzidas tarefas de pesquisa tornaram-se tarefas fragmentadas que ninguém domina; [...]

Este pessimismo é o que alimentou a geração do início do século em Viena: os artistas, Musil, Kraus, Hofmannsthal, Loos, Schönberg, Bloch, mas também os filósofos Mach e Wittgenstein. Sem dúvida eles desenvolveram o mais possível a consciência e a responsabilidade teóricas e artística da deslegitimação. [...] A força de Wittgenstein consistiu em não colocar-se ao lado do positivismo que o Círculo de Viena desenvolvia e de traçar em sua investigação dos jogos de linguagem a perspectiva de um outro tipo de legitimação que não fosse o desempenho. É com ela que o mundo pós-moderno mantém relação (LYOTARD, 2002, p. 73-74).

Percebe-se que a filosofia de Wittgenstein, em sua segunda fase, apresenta uma perspectiva não positivista, não funcional, mas cultural, com preocupações com significado e conceitos diversos sobre o sentido da vida. Por isso, em sua primeira obra consistiu em não colocar-se ao lado do positivismo lógico que o Círculo de Viena desenvolvia e de traçar em sua investigação filosófica, outro tipo de legitimação que não fosse o desempenho do capitalismo na qual o mundo pós-

moderno mantém relação, mas efetivamente com o mundo místico (ética, estética e a religião) e com a linguagem e contextos de relevância tais como os jogos de linguagem, as formas de vida e o seguimento de regras. Wittgenstein está inserido na corrente dos pensadores contemporâneos, pós-modernos críticos e originais, servindo como referência e base para análise, compreensão e interpretação das condições sócio-culturais na qual a linguagem se manifesta por meio das vivências.

No *Tractatus*, Wittgenstein na proposição 6.373, diz que “O mundo independe da minha vontade”. Não é o mundo que é necessário mudar e sim a própria vida, pois o mundo não se muda, ele está bem como está. Nesse sentido Geertz (2001, p. 181) também contribui ao afirmar que descreve que: “E, quanto ao mundo, ele não está em nosso cérebro, nosso corpo ou nossa mente: estes é que, juntos com os deuses, os verbos, as pedras e a política, estão nele”. Percebe-se a preocupação de Wittgenstein com a criação humana que dá sentido à vida e representa o mundo onde as ações sociais por meio da linguagem pragmática entram em acordo.

A cultura de fato engloba todos os modos comuns aprendidos e repetidos, transmitidos pelos indivíduos e grupos, representa a totalidade de diversos padrões aprendidos, desenvolvidos, criados e recriados pelo ser humano, incluindo conhecimento, formas de vida, crenças, hábitos, comportamentos.

3.2 Reflexões a respeito da ética e da experiência estética

Acredito poder estabelecer algumas reflexões culturais e análises a respeito da mística na perspectiva de Wittgenstein, percebo a importância de se analisar todos esses aspectos que dizem respeito à cultura, pois para ele a escolha de uma ética ou de uma religião, ou seja, viver de modo ético ou religioso é a escolha de uma maneira de viver, é a escolha de uma forma de vida. Muitos pensadores se arriscam a escrever sobre a ética enfatizando vertentes diversas sobre o conceito, amplitude e dimensão, nesse sentido serão apresentadas algumas reflexões e

considerações sobre o tema da ética e da estética na perspectivas de alguns outros pensadores.

Numa visão mais social, seguindo as idéias de Souza e Rodrigues (2004), a ética é uma espécie de cimento na construção da sociedade: se existe um sentido ético profundo, a sociedade se mantém bem-estruturada, organizada; e, quando esse sentimento ético se rompe, ela começa a entrar numa crise autodestrutiva. Assim enfatizam que toda a violência que se vivencia hoje é porque a vida foi deixando de ser um valor universal. De acordo com estes autores, a ética é muito mais ampla, geral, universal do que a moral. A ética tem haver com princípios mais abrangentes, enquanto a moral se refere mais a determinados campos da conduta humana. Quando a ética desce de sua generalidade, de sua universalidade, fala-se de uma moral, por exemplo, uma moral sexual, uma moral comercial. É como de a ética fosse algo maior e a moral fosse algo mais limitado, restrito, circunscrito.

Já Morin descreve (2007, p.189) que o ser humano é um ser complexo, como segue:

Há no ser humano uma formidável proliferação de maldade, de vontade de fazer mal, prazer em fazer mal. Esse mal do ser humano sobre o humano vem do ódio, da incompreensão, da mentira e é alimentado pela barbárie do espírito; não sai da crueldade objetiva da natureza, mas da crueldade subjetiva do ser humano, a qual se origina, embora não se reduza a isso, do fechamento egocêntrico.

O que fez a sociedade chegar ao estágio atual? Vários valores ligados à defesa da vida e ao modo de como as pessoas se relacionarem consigo mesmas e com as outras, foram se transformando. Tudo isso acabou se deteriorando. No lugar do entendimento prevalece a violência, do diálogo o domínio, da subjetividade o racional, do intuitivo a lógica, do cuidado o desprezo, do respeito a indiferença, do coletivo o egocentrismo, do “pensar bem” o “pensar mal”.

O mal ético está na barbárie das relações humanas, no próprio coração da civilização. Enquanto permanecermos como somos, continuaremos bárbaros e mergulhados na barbárie. Como civilizar em profundidade?

Como educar as boas vontades? Como fazer os homens viverem fraternalmente? Que pode a ética? Que pode a política? Que poderiam uma política ética e uma ética política? [...] Hoje necessitamos de uma política que saiba integrar:

- a incógnita do futuro do mundo;
- a aposta;
- a estratégia;
- um conhecimento pertinente;

e vise a reformar as relações entre os seres humanos. Não se trata de forma alguma de alcançar uma sociedade de harmonia na qual tudo seria paz. A “boa sociedade” só pode ser uma sociedade complexa que abraçaria a diversidade, não eliminaria os antagonismos e as dificuldades de viver, e que comportaria mais religião, compreensão, consciência, solidariedade, responsabilidade (MORIN, 2007, p. 86-87).

Valores como a compreensão, consciência, solidariedade, fraternidade, responsabilidade, boa vontade com certeza poderão alcançar certa harmonia em uma sociedade complexa, onde as dificuldades sempre hão de existir, no entanto como enfatiza Wittgenstein, a ciência jamais irá conseguir desvendar os problemas da existência humana.

A barbárie das nossas almas, espíritos e vida submetidos à incompreensão e à possessividade, ao egocentrismo e às mentiras para si mesmo, à pobreza moral e às carências psíquicas, evidenciam a necessidade de auto-ética! Quanto inferno cotidiano, doméstico, profissional, social! Quanta miniatura dos infernos mais amplos das relações humanas em nosso planeta! (MORIN, 2007, p.142).

É possível enfatizar: quantas crises existenciais, quantas almas incompreendidas, quanto egocentrismo, quanto pobreza moral? Acredita-se que Wittgenstein, no que diz respeito aos juízos éticos, diria que, linguisticamente os fatos não podem ser expressos. A ética é uma parte da filosofia (Filosofia Moral) que busca estudar, elaborar e refletir sobre o comportamento humano, sobre suas regras de conduta em sociedade sob o ponto de vista das noções de bem e de mal. Assim sendo, deve ser avaliada, não como um conjunto de deveres e normas impositivas com artigos e códigos decorados, mas uma reflexão sobre nossas crenças e atitudes que nos trazem alegria e sentimento de realização. A isto o

pensador Morin (2007, p. 97) considera que, “A auto-análise, a autocrítica e a ginástica psíquica coincidem na prática recursiva que consiste em avaliar as nossas avaliações, julgar os nossos julgamentos, criticar as nossas críticas”. Acredita-se que realmente o problema ético central, não é externo, político, social, cultural, mas para cada indivíduo, é o de sua incapacidade de interiorização e reflexão, pois a dimensão interior carece de significado e valoração.

O problema ético central, para cada indivíduo, é o de sua barbárie interior. Para superar essa barbárie, a auto-ética constitui uma verdadeira cultura psíquica, mais difícil e mais necessária que a cultura material, física. A auto-ética é, antes de tudo, uma ética de si para si que desemboca naturalmente numa ética para o outro. Ela exige, ao mesmo tempo, “trabalhar pelo pensar bem” e “pelo pensar-se bem”: a integração do observador na sua observação, o retorno sobre si mesmo para se objetivar, compreender-se corrigir-se, o que constitui, simultaneamente, um princípio de pensamento e uma necessidade de ética (MORIN, 2007, p.93).

Assim também afirma Vázquez (2000, p.23), que “A ética é a teoria ou ciência do comportamento moral dos homens em sociedade. Ou seja, é ciência de uma forma específica de comportamento humano”. A ética é como parte da filosofia, considerada como concepções a respeito da vida, do mundo, do universo, da pessoa e da sociedade, do ser humano e de seu destino. Porém, existe muita confusão a respeito do termo ética e moral, que para muitos significa a mesma coisa, no entanto, para Boff (2003, p.36-37), “Na linguagem comum e mesmo culta, ética e moral são sinônimos. [...] Mas, aprofundando a questão percebemos que ética e moral não são sinônimos”. Ainda segundo Boff (2003, p. 36-37),

A ética é parte da filosofia. Considera concepções de fundo acerca da vida, do universo, do ser humano e de seu destino, estatui princípios e valores que orientam pessoas e sociedades. [...] A moral é parte da vida concreta. Trata da prática real das pessoas que se expressam por costumes, hábitos e valores consagrados. Estes podem eventualmente ser questionados pela ética. Uma pessoa pode ser moral (segue os costumes até por conveniência), mas não necessariamente ética (obedece a convicções e princípios).

A ética pode ser compreendida como uma estruturação de valores que proporcionam qualidade à vida, ela nasce e desenvolve-se dentro dos sujeitos e das comunidades vindo a responder as diversas necessidades humanas, por isso não se estrutura em normas fixas ou códigos pré-estabelecidos, mas se manifesta como um modo de vida, modo dinâmico de ser e viver. E, não é simples falar sobre ética, é uma dimensão muito complexa, visto que envolve pensamento e raciocínio, reflexão sobre regras, normas, valores, cultura, tabus, preconceitos, regras, formas, leis. Por isso que o pensador Morin (2007) enfatiza que essa atitude reflexiva faz repensar e a visitar o bem, o possível, o necessário, o tangível, o mais apropriado, o mundo, a sociedade, a vida. “A ética não pode escapar dos problemas da complexidade. Isso nos obriga a pensar a relação entre conhecimento e ética, ciência e ética, política e ética, economia e ética” (MORIN, 2007, p. 15). Está ligada a nossa condição humana de sobrevivência, condição social, econômica, biológica, física. Todo ser humano possui a opção de viver eticamente ou não, a escolha é rigorosamente pessoal. Saber viver, ou seja, optar por ser ético é optar por dar algum significado à própria existência. As preocupações diárias de cultivo à honestidade consigo mesmo e com o mundo, com todo o sistema da ética deveriam formar a essência da vida.

Assumir a condição humana é procurar uma sabedoria que assume a nossa natureza de *homo complexus (sapiens-demes-ludens-mitologicus-poeticus)*. A sabedoria da vida deve assumir a loucura da vida, que deve integrar a racionalidade numa louca sabedoria (MORIN, 2007, p. 137).

Se a ética for compreendida como uma reflexão, uma atitude de pensar, repensar e visitar tanto o bem como o mal numa perspectiva subjetiva, de várias vias regeneradoras relacionadas à vida e à sociedade, não há como não deixar de caracterizar a dimensão da sabedoria, ou seja, não tem como não deixar de valorizar a importância do silêncio neste campo. Morin (2007), em seu livro *O método 6: ética*, deixa isso transparecer de forma enriquecedora, citando vários filósofos, sendo um deles citado de forma sutil em seu primeiro capítulo intitulado como *O pensamento da ética e a ética do pensamento*. Descreve uma frase de Wittgenstein lembrando-nos que realmente: “É impossível falar de ética”.

A filosofia de Wittgenstein elegeu a linguagem para analisar a sua capacidade de descrever o mundo de maneira adequada. Dentro dessa perspectiva, na primeira fase de sua reflexão filosófica, Wittgenstein acreditava que a lógica era a linguagem ideal para solucionar, de vez, os problemas epistemológicos da filosofia. Ainda assim, o filósofo, mesmo nesse momento, partidário de uma racionalidade altamente restritiva, percebia que a linguagem da lógica não alcançava os grandes temas humanos, ou seja, esses permaneciam fora da possibilidade de qualquer análise. Por esse tempo, Wittgenstein apresentou-se como um pensador quase místico que, para propor a ética como um dos grandes temas humanos, trouxe para sua reflexão o campo da transcendência, o "fora do mundo" (ALBUQUERQUE; SOUZA, 2008, p.3).

Para Wittgenstein, o que ultrapassa os limites da linguagem é o que propriamente não pode ser dito, é o inefável (místico), que em sua primeira obra, no *Tractatus*, é caracterizado pela ética, estética e religião. Enfatiza que, com certeza existe o inefável, relata na proposição 6.522 "Existe com certeza o indizível. Isto se mostra, é o que é místico".

Para Wittgenstein a escolha de uma ética ou de uma religião, ou seja, viver de modo ético ou religioso, é a escolha de uma maneira de viver, é a escolha de uma forma de vida, que não podem deixar de serem considerados na existência humana. A mística, ou seja, a ética, estética e a religião, questões estas que fazem parte das diferentes formas de vida do ser humano ou de determinado grupo de indivíduos são aspectos que dizem respeito à cultura. As proposições do discurso ético são desprovidas de sentido segundo os critérios rigorosos do *Tractatus*, porém não perdem com isso a importância do indizível, que pode ser mostrado, pois também enfatizam e figuram os problemas da vida, os problemas existenciais.

Wittgenstein reconhece a importância que se deve dar à vida, vindo a descrever na proposição 6.52 do *Tractatus* o seguinte: "Sentimos que, mesmo que todas as possíveis questões científicas fossem respondidas, nossos problemas vitais não teriam sido tocados". Assim, o significado do mundo não deve estar nele, e sim fora. No mundo tudo é como é e como acontece que faz acontecer, não tendo qualquer valor, e se houvesse, seria de qualquer valor, pois no mundo não tem valores, os valores não estão incorporados em todo o mundo, eles são criados pelas pessoas, por suas convicções. Questão enfatizada na proposição 6.41 ao dizer que "O sentido do mundo deve estar fora dele. No mundo, tudo é como é e acontece

como acontece: *nele* não há valor – e se houvesse o valor não teria valor. [...]”. As verdades dependem da forma de vida e do pensamento das pessoas, sendo então criadas nos sentido da crença de que o mundo tem essência ou valor, sendo assim, os valores não são do mundo, mas inventadas pelos seres humanos que dizem a respeito ou dão valor às coisas, sendo uma criação e produto do espírito humano.

A vontade como portadora da ética é transcendental, lida com valores em sentido absoluto. Não lida com os fatos, pois transcende aos mesmos, o sujeito transcendental, não modifica os fatos, mas pode modificar a nossa atitude diante dos fatos, mudando a nossa atitude, muda a nossa maneira de ver o mundo como um todo (BORGES, 2006, p.71).

Nesse sentido percebe-se a preocupação subjetiva e sutil de Wittgenstein com a antropologia, com o mundo da cultura, da criação humana que dá sentido ao mundo através de suas representações de vida e de linguagem.

Na segunda fase do pensamento de Wittgenstein, a lógica perde a sua primazia e passa a ser considerada como uma entre outras formas de linguagem. O interesse do filósofo se volta para a imensa variedade de formas que a linguagem possui, na medida em que passa a analisá-la em seus vários contextos de uso no fluxo da vida. Sob esse aspecto, o discurso sobre a ética seria, também, um, entre outros, dotado de uma intenção específica (ALBUQUERQUE; SOUZA, 2008, p.3).

Algumas pessoas apresentam maior inclinação para a prática de atividades mais reflexivas, outras para atividades mais práticas, funcionais e lógicas. Vários filósofos, expoentes da literatura, artistas renomados, tentaram demonstrar o desinteresse da sociedade em geral, independente da época, pelas questões e discussões teóricas e abstratas. Por isso optaram por uma linguagem que partisse mais do sentimento e não da razão, que propusesse ação e poesia, ética e estética, filosofia e atividade, transcendência e vontade, uma linguagem pragmática, em vez de teoria simplesmente. Além da ética, a estética e a religião também estão na dimensão do inefável segundo Wittgenstein, elas se referem a tudo aquilo que pode ser percebido pelos sentidos, parte da experiência sensorial, da sensação, da

percepção sensível, de um gosto subjetivo e individual, diz respeito aos símbolos, a linguagem literária, musical, gráfica, dramática.

Wittgenstein percebeu que o ser humano possui uma vivência complexa cotidiana, o que exige não apenas um pensar racional, mas também um sentir que leve em consideração os aspectos valorativos, transcendentais, que fazem parte da existência humana que apenas podem ser mostrados, vividos, descrita assim no *Tractatus* na proposição 6.421: “É claro que a ética não se deixa exprimir. A ética é transcendental. (Ética e estética são um só)”. Como podemos emitir juízos de valores sobre determinada cultura? Juízos éticos? Como podemos dizer que determinadas ações e vivências de determinado grupo são imorais, incorretas, insanas? Seguindo a perspectiva wittgensteiniana, como podemos emitir juízos estéticos sobre determinada cultura? Considerar o que é belo, bonito, feio? Para Wittgenstein, o que ultrapassa os limites da linguagem é o que propriamente não pode ser dito, é o inefável (místico), que em sua primeira obra, no *Tractatus*, é caracterizado pela ética, estética e religião.

Wittgenstein reconheceu a importância que se deve dar àquilo que dá sentido à vida das pessoas em sociedade, pois a existência humana sempre estará na busca de algo além do material e físico, descreve que, mesmo quando todas as questões científicas tiverem sido pesquisadas, os problemas da vida permanecerão completamente intactos, impossíveis de serem resolvidos. Enfatizava sua insatisfação sobre a condição do declínio cultural no final do século 19 e início do século 20 na Europa, o que representava para ele o da desvalorização e empobrecimento do mundo artístico e o florescimento e valorização extrema da matemática e da mecânica, ou seja, a substituição de um organismo vivo e criador por uma estrutura mecânica e morta (MONK, 1995). O conhecimento do mundo não pode ser expresso ou criado apenas com conceitos e fórmulas matemáticas, equações geométricas, cálculos “precisos e concretos”, ou seja, pela lógica científica. Existem outras formas de construção do conhecimento, de percepção de todas as coisas que é mais vivencial, intuitiva e sensorial e, ela se manifesta por meio da experiência estética, ou seja, da percepção sutil do belo. Sua principal expressão é a arte, e é por ela que a pessoa e a sociedade em geral, percorrem o caminho em direção à cultura.

Tanto no *Tractatus* como nas *Investigações Filosóficas* percebe-se realmente uma continuidade, pois Wittgenstein enfatiza em sua primeira obra que o mundo não tem valores em si, eles não estão incorporados no mundo, mas são criados pelas pessoas, a verdade é construída pelos comunicantes que enfatizam então a crença de que o mundo tem essência ou valor. Os valores, como já estipulados, não são do mundo, mas inventados, criados, construídos pelos seres humanos que dizem respeito ou dão valor às coisas. Os valores culturais são produtos construídos pelos seres humanos por meio da criação, construção dos infinitos *jogos de linguagem*, por isso Wittgenstein enfatizava que na realidade o que importa na vida humana é precisamente aquilo que, segundo a sua perspectiva, deve-se calar. Assim o julgar ético e estético estaria relacionado diretamente com a cultura, com determinada cultura de uma determinada época conforme a forma de vida das pessoas que dela fazem parte e que manifestam suas expressões éticas e estéticas dentro de um determinado jogo de linguagem aceito pelo grupo.

Se por meio de algum jogo de linguagem as pessoas valorizam algum aspecto da ética ou da estética e isso tem valor e dá sentido às suas vidas, a tarefa que se deve ter é calar, ou seja, respeitar. Somente nos jogos de linguagem que os juízos de valor podem se tornar ativos, pois fazem parte de determinada cultura, de um determinado contexto social onde os indivíduos criam e recriam suas próprias regras e formas de vida. Acredita-se que o calar em Wittgenstein, é o sinal de silêncio no sentido de respeito, zelo, cuidado, atenção, perante as diversas dimensões humanas criadas que dão sentido a vida das pessoas em sociedade, ou seja, às dimensões culturais.

3.3 A “virada” linguística e o novo conceito de linguagem pragmática

Percebendo equívocos no *Tractatus*, tratou de definir seus conceitos sobre como descrever o mundo de forma adequada e a rever toda a sua obra. É o que se chama, via de regra, *Virada Linguística* em seu pensamento. Assim posteriormente

escreveu as *Investigações filosóficas*, obra publicada postumamente em 1953, na qual caracterizou a linguagem como ferramenta de uso. Para Wittgenstein a lógica deixa de ser uma técnica em sua segunda fase. A linguagem escrita deixa de ser uma questão precisa, uma questão de certeza e exatidão, para tornar-se uma questão de possíveis diante das alternativas que os códigos escritos (a grafia) ou as intenções da fala denotam. As palavras, ou seja, a linguagem é, agora, compreendida, como um punhado de ferramentas que podem ser utilizadas nas mais variadas formas, pois dependerão sempre da imaginação, necessidade e interesse de quem fará uso delas. O próprio Wittgenstein se expressou sobre esse sobre esse entendimento de muitas maneiras ao longo de seu texto da fase madura. Entre as quais, destaca-se a que segue nas *Investigações* (§ 11):

Pense nas ferramentas em sua caixa apropriada: lá estão um martelo, uma tenaz, uma serra, uma chave de fenda, um metro, um vidro de cola, cola, pregos e parafusos. – Assim como são diferentes as funções desses objetos, assim são diferentes as funções das palavras [...].

Como se constata nas *Investigações filosóficas* a linguagem é considerada como uma caixa de ferramentas e, a verdade não está mais na forma lógica dos enunciados da ciência que descrevem e dizem o mundo, mas a verdade é dada pelo uso da linguagem nos “n” jogos de linguagens, nas “n” formas de vida, “n” regras, “n” possibilidades. Wittgenstein então enfatiza, “A linguagem é um instrumento. Seus conceitos são instrumentos. Pensamos talvez que não possa fazer uma *grande* diferença *quais* conceitos empregemos. [...]” (Op. cit. § 569).

A linguagem assume, não mais uma estrutura lógica de espelhamento do mundo, fornecendo um retrato, uma figuração do real, mas a linguagem assume nas *Investigações*, uma função pragmática. Seu valor não está mais no espelhamento, mas no seu valor de uso em determinado contexto público, vivenciado no cotidiano, assim toda linguagem determina uma forma de vida, toda forma de vida determina um jogo de linguagem, todo jogo determina um seguimento de regras. [...] – “Seguir uma regra, fazer uma comunicação, dar uma ordem, jogar uma partida de xadrez são *hábitos* (costumes, instituições)” (Op. cit. § 199). Aprender uma linguagem é aprender as regras de determinado jogo, é saber dominar estas regras.

Pensemos, pois, naqueles casos para os quais dizemos que um jogo é jogado segundo uma regra determinada!

A regra pode ser um auxílio no ensino do jogo. É comunicada àquele que aprende e sua aplicação é exercitada. Ou é uma ferramenta do próprio jogo. Ou: uma regra não encontra emprego nem no ensino nem no próprio jogo, nem está indicada num catálogo das regras. Aprende-se o jogo observando como os outros o jogam. Mas dizemos que se joga segundo esta ou aquela regra, porque um observador pode ler essas regras na *práxis* do jogo, como uma lei natural que as jogadas seguem [...] (Op. cit. § 54).

Wittgenstein utiliza o termo jogo, não no sentido de competição, mas essencialmente de interação entre as pessoas, de comunicação entre os falantes, a ideia de jogo de linguagem pode ser compreendido como um sistema de comunicação entre as pessoas onde existe a observação, aprendizado, vivência. Não é a lógica que clarifica o mundo, não é o pensamento que elucida o mundo, mas a ação, o comportamento que é uma atividade que está ou não de acordo com cada jogo, a questão agora é aprender como jogar cada jogo. Nas *Investigações filosóficas*, a noção de *jogo de linguagem* (*Sprachspiel*) é caracterizada como comunicação e interação, tendo objetivos determinados para os falantes que devem seguir regras. É no cotidiano das relações que as regras são apreendidas e assimiladas. Conforme Wittgenstein mesmo diz, isso faz parte de determinada cultura que estabelece padrões, costumes, hábitos, maneiras de ser, modos de agir. Assim, pois, chamemos à fala essa sua importante interrogação:

O que acontece quando as pessoas não têm o mesmo sentido de humor? Não reagem umas às outras convenientemente. É como se entre certos homens existisse o costume de um atirar a outro uma bola, que deve ser por este agarrada e atirada de volta; mas alguns, em vez de a atirarem de volta, põem-na nos seus bolsos. Ou como será para alguém não conseguir abarcar o gosto de outra pessoa? (WITTGENSTEIN, 1980, p.121).

Quando uma pessoa não abarca do gosto de outra pessoa, ela simplesmente não quer fazer parte daquele jogo de linguagem, não quer seguir aquelas regras, que de acordo com aquela determinada cultura ou contexto é o costume, o habitual, o padrão de comportamento. Algumas pessoas assumem e entram em

conformidade, outras não, assim optam por outros infinitos jogos de linguagem, outros infinitos padrões de comportamento, outras formas de vida. Há entendimentos prévios, como no caso da bola, que em nossos dias é perfeitamente entendível entre povos ocidentalizados e, diga por força de expressão, “formatados” por determinadas informações sublimares que a vida mediática inculca nas pessoas. Mas será que um afegão entenderia a questão da bola? Nesse sentido também poder-se-ia mencionar alguns costumes em torno do fumar. Há pessoas que bom hábito, não fumar diante dos pais. Mesmo sendo fumante há décadas, não fumam diante de seus pais. E, não é justo supor que os pais não saibam disso. Parece ridículo, mas há entendimentos expressos em costumes assim que fogem à lógica formal da linguagem. Não se trata de semantismo e nem de gramática normativa, gerativa. Qualquer categoria dessas não explica coisas tão estranhas e ao mesmo tempo “entendíveis” pelos agentes implicados.

Para Wittgenstein nas *Investigações* (§ 203), “A linguagem é um labirinto de caminhos. Você entra por *um* lado e sabe onde está; você chega por outro lado ao mesmo lugar e não sabe mais onde está”. O filósofo enfatiza que as culturas possuem significados amplos e apresentam diversos caminhos, englobam diferentes modos comuns de vivência e sobrevivência, transmitidos, criados, destruídos e reconstruídos pelos indivíduos e grupos em sociedade. Acredita-se que a filosofia de Wittgenstein apresenta uma perspectiva cultural, pois quando falamos em linguagem ordinária, cotidiana, estamos nos referindo às ações do dia-a-dia, as formas de vida em sociedade. A todas àquelas dimensões práticas que representam a totalidade de padrões diversos, aprendidos e desenvolvidos pelo ser humano, incluindo conhecimentos, comportamentos, hábitos, costumes, reações, gostos, sentidos. Sob esse aspecto as palavras do comentador vão ao encontro do entendimento acima expressado,

Há diferenças de ênfase que considero imprescindível esboçar, mesmo que em poucos traços, entre minha forma de ver *Investigações* e outras que eu conheço: a saber, o que tenho em mente ao dizer que existe uma perspectiva a partir da qual a filosofia de Wittgenstein pode ser vista como uma filosofia da cultura. Penso nelas como diferentes direções de resposta às perguntas: o que é o caráter cotidiano ou ordinário da linguagem? O que é uma forma de vida? (CAVELL, 1997, p.37).

É no âmbito das diversificadas culturas existentes, neste mundo de transformações cotidianas, que estão incluídos os modos de vida, as formas de vida, os gostos dos indivíduos, os hábitos, o uso da linguagem entre os comunicantes.

3.4 A linguagem e o uso: *os jogos de linguagem e as formas de vida*

Wittgenstein, a partir de sua descrição sobre formas de vida e jogos de linguagem, demonstra apresentar uma preocupação cultural, por isso sua segunda fase demarca uma abordagem antropológica. De um lógico positivista e técnico, que via a linguagem apenas como constituída de códigos precisos e matematizáveis, Wittgenstein muda e se insere em outros patamares. Aproximou-se mais de princípios filosóficos que se punham exatamente contra a esteira técnica que o positivismo representava. A coisificação daquilo que a linguagem representa ou pode representar de forma matemática e positiva, é, em Wittgenstein a partir desse período, algo do qual ele procura se distanciar. Como já foi dito ao longo desta investigação, vários fatores contribuíram para essas mudanças e não seria necessário retomá-las. Mas em que elas se baseiam especificamente? Nem sempre é simples abordar esses aspectos porque que são sutis e não se deixam moldar fácil pelos conceitos que deles podemos ter. A importante e elucidativa passagem do comentador a seguir, traz informações que são basilares para o entendimento dessa questão. Suas palavras vão assim:

Um dos aspectos mais marcantes em que a obra madura de Wittgenstein difere do *Tractatus* é justamente a abordagem “antropológica”; isto é, enquanto o *Tractatus* lida com a linguagem desvinculada das circunstâncias em que ela é usada, as *Investigações filosóficas* enfatizam repetidas vezes a importância da “corrente de vida” que confere aos enunciados linguísticos seu significado: um “jogo de linguagem” não pode ser descrito sem menção às atividades e o modo de vida da “tribo” que o joga (MONK. 1995, p. 240).

Para Wittgenstein, o *jogo de linguagem* deve salientar que o falar da linguagem é uma parte de uma atividade ou de uma forma de vida e que há uma multiplicidade de jogos de linguagem, de ferramentas da linguagem e seus modos de emprego, há uma multiplicidade das espécies de palavras e frases utilizadas no dia-a-dia, bem como em diversos contextos. Wittgenstein, nas *Investigações* (§ 116) descreve:

Quando os filósofos usam uma palavra – “saber”, “ser”, “objeto”, “eu”, “proposição”, “nome” – e procuram apreender a *essência* da coisa, deve-se sempre perguntar: essa palavra é usada de fato desse modo na língua em que ela existe? – Nós reconduzimos as palavras do seu emprego metafísico para seu emprego cotidiano.

Os *jogos de linguagem* dizem respeito às diversas condições de possibilidades do cotidiano, de adequação a determinado contexto social entre os comunicantes, pois a realidade é sempre mutável, criada, recriada, existindo sempre novos e diferentes contextos comunicacionais. Araújo (2004, p.111), descreve de forma bem clara sobre a importância do contexto comunicacional:

O que uma pessoa expressa não depende só do que ela diz, mas das circunstâncias que mostram qual jogo de linguagem está sendo jogado, pois não há uma mente repleta de significados, imagens interiores e conceitos requerendo interpretação. Em nossa cultura, temos formas de vida que sabem fazer regras e que sabem aplicá-las. As regras são compartilhadas e permitem saber o que é relevante em dada situação.

Percebe-se que existe na linguagem entre os falantes, que pertencem a uma determinada cultura, um tipo de comportamento guiado por regras que faz com que a linguagem seja compreendida e aceita. Para Wittgenstein é num contexto dado, ou seja, numa determinada cultura, que o significado de uma palavra terá valor, propriamente seu uso somente terá importância e coerência em determinado contexto. Os jogos de linguagem mostram que, havendo acordo na ação faz sentido seguir as regras que não são impostas, mas que fazem parte do processo de interação sobre o modo de vida. Assim descreve Wittgenstein (Op. cit. § 241), “– Correto e falso é o que os homens *dizem*; e na *linguagem* os homens estão de acordo. Não é um acordo sobre as opiniões, mas sobre o modo de vida”.

Linguagens diferentes exigem regras diferentes, assim onde há uma multiplicidade de jogos de linguagem, conseqüentemente haverá diferentes regras a seguir conforme cada jogo. Assim podemos adentrar no mundo das culturas, existe uma multiplicidade de culturas, cada uma com suas regras de convivência, e dentre destas mesmas culturas uma infinidade de jogos de linguagem, ou seja, diversas formas de vida com suas respectivas regras a seguir.

Aprende-se determinado jogo jogando, assim como também, aprende-se determinada regra cultural participando, convivendo daquele contexto cultural. Uma linguagem é aprender as regras de determinado jogo, é saber dominar estas regras, é assimilar uma determinada cultura. Wittgenstein descreve nesse sentido nas *Investigações* (§ 206): “Seguir uma regra é análogo a: seguir uma ordem. Somos treinados para isto e reagimos de um determinado modo. [...] O modo de agir comum a todos os homens é o sistema de referência, por meio do qual interpretamos uma linguagem desconhecida”.

A linguagem passa a ser uma ferramenta pública, ordinária, do dia-a-dia, onde há uma multiplicidade de jogos de linguagem, como prometer, comandar, expor, inventar histórias, cantar, pedir, agradecer, orar. Essa multiplicidade corresponde a diversas formas de vida, há diversos e numerosos jogos de linguagem que não há como classificar. Wittgenstein (Op. cit. § 23) especifica desta forma:

[...] Imagine a multiplicidade dos jogos de linguagem por meio destes exemplos e outros:
 Comandar, e agir segundo comandos –
 Descrever um objeto conforme a aparência ou conforme medidas –
 Produzir um objeto segundo uma descrição (desenho) –
 Relatar um acontecimento –
 Conjeturar sobre o acontecimento –
 Expor uma hipótese e prová-la –
 Apresentar os resultados de um experimento por meio de tabela diagramas
 –
 Inventar uma história; ler –
 Representar teatro –
 Cantar uma cantiga de roda –
 Resolver enigmas –
 Fazer uma anedota; contar –
 Resolver um exemplo de cálculo aplicado –
 Traduzir de uma língua para outra –
 Pedir, agradecer, maldizer, saudar, orar.

Para Wittgenstein, o jogo de linguagem é um instrumento, processo de interação e comunicação, de aprendizado, de movimento, de pronúncia, de denominação, de repetição de palavras, ou seja, o conjunto de atividades, ações e usos com as quais a linguagem está interligada. Todas estas ações citadas, não fazem parte de um processo privado e único, mas trata-se de uma prática aprendida em determinado contexto social, um comportamento que depende do modo como interagimos publicamente.

Wittgenstein enfatiza os processos comunicacionais, sempre se tratando de processos que se tornam em hábitos por meio das regras, comportamentos que dependem de situações específicas. Bem, o mundo continua doente e a doença se estabelece quando se usa as regras de um jogo para julgar outro jogo que segue outra regra em si, esse julgamento pode ser mostrado como sendo sem sentido, um discurso destituído de sentido. Assim por exemplo, podemos também especificar como um problema o etnocentrismo, a supervalorização da própria cultura em detrimento das demais, como se uma determinada cultura fosse a melhor, a correta, a mais digna. A verdade se estabelece em função do uso da linguagem, ela está em cada forma de vida que se estabelece entre os comunicantes e vai depender do acordo estabelecido entre eles. O uso é algo observável objetivamente, assim muitas vezes numerosos mal-entendidos da linguagem dependem do fato de se usar uma palavra, frase ou gesto fora do contexto que lhe é apropriado (PENCO, 2006).

Na perspectiva wittgensteiniana, a filosofia se faz via a linguagem sendo considerada como atividade nas *Investigações*, não tendo como função ou pretensão de elaborar uma teoria sobre a verdade do mundo, mas cabe a ela limpar, elucidar, clarificar discursos sem sentido. Fazer terapia de cura do mundo é desta forma, mostrar quais são as regras de determinado jogo e como a empregamos na linguagem. Na linguagem, o vínculo entre uma palavra e seu significado deve ser encontrado na prática, no seu uso concreto entre os falantes, e não na teoria. O que dá significado a linguagem é a vivência, o uso propriamente dito, a relação da palavra com os atos. Faz parte da interação prática, por isso a linguagem é considerada no “segundo” Wittgenstein como linguagem pragmática, assim especifica nas *Investigações* (§ 7):

Na *práxis* do uso da linguagem (2), um parceiro enuncia as palavras, o outro age de acordo com elas; na lição de linguagem, porém, encontrar-se-á *este* processo: o que aprende *denomina* os objetos. Isto é, fala a palavra, quando o professor aponta para a pedra. – Sim, encontrar-se-á aqui o exercício ainda mais simples: o aluno repete a palavra que o professor pronuncia – ambos os processos de linguagem semelhantes.

Podemos também imaginar que todo o processo do uso das palavras em (2) é um daqueles jogos por meio dos quais as crianças aprendem sua língua materna. Chamarei esses jogos de “*jogos de linguagem*”, e falarei muitas vezes de uma linguagem primitiva como de um jogo de linguagem.

E poder-se-iam chamar também de jogos de linguagem os processos de denominação das pedras e da repetição da palavra pronunciada. Pense os vários usos das palavras ao se brincar de roda.

Chamarei também de “*jogos de linguagem*” o conjunto da linguagem e das atividades com as quais está interligada.

Não se pode encontrar uma definição única para todas as modalidades dos diversos jogos de linguagem, pois são inúmeras e infinitas as falas nas diferentes formas de vida, apenas pode-se aproximar uns dos outros, assim Wittgenstein irá caracterizar o termo *semelhanças de família* a qual o conjunto da linguagem e das atividades está interligado. O jogo de linguagem deve ser entendido como atividade, diálogo de troca, de interação, *práxis*, integração, diferenciação, repetições, construção de conceitos e aprendizagens, movimento, ação guiada por regras. Jamais no sentido de competição, mas sempre em processos de comunicação onde o significado das palavras está no seu uso concreto entre os falantes que dá sentido a uma forma de vida.

A fim de construir culturas, formas de vida e viver uma vida comunicativa, se faz necessário usar algumas ferramentas nos jogos de linguagem, um dos diversos jogos é o jogo da linguagem de dúvidas e certezas, de inclusão e domínio, por isso, aceitar ou não determinadas regras é conveniente, pois é ao mesmo tempo aceitar ou não determinada forma de vida, determinada cultura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação não é um trabalho sobre a filosofia de Wittgenstein unicamente, e sim um trabalho especulativo, de cunho bibliográfico, sobre relações do Segundo Wittgenstein e noções sociológicas como cultura, sociedade e patrimônio. Assim sendo, o eixo investigativo procurou tratar da relação entre noções como Cultura e Sociedade, enquanto elementos constituidores do que se chama Patrimônio Cultural em perspectiva interdisciplinar, com aspectos retirados da filosofia de Wittgenstein.

Esses aspectos filosóficos, mais precisamente os “jogos de linguagem” (Sprachspiel), ao longo do texto dissertativo foram chamados de “recorte” porque está inserido em conceituações mais abrangentes da filosofia do autor. É um aspecto importante, mas há outros mais centrais na filosofia wittgensteiniana. O Sprachspiel é uma aporia uma frincha, que trata de muitas variantes, como a ética, a música e também problemas culturais. Os “jogos de linguagem” formam uma parte, inserida na noção de “sentido” que Wittgenstein passou a incorporar à sua filosofia depois da década de trinta, quando abandona a lógica e toda a ferramentaria instrumental-positiva que a caracterizou. Ou dizendo de outro modo, procurou-se alinhar Cultura, Sociedade e Patrimônio Cultural, que são, *lato sensu*, concepções históricas e sociológicas, e a forma que eles adquirem ao longo do uso. Assim, pois, ao lado desses conceitos de uso deve ser entendida a tentativa desta investigação ao introduzir a noção “jogos de linguagem” que vem da filosofia de Wittgenstein.

Os “jogos de linguagem” da filosofia de Wittgenstein constituem, portanto, um recorte, como ficou dito, que permite a comparação entre coisas distintas, como são as análises filosóficas do austríaco sobre o alcance e significado da linguagem e problemas de ordem cultural e societária. Como *Cultura e Sociedade* não podem existir fora de uma perspectiva que engloba a linguagem, surgiu à tentativa de verificar como o temo “jogos de linguagem” contribui para o entendimento desse problema. Para a filosofia, assim é para Wittgenstein, mas também para vários outros filósofos, interessa clarificar conceitos e os seus empregos. Se perguntado fosse: o que é cultura? Ou, o que é Sociedade? Ocorreria provavelmente o mesmo

do que se diz da Liberdade: “não há ninguém que não saiba o que ela signifique e também ninguém que a explique”²⁴. É típico a filosofia perguntar “o que é tal e tal?”

Em um primeiro momento parece claro e evidente o que seja *Patrimônio Cultural, Sociedade, Cultura*. Mas, se analisado com mais rigor a clareza se dissipa logo, dando lugar a muitas dúvidas. Todavia, também não nos compete tratar conceitualmente, diga-se positivamente, o que seja Cultura e Sociedade. A história, a antropologia e a sociologia dão conta do recado.

O teor dessa dissertação é constatar que a linguagem é um patrimônio cultural, utilizado como jogo para se referir aos problemas culturais. O que nos liga a Wittgenstein é justamente romper o sentido técnico, tão em voga em nossas academias, para perceber que Sociedade e seu “rastros” – a cultura – não podem jamais ser açambarcados por fórmulas precisas ou exatas. A noção de exatidão e de certeza vinda de Descartes, Newton, Leibniz e tantos outros filósofos, infestaram as nossas mentes. Nesse sentido, Wittgenstein foi um pensador singular, um lutador como dissemos, a fim de conceituar a linguagem como possibilidades de uso. Mas também para nos livrar das concepções de mundo que se tornam leis, infestando mentes e corações. Não é Cultura também um amontoado de ideologias que servem para “salvar”, “glorificar” e também destruir pessoas e espíritos? Como a tirania é possível? Não há sociedade sem cultura. E não importa o quão diferente pode ser a de um esquimó quando comparada à de um brasileiro. A tarefa da filosofia, assim ensina Wittgenstein é manter o cérebro ativo. Não se deixar viciar pelas concepções. Manter-se vigilante contra a tirania que as ideologias representam. Eis o legado de Wittgenstein!

Mas por que Wittgenstein deixa a lógica, antes tão decisiva e elucidativa, para praticamente por em prática uma filosofia completamente diferente, senão o contrário daquela de sua juventude? Aí está o que une as intenções desta dissertação à filosofia de Wittgenstein. As razões que levam o filósofo austríaco a mudar seu enfoque e seu crivo de análise, são muitas e delas foi tratado ao longo da pesquisa, o que não será retomado nessas Considerações Finais. O decisivo é que

²⁴ Cita-se livremente. Pode haver alguma imprecisão na afirmação. Mas é uma frase de efeito amplamente conhecida.

a mudança de enfoque que o filósofo faz, permite aproximações sobre situações interdisciplinares – objetivo principal deste trabalho dissertativo.

Se a linguagem fosse tão somente uma engenharia lógica, um amontoado de peças que, se usadas cirurgicamente possibilitassem a confecção de conceitos matematicamente, a filosofia de Wittgenstein seria inadequada para estabelecer conexões com a Cultura, Sociedade e seus resultados. Nada é tão impreciso quanto uma cultura. Mas a linguagem é também uma questão cultural. Os problemas que constituem os elementos culturais são entendidos, praticados e vistos a partir das regras fundacionais que o uso determina. Não se trata de rejeitar a gramática ou a sintaxe. Mas de perceber que “a linguagem, em si, é uma forma de vida” (JOHNSTON, 2008, p. 143). A cultura, em si mesma, é também linguagem. O que surge então não é uma situação onde as coisas estão separadas. Em linguagem filosófica tradicional, diz-se ontologia, pois não há um sem o outro. Linguagem pressupõe cultura e a cultura está fundada na linguagem. O que é então linguagem para Wittgenstein? Entendimentos que a linguagem escrita ou não permite. Saber fazer uso do jogo, das possibilidades que a linguagem oferece. Se a cultura é o que historicamente explica e representa uma sociedade, linguagem é o meio que torna o relacionamento possível, como também torna possíveis reflexões a posteriori sobre temas previamente estabelecidos, como é o caso deste trabalho em especial. As coisas que fazemos não estão afastadas das formas vitais em que as fazemos. A relação fria Sujeito/Objeto não se mantém. Escrever uma dissertação sobre os *jogos* é também reconhecer que Cultura não é um objeto distante, como se o investigador estivesse fora das condições que descreve. Não, algo assim não existe.

A investigação do Segundo Wittgenstein apóia-se na linguagem informal, na dita forma comum, mesmo aquelas que fogem aos padrões elitistas e estéticos da cultura erudita. O filósofo, nessa segunda fase, já não quer mais exatidão e certezas, mas regras que fundamentem o *jogo de linguagem*. Mas que regras são essas? A própria linguagem é a regra. Ela é em si mesma um conjunto complexo que o uso de determinado contexto decifra, codifica ressignifica, transmite. Ora, Cultura e Sociedade existem como fenômenos humanos. Podemos falar de cultura erudita e popular, da sociedade paulistana, joinvillense ou manauara. Independentemente das várias culturas e das diferenças internas de uma determinada sociedade, fala-se em sociedade como que sendo os habitantes que

comungam um mesmo espaço social. Podemos também falar em cultura erudita, cultura de consumo, cultura popular porque todos esses aspectos encontram-se reunidos em um espaço cultural. Se tomarmos a cidade de Joinville como categoria “sociedade joinvillense”, é certo que vamos encontrar variedades culturais em termos de erudição e de senso comum. Mas em sentido amplo, fala-se em cultura joinvillense. Mas o que isso importa? Acontece que a cultura se dá pelos entendimentos e também desentendimentos. Para haver desentendimentos é preciso haver entendimentos. Do contrário, nunca ninguém saberia que alguém está em desacordo com ele. Como nos compreendemos? Ser falante do português, no nosso caso, é um aspecto importante. Mas a cultura é formada por substratos e graus que vão da erudição à cultura de consumo, vulgar, baseada no senso comum. E todas essas classificações sociológicas e econômicas já são também um problema cultural. Mesmo com todas as diferenças culturais que estão presentes nas classes sociais, e não precisamos evocar o velho Marx, há entendimentos. Como eles são possíveis sendo os contextos internos de uma sociedade e de uma cultura formados por perspectivas também muito variadas? Wittgenstein, com seus “jogos” nos dirá que são as formas de uso que estatuímos pelo relacionamento, pela prática de uso mesmo. O Patrimônio Cultural, formado por concepções religiosas e ideológicas, por sistemas econômicos, por instituições de ensino, resultam em embates sociais.

Este trabalho dissertativo teve uma significativa dose de ousadia. Afinal, querer combinar a filosofia de Wittgenstein que, como se sabe, é bastante complexa, com conceitos interdisciplinares como Cultura e Patrimônio Cultural, não é de modo algum tarefa simples. Porém, como ficou dito nas *Considerações Iniciais* desta dissertação, não se trata de arrogância da autora e nem modismo acadêmico. Trata-se, acima de tudo, de uma tentativa séria e que se julgou justa e cabível. Se todos os objetivos foram alcançados é difícil precisar. Cabe aos leitores e avaliadores julgarem a validade da tentativa e o alcance dos resultados. De nossa parte cabe dizer que nos sentimos felizes pelo empreendimento realizado, embora sabendo que muitas lacunas ficaram. E ninguém também pode querer ter a última palavra sobre um determinado tema ou problema. Assim sendo, espera-se que as frinchas abertas por essa tentativa aqui, permitam que outras brotem.

Realizar um estudo sobre o pensamento de Wittgenstein é realmente muito instigante, no entanto querer aprofundar suas obras a ponto de entendê-las com total clareza é outro aspecto angustiante, pois seus escritos não são claros e evidentes, bem como seu pensamento e linha de raciocínio. Seus escritos de difícil entendimento são convidativos a um aprofundamento cada vez mais esclarecedor sobre a filosofia, a linguagem, o sentido da vida, o mundo, pois não está nada dado nem pronto, nem acabado, nem esclarecido em suas obras.

Por vezes o leitor se incomoda em ler Wittgenstein, pois quando acha que está entendendo algo, ele enfatiza que suas proposições devem servir de escada a ser jogada fora pelos que por ela subirem e que, o que realmente importa não é o que está escrito, mas essencialmente o que ele não escreveu, ou seja, o que não disse.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Arruda e MARTINS, Maria Pires. **Filosofando**: introdução à história da filosofia. São Paulo: Moderna, 2000.

ARAÚJO, Inês Lacerda. **Do signo ao discurso: introdução à filosofia da linguagem**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

ALBUQUERQUE, Elaine Deccache Porto; SOUZA, Solange Jobim. Wittgenstein e Walter Benjamin: inquietações éticas e filosóficas como formas de viver e pensar. **Psicol. clin.**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em: 19 set. 2009.

BOFF, Leonardo. **Ética e moral**: a busca dos fundamentos. Petrópolis: Vozes, 2003.

BORGES, Valdir. **Aproximação entre a lógica e a ética no *Tractatus lógico-philosophicus* de Ludwig Wittgenstein**. 2006. 85f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Pontifícia Universidade Católica de Curitiba, Paraná.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Constituição. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao>. Acesso em: 14 mar. 2008.

BUCHHOLZ, Kai. **Compreender Wittgenstein**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

CALDAS, Waldenyr. **Cultura**. 5. ed. São Paulo: Global, 2008.

CARVALHO, Olavo de. **O jardim das aflições**. De Epicuro à ressurreição de Cesar: ensaio sobre o materialismo e a religião civil. 3. ed. São Paulo: É Realizações Editora, 2010.

CAVELL, Stanley. **Esta América nova, ainda inabordável**: palestras a partir de Emerson e Wittgenstein. Tradução de Heloísa Toller Gomes. São Paulo: Ed.34, 1997.

CHAUI, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2005.

CHAUVIRÉ, Christiane. **Wittgenstein**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

COLLINSON, Diané. **50 grandes filósofos**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

CONDÉ, Mauro Lúcio Letão. **Wittgenstein, linguagem e mundo**. São Paulo: Annablume, 1998.

COSTA, Cláudio Ferreira. **Filosofia da linguagem**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

COSTA, Cristina. **Introdução à ciência da sociedade**. São Paulo: Moderna: 2000.

COTRIM, Gilberto. **Fundamentos da filosofia: ser, saber e fazer**. 8. ed. São Paulo: Saraiva, 1993.

DUFOUR, Dany-Robert. **Os extravios do indivíduo-sujeito: uma nova condição humana**. 2001. Trad. Selvino José Assmann. Disponível em: <<http://www.cfh.ufsc.br/~wfil/dufour.htm>>. Acesso em: 01 jul. 2008.

DUTRA, Luiz Henrique de Araújo. **Oposições filosóficas: a epistemologia e suas polêmicas**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2005.

EAGLETON, Terry. **A idéia de cultura**. Tradução Sandra Castello Branco. São Paulo: UNESP, 2005.

FROW, John; MORRIS, Meaghan. Estudos culturais. In: DENZIN, Normam K.; LINCOLN, J. **O planejamento da pesquisa qualitativa**. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FUNARI, Pedro Paulo; PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. **Patrimônio histórico e cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

GEERTZ, Clifford. **Nova luz sobre a antropologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2001.

GLOCK, Hans-Johann. **Dicionário Wittgenstein**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

HALL, Stuart. **A identidade cultural pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

HEBECHE, Luiz. O mundo da consciência: sobre a filosofia da psicologia de Ludwig Wittgenstein. **Revista Portuguesa de Filosofia**, T.58, Fasc.3, jul-sep, 2002. pp.633-641.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras. **Educação patrimonial**. Disponível e: <<http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2003/ep/pgm1.htm>>. Acesso em: 10 set. 2010.

JOHNSON, Allan G. **Dicionário de sociologia: guia prático da linguagem sociológica**. Trad. Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

JOHNSTON, Derek. **História concisa da filosofia: de Sócrates a Derrida**. Tradução de Rogério Bettoni. São Paulo: Edições Rosari, 2008.

LYOTARD, Jean François. **A condição pós-moderna**. 7. ed. Trad. Ricardo Corrêa Barbosa. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

MAGALHÃES, Aloísio. **E triunfo? A questão dos bens culturais no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

MARCONDES, Danilo. **Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

_____. **Textos básicos de filosofia:** dos pré-socráticos a Wittgenstein. 4ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

MARÍAS, Julian. **História da filosofia.** São Paulo: Martins Fontes, 2007.

MARQUES, José Oscar de Almeida. **Espaço e tempo no *Tractatus* de Wittgenstein.** 1995. Disponível em: <http://www.cfh.ufsc.br/~wfil/jmarques3.htm>. Acesso em: 10 nov.2010.

MONK, Ray. **Wittgenstein:** o dever do gênio. Trad. Carlos Afonso Malferrari. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

MORENO, Arley R. **Wittgenstein:** os labirintos da linguagem – ensaio introdutório. São Paulo: Editora da Universidade de Campinas, 2000.

MORIN, Edgar. **O método 6:** ética. 3.ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Assim Falou Zaratustra.** Trad. Mário da Silva. 12. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

PENCO, CARLO. **Introdução à filosofia da linguagem.** Petrópolis: Vozes, 2006.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992. Disponível em: <http://www.icarabe.org/curso/curso2009_historia_oral/6_memoria_e_identidade_social_pollak_.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2010.

PONZIO, Augusto. Filosofia da linguagem como arte da escrita. In: PONZIO, Augusto; CALEFATO, Patrícia; PETRILLI, Susan. **Fundamentos de filosofia da linguagem.** Petrópolis: Vozes, 2007.

SCRUTON, Roger. **Introdução à filosofia moderna** de Descartes a Wittgenstein. Trad. Alberto Oliva e Luis Alberto Cerqueira. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

SOUZA, Herbert; RODRIGUES, Carla. **Ética e cidadania.** São Paulo: Moderna, 1994.

STRATHERN, Paul. **Wittgenstein em 90 minutos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

TILLICH, Paul. **Teologia sistemática.** Tradução de Ênio Mueller. São Paulo: Sinodal, 2006.

UNESCO. **O que patrimônio cultural imaterial?** Disponível em: <http://translate.googleusercontent.com/translate_c?hl=pt-BR&sl=en&u=http://www.unesco.org/culture>. Acesso em: 25 out. 2010.

VALLE, Bortolo. **Wittgenstein:** a forma do silêncio e a forma da palavra. Curitiba: Champagnat, 2003.

_____. A filosofia da psicologia em Ludwig Wittgenstein: sobre o “plano de tratamento dos conceitos psicológicos”. **Revista AdVerbum**, 2 (1), jan a jun, 2007: pp.102-111.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Ética**. 20. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

VILA NOVA, Sebastião. **Introdução à sociologia**. 2. ed. São Paulo:Atlas, 2004.

WEATE, Jeremy. **Filosofia para jovens**. Trad. Helena Gomes Klimes. São Paulo: Callis, 1999.

WESTPHAL, Euler Renato. **O oitavo dia na era da seleção artificial**. São Bento do Sul: União Cristã, 2004.

_____. **Brincando no paraíso perdido**: as estruturas religiosas da ciência. São Bento do Sul: União Cristã, 2006.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Diário filosófico (1914-1916)**. Trad. Jacobo Munoz e Isidoro Reguera. Barcelona: Editorial Ariel, 1982.

_____. **Cultura e valor**. Biblioteca de Filosofia Contemporânea. Lisboa, 1980.

_____. **Investigações filosóficas**. 2. ed. Tradução de José Carlos Bruni. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

_____. **Tractatus lógico-philosophicus**. Tradução de José Arthur Giannotti. São Paulo: Nacional, 1968.